



transformando crises em oportunidades

*O grande desafio para criar
um futuro dourado para a humanidade*

OSHO

Cultrix



TRANSFORMANDO CRISES EM OPORTUNIDADES



OSHO

TRANSFORMANDO CRISES EM OPORTUNIDADES



O Grande Desafio para Criar um Futuro
Dourado para a Humanidade

Tradução
Denise de C. Rocha Delela



Título original: *It's All About Change*, edição expandida e atualizada da obra intitulada *The greatest challenge – The Golden Future* ©1987, de Osho.

Copyright © 2009 OSHO International Foundation, Switzerland. www.osho.com/copyrights.

OSHO é uma marca registrada da Osho International Foundation, usada com a devida permissão e licença. www.osho.com/trademarks

Os textos contidos neste livro foram selecionados de vários discursos que Osho proferiu ao público. Todos os discursos foram publicados na íntegra em forma de livros, e estão disponíveis também na língua original em áudio. As gravações em áudio e os arquivos dos textos em língua original podem ser encontrados via online no site www.osho.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento-Cultrix Ltda. não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Coordenação Editorial

Denise de C. Rocha Delela

Roseli de Sousa Ferraz

Revisão

Yociko Oikawa

Diagramação

Macquete Produções Gráficas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Osho, 1931-1990.

Transformando crises em oportunidades : o grande desafio para criar um futuro dourado para a humanidade / Osho ; tradução Denise de C. Rocha Delela. -- São Paulo : Cultrix, 2011.

Título original: *It's all about change*.

ISBN 978-85-316-1123-0

1. Desenvolvimento pessoal 2. Espiritualidade 3. Osho, 1931-1990 - Ensinaamentos 4. Vida espiritual I. Título.

11-04046

CDD-204.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal : Vida espiritual 204.4

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

Edição	Ano
1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11	11-12-13-14-15-16-17-18-19

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: 2066-9000 — Fax: 2066-9008

E-mail: pensamento@cultrix.com.br

<http://www.pensamento-cultrix.com.br>

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Foi feito o depósito legal.

Sumário



Introdução

Prefácio

Do pessoal ao político: mude a si mesmo e mude o mundo

Em busca da direção da mudança: para o passado dourado ou para um futuro dourado?

Três maneiras de abordar a mudança: Reforma, Revolução ou Rebelião

Entendendo o que nos divide: Religião, Política e Superstição

Propostas de mudança: uma visão panorâmica do futuro

As cinco dimensões da educação

Preparando as pessoas para o poder

Uma Academia Mundial de Ciência Criativa, Arte e Consciência

Sem religiões, mas com religiosidade

Não sirva aos pobres, solucione os problemas

Crime e castigo

Ciência a serviço da vida

Comunal e individual – novas maneiras de vivermos juntos

Epílogo: um manifesto de uma só humanidade

Sobre o autor

Sobre o Resort OSHO® de Meditação

Introdução



Este livro é indubitavelmente dirigido às pessoas inteligentes deste planeta ameaçado. Trata-se da visão de um homem para uma humanidade viável; do diagnóstico de um homem das doenças psicológica e social que dividem os seres humanos, interior e exteriormente, em facções antagônicas. Nesta coletânea de textos, extraídos de suas palestras, Osho delineia as mudanças que considera indispensáveis para que tenhamos um futuro – e, em particular, o futuro dourado que ele acha estar ao nosso alcance.

O fato de a própria sobrevivência do planeta estar em risco já é um consenso – no entanto, nada mudou. Todas as tentativas de nos afastarmos da ganância e da exploração e construirmos um futuro sustentável sempre acabam encontrando resistência – e nada muda. É do conhecimento de todos que estamos sacrificando a própria existência da mais bela floração deste universo em conflitos infantis – e nada muda. A necessidade de tomarmos uma atitude agora é aceita por especialistas de todo o globo – e nada muda.

O tempo continua correndo e as notícias continuam se repetindo, cada vez piores... Guerra, fome, AIDS... armas químicas, buracos na camada de ozônio, armas nucleares... aquecimento global, superpopulação, extinção de espécies, ganância, violência, crise econômica...

O mais trágico é que, se as pessoas inteligentes da Terra não detiverem esse processo, quem elas pensam que deterão? Os homens e mulheres que estão no poder e atualmente se beneficiam deste mundo insano de

hoje? Os mesmos políticos, instituições, igrejas e “mestres do universo” desgastados, que nos fizeram chegar a isso, para começo de conversa?

É agora ou nunca. É hora de a *intelligentsia* de todo o mundo elevar a voz contra toda essa estupidez.

Neste livro, Osho oferece uma perspectiva única de mudança – onde ela deve começar para ser eficaz, por que nossos esforços para causar a mudança fracassaram no passado e que oposição esperar daqueles que estão interessados em manter o *status quo*. E Osho apresenta uma série de propostas com relação às providências práticas que precisamos tomar se realmente quisermos começar a curar as feridas deste planeta e construir novas bases para criarmos um paraíso – bem aqui e agora – na Terra.

Muitas dessas propostas são radicais – estamos vivendo tempos radicais, que exigem soluções radicais. Não é uma questão de concordar com Osho ou não, é uma questão de ter a coragem de garantir pelo menos a sua contribuição nessa programação. Se as ideias estiverem obviamente erradas, então será fácil apontar como e por que, e podemos aprender juntos no processo. Se as ideias estiverem certas, então precisaremos encontrar coragem para divulgá-las. O tempo não para e tudo o que mais estimamos está em jogo. Fingir que você não ouviu não é uma justificativa aceitável.

Este planeta é herança de todos nós. Ou todos nós somos beneficiados ou todos nós perderemos – a Terra é uma só, assim como a humanidade. Em nossa busca pela sobrevivência, não devemos deixar pedra sobre pedra. Precisamos examinar todas as opções de maneira aberta, franca, honesta, sem preconceito, sem superstição, sem predisposições – na realidade, de um jeito simples e científico.

A visão de Osho é um conjunto de opções que você não encontrará em nenhum outro lugar.

Se acontecer de perdermos o planeta sem termos investigado completamente todas as nossas opções, *Homo sapiens* terá sido a

designação mais incorreta do universo.

– George Meredith, poeta e escritor inglês

Prefácio



Nota do editor:

Quando Osho falou ao seu secretário sobre a possibilidade de publicar este livro a partir de suas palestras intituladas A Maior das Mudanças: O Futuro Dourado, ele deu sugestões detalhadas sobre os assuntos e problemas por ele abordados que deveriam ser incluídos. Ele queria, principalmente, que a compilação abarcasse os desafios relacionados à superpopulação e ao aquecimento global, à globalização, à guerra, à pobreza e à devastação ecológica – desafios que enfrentamos hoje de modo cada vez mais urgente. Esta nova edição expande o material originalmente apresentado naquela obra. Eis aqui um trecho das notas originais de Osho:

O futuro não pode ser apenas uma esperança e uma oportunidade; essas palavras são ruins. O futuro deve ser absolutamente nosso – deve ser um futuro dourado. Temos vivido com a ideia de um passado dourado – que nunca foi dourado! Mas podemos criar um futuro que seja realmente dourado.

Agora é um grande momento. Podemos dar um jeito de ter um mundo. Esta crise é uma crise de ouro, pois as pessoas só mudam quando estão sob imensa pressão. Enquanto a situação for tolerável, as pessoas irão tolerá-la – mas agora estamos num ponto em que a situação não é mais tolerável. Não há mais tempo para comissões e seus relatórios.

Os problemas são muito simples. Só é preciso deixar claro para toda a humanidade que esses problemas são criação dela e ela ainda os está

criando. É preciso disseminar uma grande advertência: “Esses são os problemas que vocês estão apoiando. Retirem o seu apoio”.

E algumas providências práticas devem ser tomadas... por exemplo, se alguém quiser ser um cidadão do mundo, as Nações Unidas devem providenciar passaportes de cidadãos do mundo, que não sejam ligados a nação nenhuma. Bastam pequenas providências para se obter grandes impactos imediatos; elas criarão uma atmosfera. Essa crise foi criada pelas religiões e pelas nacionalidades, e chegou-se a um ponto em que elas não podem mais existir.

Se quisermos fazer algo pelo futuro, a hora é agora. Do contrário, a maior evolução da consciência que o universo já viu desaparecerá – e isso não significará apenas uma perda para a Terra, mas para toda a existência. Em um milhão de anos, nós nos tornamos capazes de criar algumas possibilidades de consciência. Mas agora não temos tempo para esperar que a natureza continue se desenvolvendo em seu passo lento. Ela tem a eternidade, nós não temos.

Se quisermos resolver o futuro e acabar com os problemas, precisamos buscar as raízes no passado. Foi todo o nosso passado, em todas as suas dimensões, que levou a essa situação perigosa – e ninguém fala sobre isso, pois nenhuma geração jamais antes se importou com o futuro. O ser humano sempre viveu do jeito que quis, e forçou cada nova geração a viver da mesma maneira. Isso não é mais possível. Temos de dar um salto quântico – para ensinar a nova geração a não viver da mesma maneira que nós vivíamos. Só assim o futuro pode ser alterado.

Do pessoal ao político: mude a si mesmo e mude o mundo



Todo mundo nasceu como um indivíduo único, mas, quando ficou maduro o suficiente para participar da vida, o sujeito já se tornou uma multidão. A maioria das pessoas, no entanto, não está consciente disso.

Se você simplesmente se sentar em silêncio e ouvir sua mente, descobrirá muitas vozes. Você ficará surpreso ao perceber que consegue reconhecer essas vozes muito bem. Uma delas é do seu avô, outra é da sua avó, outra é do seu pai, outra é da sua mãe. Outras vozes são do sacerdote, do professor, dos vizinhos, dos amigos, dos inimigos. Todas essas vozes estão misturadas numa multidão no seu íntimo e, se você quiser descobrir a sua própria voz, vai ver que é quase impossível; a multidão é grande demais.

Na verdade, você se esqueceu da sua voz há muito tempo. Nunca teve liberdade para expressar as suas opiniões. Você foi ensinado a ser obediente, foi ensinado a dizer sim para tudo o que os mais velhos estavam lhe dizendo. Ensinaaram-lhe que você tem de seguir qualquer coisa que os seus professores ou os seus sacerdotes estiverem fazendo. Ninguém jamais lhe disse para buscar a sua própria voz; ninguém jamais lhe perguntou, “Você tem a sua própria voz ou não?”

Por isso a sua voz continuou muito baixa e as outras vozes são muito altas, muito autoritárias, pois elas eram ordens e você as seguiu – a despeito de si mesmo. Você não tinha intenção de segui-las, conseguia

perceber que não era certo. Mas é preciso ser obediente para ser respeitado, para ser aceito, para ser amado.

Naturalmente, só uma voz está faltando dentro de você; só uma pessoa está faltando dentro de você: você mesmo. Tirando você, existe uma multidão inteira aí. E essa multidão está constantemente deixando você maluco, pois uma voz diz, “Faça isto”; e outra diz, “Nunca faça isto! Não ouça essa voz!” E você fica dividido.

Essa multidão precisa ser contida. Essa multidão precisa ouvir, “Agora, por favor, me deixem em paz!” As pessoas que foram viver nas montanhas ou reclusas na floresta não estavam na verdade abandonando a sociedade; elas estavam tentando encontrar um lugar onde pudessem dispersar essa multidão interior. E essas pessoas que conseguiram encontrar um lugar dentro de você obviamente relutam em sair.

Se você quer, porém, se tornar um indivíduo por seus próprios méritos, se quer se livrar desse eterno conflito e dessa confusão dentro de você, então precisa dizer adeus a essas vozes – mesmo que elas pertençam ao seu respeitável pai, à sua mãe, ao seu avô. Não importa a quem elas pertençam. Uma coisa é certa: essas vozes não são suas. São vozes de pessoas que viveram em seu próprio tempo, e elas não tinham ideia de como seria o futuro. Elas passaram aos filhos suas próprias experiências, e essas experiências não vão combinar com um futuro desconhecido.

Elas acham que estão ajudando os filhos a ficarem informados, a serem espertos, para que a vida deles possa ser mais fácil e mais confortável, mas elas não estão fazendo a coisa certa. Com todas as boas intenções do mundo, elas destroem a espontaneidade dos filhos, a consciência deles, a capacidade que eles têm de se sustentar sobre as próprias pernas e responder ao novo futuro do qual seus ancestrais não faziam ideia.

Cada criança enfrentará novas tempestades, vai enfrentar novas situações, e ela precisa de uma consciência totalmente nova para responder. Só assim a sua resposta vai ser frutífera; só assim ela poderá

ter uma vida vitoriosa, uma vida que não seja um longo e tedioso desespero, mas uma dança a cada momento, que se torna mais e mais profunda até o último suspiro. A pessoa entra na morte dançando, e alegremente.

Fique em silêncio e encontre o seu próprio eu.

A menos que você encontre o seu próprio eu, será muito difícil dispersar a multidão, pois todos nessa multidão estão fingindo, “Eu sou o seu eu!” e você não tem como concordar ou discordar. Por isso não provoque nenhuma briga com essa multidão. Deixe que briguem entre si – essas vozes sabem muito bem como brigar entre elas. Enquanto isso, tente se encontrar. E depois que souber quem é, você pode simplesmente mandar que saiam da sua casa – é na verdade simples assim! Mas primeiro você tem que se descobrir.

Quando você está presente, o senhor também está. O dono da casa está presente e todas essas pessoas, que estão fingindo que são os senhores, começam a se dispersar. A pessoa que é ela mesma, que se livrou do fardo do passado, que não tem compromisso com o passado, que é original, forte como um leão e inocente como uma criança, pode alcançar as estrelas, ou ir até além delas; seu futuro é dourado.

Até o dia de hoje, as pessoas têm falado do passado dourado. Temos que aprender a linguagem do futuro dourado.

Você não precisa mudar o mundo inteiro; se mudar simplesmente a si mesmo você terá começado a mudar o mundo todo, pois você faz parte dele. Se um único ser humano mudar, essa mudança irradiará para milhares e milhares de outros seres humanos. Você se tornará um gatilho para uma revolução, que pode fazer surgir um ser humano completamente novo.

Uma parte de mim quer se sentar e relaxar, meditar, e se concentrar no meu próprio crescimento interior, mas a outra parte tem que ir de carro para o trabalho, correr de um lado para o outro, organizar, agitar-se, brigar, falar com a imprensa ou com os políticos, simplesmente colocar a

boca no trombone. Como eu posso resolver a contradição entre esses dois impulsos?

O ser humano é tanto o interior quanto o exterior, e tem sido um engano, um engano muito antigo, condenar um em favor do outro.

No Oriente, as pessoas renunciam ao exterior em favor do interior. Elas fogem do mundo e vão para as cavernas do Himalaia, para poder dedicar a vida toda, todo o seu tempo e toda a sua energia à jornada interior –, mas elas não entendem a dialética da vida.

No Ocidente, elas fazem justamente o contrário. Renunciam ao interior para que possam colocar toda a sua energia no mundo exterior e na conquista do mundo exterior.

Ambos estão errados, e ambos estão certos.

Ambos estão errados porque ambos se atêm só à metade; uma parte fica cada vez maior e a outra continua impedida de evoluir naturalmente. Isso é visível.

No Oriente, existe muita pobreza; muita doença, muita morte. Ainda assim existe um certo contentamento. Com tudo isso, parece que não existe uma abordagem revolucionária do tipo, “Precisamos mudar o mundo. Não podemos continuar vivendo na pobreza, e vivemos na pobreza há séculos, na escravidão há séculos. E temos aceitado tudo isso – pobreza, escravidão, doença, morte – sem nenhuma resistência, porque são coisas externas. Todo o nosso esforço tem sido interior”.

No Ocidente, eles acabaram com a pobreza, acabaram com muitas doenças, aumentaram a longevidade. Tornaram o corpo humano mais bonito, fizeram a existência do ser humano mais confortável, mas o ser humano em si – para quem foram feitos todos esses confortos, todas as conquistas da ciência e da tecnologia – está ausente. Esqueceram completamente para quem tudo isso foi feito. Por dentro o ser humano está vazio. Existe tudo ali, à sua volta, e no meio existe uma consciência retardada, quase não existencial.

Por isso ambos tiveram sucesso no que estavam fazendo e ambos fracassaram –, porque escolheram só metade da vida humana.

Minha postura é aceitar o ser humano em sua totalidade, em sua inteireza.

E é preciso entender que, depois que aceita a totalidade do ser humano, você precisa entender a lei da dialética.

Por exemplo, o dia inteiro você trabalha duro nos campos, no jardim; você transpira. À noite você dormirá o sono dos anjos. Não pense que, porque você trabalhou duro, não dormirá bem à noite, porque como pode dormir a noite se o sono vai contra todo o seu dia de trabalho? Ele não vai contra! Todo o seu dia de trabalho duro preparou você para relaxar; a noite será um relaxamento profundo.

Os mendigos dormem muito bem. Os imperadores não conseguem dormir, pois o imperador se esquece das dialéticas da vida. Você precisa de duas pernas para andar, precisa de duas mãos, precisa de dois hemisférios no cérebro.

Agora considera-se uma verdade psicológica o fato de que você pode fazer cálculos matemáticos complexos, pois essa atividade é realizada por uma parte da mente, e depois pode se esforçar o mesmo tanto com o seu instrumento musical – e como isso é feito com a outra parte do cérebro, não se trata de um trabalho contínuo. Na verdade, quando você está trabalhando com matemática, a parte musical da sua mente está descansando; e quando está trabalhando no campo musical, sua mente matemática está descansando.

Nas universidades, nas faculdades do mundo todo, mudamos de classe a cada quarenta minutos porque já se sabe que, depois desse período, a parte do cérebro que estava em atividade se cansa. Basta mudar o assunto e essa parte pode descansar.

Sentando aqui comigo, encha a sua taça o máximo possível. Sinta o silêncio em toda a sua profundidade, para que você possa colocar a boca no trombone.

Não existe contradição; botar a boca no trombone faz parte de um processo dialético. O seu silêncio e a sua correria por aí são como as suas duas mãos, as suas duas pernas, o dia e a noite, o trabalho e o descanso. Não as separe como se fossem antagônicas; foi isso o que aconteceu com o mundo inteiro.

O Oriente criou grandes gênios, mas nós ainda estamos vivendo na era do carro de boi, pois nossos gênios viviam simplesmente meditando. A meditação deles nunca se transformou em ação. Se eles tivessem meditado durante algumas horas e depois aproveitado seu silêncio, sua paz e estado meditativo na pesquisa científica, a Índia seria o país mais rico do mundo – tanto interior quanto exteriormente.

O mesmo acontece com o Ocidente; eles criaram grandes gênios, mas todos se envolveram com coisas, objetos. Esqueceram-se completamente de si mesmos. De vez em quando um gênio se lembrava, mas era tarde demais. As últimas palavras de Albert Einstein, no momento da morte, foram – e lembre-se de que as últimas palavras são as mais importantes que uma pessoa fala na vida, pois são a conclusão, a experiência essencial. Suas últimas palavras foram, “Se existir outra vida, eu gostaria de ser encanador. Não quero ser físico. Quero ser algo muito simples – ser um encanador”.

Um cérebro cansado, um cérebro desgastado... e o que ele conseguiu? Hiroshima e Nagasaki. Esse homem era capaz de se tornar um Buda Gautama. Se ele tivesse olhado interiormente, teria descoberto que talvez pudesse ter ido mais fundo do que o Buda Gautama, pois ele olhou para as estrelas e foi muito além do que qualquer astrônomo já pode ir. É o mesmo poder; é só uma questão de direção.

Mas por que ter que se corrigir? Por que não ficar disponível para as duas direções? Qual a necessidade de se corrigir? “Eu só consigo ver externamente, não consigo ver internamente” ou vice-versa. A pessoa só precisa aprender a ver profundamente, e depois usar essa capacidade nas duas direções. Depois disso ela pode oferecer a melhor ciência e a melhor

tecnologia ao mundo e também pode oferecer seres humanos melhores, uma humanidade melhor, ao mesmo tempo.

E lembre-se de que só nas mãos de um ser humano melhor a tecnologia melhor é usada da maneira certa; do contrário, ela é perigosa.

O Oriente está definhando na pobreza e o Ocidente está definhando no poder. Eles criaram tanto poder que tudo o que podem fazer é matar. Eles não sabem nada sobre a vida, pois nunca olharam para dentro de si. O Oriente sabe tudo sobre a vida, mas sem comida não se pode meditar. Quando a pessoa está com fome e fecha os olhos, só consegue ver pães flutuando em torno dela!

Isso aconteceu na vida de um poeta, Heinrich Heine. Ele ficou perdido na selva durante três dias, com fome, exausto. Estava com tanto medo que não conseguia dormir; animais selvagens subiam no topo das árvores à noite. E durante os três dias ele não cruzou com um único ser humano a quem pudesse perguntar se estava indo para o lado certo ou errado, para onde estava indo ou se estava andando em círculos. Três dias seguidos... e então veio uma noite de Lua cheia.

Faminto, cansado, empoleirado numa árvore, ele olhou para a Lua cheia. Era um grande poeta e ficou surpreso, mal pode acreditar. Ele próprio já tinha escrito sobre a Lua e já lera sobre ela também. Tanto já havia sido escrito sobre a Lua – tanta poesia, tantas pinturas, tanta arte sobre o tema da Lua. Mas Heinrich Heine teve uma revelação; antes, ele costumava ver a face do ser amado na Lua; agora ele via apenas uma fatia de pão flutuando no céu. Ele se empenhou, mas a face do ser amado não apareceu.

Não há nada de errado em ser dialético. E lembre-se sempre de tentar os opostos como complementares. Utilize todos os opostos como complementares e a sua vida será mais plena, será mais completa.

Para mim, essa é a única vida sagrada: uma vida completa é a única vida sagrada.

Em busca da direção da mudança: para o passado dourado ou para um futuro dourado?



A maior necessidade da humanidade hoje em dia é tomar consciência de que seu passado a traiu. Não há por que dar continuidade ao passado, isso será um suicídio. Uma nova humanidade é absoluta e urgentemente necessária.

A nova humanidade não será uma sociedade nos termos antigos, em que indivíduos são apenas parte dela. A nova humanidade será uma fusão de indivíduos, na qual eles são os senhores e a sociedade os servirá. Ela terá muitos aspectos diferentes. Não terá tantas religiões, terá apenas uma consciência religiosa. Não terá um Deus despótico como criador, pois isso implica a escravidão do homem. Ela terá a religiosidade como uma qualidade da realização suprema, uma qualidade da iluminação. Deus se espalhará por todo lugar – estará em todas as coisas e em todos os seres.

O indivíduo, pela primeira vez, não será programado; será auxiliado a ser ele mesmo. Não lhe darão nenhum ideal, nenhuma disciplina, nenhum padrão determinado. Só lhe incutirão um tremendo amor pela liberdade, de modo que ele poderá sacrificar tudo, até a própria vida, mas não sacrificará sua liberdade. O novo indivíduo não será repressor; ele será natural, sem inibições, expressará tudo o que tem. Assim como a planta se expressa em diferentes cores, em diferentes fragrâncias, cada indivíduo fará a mesma coisa.

O novo indivíduo não terá a falsa ideia de que todos os seres humanos são iguais. Eles não são. Eles são únicos, e esse é um conceito muito mais elevado do que igualdade. Embora os novos indivíduos não sejam iguais, eles terão oportunidades iguais para desenvolver seu potencial, seja ele qual for.

Não haverá casamento; o amor será a única lei. As crianças farão parte da comuna e só a comuna decidirá quem é capaz de ser mãe e quem é capaz de ser pai. Isso não pode ser algo accidental ou aleatório. Será de acordo com as necessidades do planeta.

A nova humanidade terá uma ecologia em que a natureza não será subjugada, mas vivida e amada. Nós somos parte dela – como podemos subjugá-la? Não haverá nenhuma raça, nenhuma distinção entre as nações, entre as cores de pele, entre castas. Não haverá nenhuma nação, nenhum estado. Haverá só um governo mundial funcional e esse governo não será escolhido por eleitores medíocres – pois eles necessariamente selecionam pessoas da sua própria categoria.

Esse governo terá um padrão completamente diferente. Assim como não permitimos que ninguém vote antes da idade adulta, também não será permitido que alguém vote caso não seja uma pessoa instruída e tenha ao menos um diploma de graduação. E as pessoas votarão, não num partido – porque não existirá nenhum partido, só um sistema destituído de partidos –, mas votarão diretamente nos indivíduos.

Um ministro da educação, um ministro de assuntos estrangeiros, um ministro do interior, um presidente – essas pessoas serão eleitas por mérito próprio. Assim como nenhum eleitor poderá deixar de ter ao menos um diploma de graduação, ninguém poderá pleitear nenhum cargo público sem ter um doutorado nesse campo em particular. Por isso todos que se candidatarem a um determinado cargo, serão especialistas no mesmo assunto, e a escolha será feita por pessoas instruídas, pelos inteligentes.

E o governo não será governo no sentido antigo do termo. Ele não terá nenhum poder, será simplesmente funcional. Será, num sentido real,

não só nas palavras, servo da sociedade.

A vida tem inúmeras dimensões e os políticos dominaram todas elas. Ao ler o jornal, uma pessoa de outro planeta não poderia imaginar que tipo de pessoa vive na Terra – só políticos? Assassinos? Suicidas? Estupradores? Criminosos?... Porque os seus jornais estão repletos dessa gente e, no topo de tudo, estão os políticos.

Todas as dimensões criativas da vida serão trazidas à luz e os aspectos vis não precisarão ser noticiados. Se alguém for assassinado, isso será mostrado – não para que o culpado seja acusado de ser um criminoso, mas para mostrar a própria psicologia do homem, que sua educação foi errada e por que ele cometeu o assassinato. No lugar dele, com os mesmos antecedentes, qualquer um faria a mesma coisa. Por isso não se está condenando a pessoa, mas sim o treinamento, a formação, a criação; isso é absolutamente científico.

Por que um homem se torna um estuprador? Porque sua formação criou a energia para ele ser um estuprador. Ele estava tentando ser batista, mas acabou estuprador! Por isso a parte negativa precisa vir à tona, mas o indivíduo nunca deve ser condenado, pois nenhuma ação corresponde ao indivíduo todo. A ação é uma pequenina parte de sua vida.

Os jornais deveriam estar repletos de criatividade, positividade. Noventa por cento de um jornal deveriam dar cobertura aos músicos, poetas, escultores, dançarinos, atores, filósofos; e só dez por cento deveriam ser dedicados aos políticos e aos elementos negativos. Os elementos negativos deveriam ser analisados, para que o indivíduo não fosse condenado. E aos políticos deveria se dar espaço apenas como informação, não mais do que isso. Se estiverem fazendo algo bom, isso deveria ser divulgado; se estiverem fazendo algo ruim, isso também deveria ser divulgado –, mas eles não deveriam dominar toda a nossa vida.

A nova humanidade terá que mudar toda a estrutura da sua educação. Ela não será mais ambiciosa, não criará um desejo desesperado de todo

mundo se tornar alguém poderoso. Pelo contrário, ela criará criadores. Criará pessoas que sabem como ter alegria. Sua função básica será ensinar às pessoas a arte de viver, amar, rir – a capacidade para cantar, dançar, pintar.

Haverá pessoas que serão treinadas para as ciências tecnológicas; mas mesmo essas pessoas treinadas para a tecnologia e para a ciência ou para a medicina não estarão completamente inconscientes do lado belo da vida. Elas não se tornarão robôs – porque você se torna o que você faz. Se você vive continuamente pesquisando objetos, logo se esquecerá de que é um sujeito; vai se tornar um objeto também.

E cada indivíduo que entrar numa escola, numa faculdade ou numa universidade deveria ter aulas em que fosse estimulado a meditar – porque a meditação vem de dentro, não é imposta de fora. Não se pode exigir que alguém medite, o desejo de meditar vem de dentro. Coisas como meditação não podem ser forçadas; caso contrário surge o ressentimento. Mas a meditação pode ajudar o ser humano a se libertar de todo tipo de ressentimento. Todo tipo de inveja, ódio, competição. Pode purificar o santuário interior do homem tão completamente que todo mundo cresce e não apenas envelhece.

Um novo ser humano é totalmente necessário. O velho está morto ou está morrendo, não pode mais sobreviver. E se não pudermos produzir um novo ser humano, então a humanidade desaparecerá da face da Terra.

Para mim o futuro parece desolador de qualquer ângulo que olhemos para ele – seja a pobreza e a fome ou a ocidentalização por meio do capitalismo –, pois não é necessário que as pessoas se tornem materialmente ricas para se interessarem pela busca interior? Mas o fardo do capitalismo ocidental já pesa demais sobre o mundo; a bomba atômica; a violência por meio da frustração; a natureza mecânica da vida da maioria das pessoas; a destruição das florestas e a poluição do ar e do mar que faz com que não saibamos se o ambiente poderá manter seu delicado equilíbrio. Como o planeta poderá sobreviver a tudo isso?

O futuro parece desolador, é verdade... mas sempre pareceu. Não é nenhuma novidade. Você pode retroceder o quanto quiser na história da humanidade, até os seus primórdios, quando Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden, e você descobrirá que o futuro sempre pareceu desolador. Pense apenas em Adão e Eva sendo banidos do jardim de Deus e as portas sendo trancadas depois que eles saíram. Como lhes pareceu o futuro? Deve ter parecido bastante desolador. Tudo o que eles conheciam lhes tinha sido tirado. Sua segurança, seu mundo, tudo lhes foi tirado. Que futuro eles poderiam esperar? Só escuridão, morte. Deve ter sido assustador.

E isso não é só uma parábola: toda vez que uma criança nasce o futuro parece desolador, porque novamente o jardim, o útero – o ambiente seguro do útero – é tirado da criança e, indefesa, ela é expulsa. Como você acha que a criança se sente? Os psicanalistas dizem que o maior trauma do ser humano é o trauma do nascimento, e a pessoa sofre por causa dele a vida toda. A palavra “trauma” vem de uma raiz que significa “ferida”. O trauma do nascimento é a maior das feridas; é muito difícil encontrar alguém cujo trauma de nascimento tenha sido curado. Ele só é curado quando a pessoa atinge a iluminação, pois, quando isso acontece, ela volta ao útero eterno de Deus; do contrário a ferida continua doendo.

Durante toda a sua vida a pessoa tenta esconder essa ferida, mas não é por tentar escondê-la que ela desaparece. Toda vez que uma criança nasce, que é expulsa pelo canal do nascimento, deve sentir que o futuro é desolador. E toda era deve sentir o mesmo, porque o futuro é desconhecido – é por isso que ele parece desolador.

Não é novidade isso que o ser humano está sentindo; é tão antigo quanto o próprio homem. Você pode consultar os registros mais remotos e descobrirá que isso é dito em todas as antigas escrituras, “O futuro é desolador”. E o corolário para isso é que o passado foi dourado, foi bom. “O futuro é desolador.” O passado era bom, *satyug*, a Era da Verdade; o futuro, *kalyug*, era a Idade da Morte e da Escuridão.

Essa atitude está enraizada em algum lugar, na mente de todo mundo; não tem nada a ver com o tempo e com as realidades à sua volta. E você tem que deixar de lado essa atitude pessimista.

Tudo depende da sua abordagem.

Por exemplo, no passado podíamos continuar tendo guerras entre as grandes potências mundiais, pois nossas guerras eram tão pouco eficientes que não havia perigo. É por isso que, ao longo das eras, em três mil anos, travamos cinco mil guerras. Não havia problema; era só um jogo. E as mentes masculinas egoístas apreciavam muito, precisavam muito dessas guerras. Esses tipos de guerra teriam continuado se não houvesse a bomba atômica. Sua própria existência significa que agora, se você decidir travar uma guerra, será um suicídio universal. Quem está preparado para correr esse risco? Ninguém pode vencer e todo mundo morrerá. Se ninguém pode ser o vencedor, então qual o sentido do jogo? A guerra só tem sentido se alguém puder ganhar e alguém for derrotado. É absurda se ninguém pode ganhar e ambos forem destruídos. Por causa da invenção da bomba atômica, as grandes potências mundiais estão evitando guerrear entre si. É ridículo entrar numa guerra agora. Se todas as partes vão ser destruídas, então que sentido tem? A bomba atômica fez com que ficasse sem sentido. Quando eu penso na bomba atômica, eu vejo uma grande esperança. Não sou nem um pouco pessimista. Acredito que as coisas vão ficar cada vez melhores; melhores a cada dia que passa. Você ficará surpreso, mas isso é muito simples de compreender.

É por causa da bomba atômica que a guerra se tornou total. Antes da bomba a guerra era algo parcial – algumas pessoas morriam –, mas agora todo o planeta vai perecer. Temos tantas bombas preparadas que podemos matar cada pessoa milhares de vezes, podemos destruir milhares de planetas como este. A Terra é pequena agora em face do nosso poder de destruição; comparado com esse poder, a Terra não é nada. Agora, quem vai assumir esse risco? E para quê? Você não vai estar lá para se vangloriar da vitória – ninguém estará.

A Terceira Guerra Mundial não vai acontecer. E não será por causa de Buda, de Jesus Cristo ou dos seus ensinamentos de não violência e amor, não! Será por causa da bomba atômica – porque a morte é absoluta agora, o suicídio será completo. Não apenas o ser humano, mas os pássaros, os animais, as árvores, toda a vida será destruída sobre a Terra.

Essa é a única possibilidade de abandonarmos a guerra para sempre. Tornamo-nos eficientes demais na arte de matar; agora não podemos ter mais permissão para matar. Pense desse modo e você ficará surpreso – então o futuro não será mais desolador.

Sim, você pode ficar frustrado e pode ficar violento, pois tudo que você esperou não deu em nada – você esperava ter sucesso e não teve, por isso surge uma grande frustração dentro de si. Você pode se tornar um assassino, pode se tornar um suicida. Mas também existe outra possibilidade: você pode começar a pensar de um jeito totalmente novo. Pode começar a pensar que o sucesso não é algo que se possa encontrar no mundo exterior; é algo que tem a ver com o mundo interior, e que você viveu até agora correndo na direção errada. A direção é que está errada; é por isso que você fracassou.

Por causa da frustração, as pessoas estão cada vez mais interessadas na meditação, na oração, na contemplação. O que eu observo é que alguém só pode se tornar um meditador quando existem apenas duas possibilidades: suicídio ou transformação. Quando, no mundo exterior, só parece haver suicídio e nada mais, então a pessoa se volta para dentro. Só nesse ponto, no auge da frustração, é que ela se volta para dentro. Isso não pode acontecer com uma pessoa indiferente; só acontece quando as coisas estão no auge e não existe mais saída para nada, todos os caminhos provaram ser falsos. Quando você está totalmente frustrado com o mundo exterior e com todas as jornadas exteriores, quando toda a extroversão parece sem sentido, só então o desejo, o anseio por uma peregrinação interior aparece.

Sempre foi assim. É só nos extremos, só quando a vida enfrenta a crise, que a transformação acontece. A água evapora aos 100 graus; é

preciso esse tanto de calor. Quando a frustração provocar esse calor, algumas pessoas ficarão violentas, outras se tornarão assassinas, outras, suicidas, mas a maior parte da humanidade começará a se voltar para dentro.

E não é que a industrialização e o desenvolvimento tecnológico tenham tornado o homem mecânico, tenham tornado o homem uma máquina. O homem sempre foi uma máquina. A industrialização só revelou a verdade e essa é uma grande revelação. O homem sempre viveu na escravidão, mas a escravidão não era tão aparente, não era tão penetrante; sempre houve uma ilusão de liberdade.

A mecanização de tudo que o cerca tornou-o consciente de que ele não passava de uma máquina. Mas ele sempre foi! Os budas sempre lhe disseram que o homem vive de modo inconsciente, que ele vive como um robô, que ele ainda não é um ser humano, mas sua ilusão persistia. O mundo moderno tirou dele a última ilusão, revelou a verdade: que o ser humano não passa de uma máquina – eficiente, ineficiente, mas uma máquina.

Teve que ser assim, porque só quando você convive com máquinas é que pode se dar conta da sua existência maquinal. Você sempre viveu com árvores, animais e pessoas no passado, e isso sempre lhe passou a falsa ideia de que havia liberdade.

A liberdade só existe quando somos totalmente conscientes. Só um buda é livre. A liberdade está na condição de buda. Ninguém mais é livre, ninguém *pode* ser livre. Mas as pessoas podem acreditar que são livres, e essa é uma ilusão muito reconfortante. O mundo moderno tirou essa ilusão de você; e isso é bom, porque agora um grande desejo de liberdade aflorará, um grande anseio por atingir algo além da máquina.

Por exemplo, o computador provou que, por mais eficiente que seja o ser humano em sua mente, não é a mente que o torna realmente humano, pois esse trabalho pode ser feito com mais eficiência por um computador. As pessoas que costumavam fazer belos cálculos matemáticos ficarão ofendidas porque o computador pode fazê-los muito melhor. E o trabalho

do computador é tão bom que dizem que, se um problema ia levar setenta anos para um grande matemático resolver, o computador pode resolvê-lo em apenas um segundo.

Ora, qual a lição disso? Que o cérebro não passa de um biocomputador. Sem o computador nunca se descobriria que o cérebro do ser humano é um computador. Com o computador, agora, as pessoas que se consideram grandes intelectuais, matemáticos, cientistas, especialistas, estão reduzidas a máquinas. Isso não era possível dois mil anos atrás; não havia como saber que a mente funciona como uma máquina, que a mente não passa de uma máquina.

Só existe uma coisa que o computador não pode fazer. Ele pode ser lógico, mas não pode ser amoroso; pode ser racional, mas não pode ser meditativo.

Um computador não pode meditar, não pode amar – e essa é a esperança, é a razão por que o homem ainda possa ir além das máquinas. Você pode amar. O seu amor será o fator decisivo nos dias que virão, não a lógica. O computador é perfeitamente lógico, mais lógico do que qualquer Aristóteles. Não os matemáticos – o computador é mais matemático do que qualquer Albert Einstein.

O computador vai resolver todos os tipos de problemas. Ele vai resolver todos os problemas que os cientistas levavam anos para resolver. Ele pode resolvê-los em segundos. Cedo ou tarde a ciência estará nas mãos dos computadores e o cientista só será necessário para operar o computador, nada mais. O computador pode fazer muitas coisas com muito mais rapidez, com mais eficiência, com cada vez menos possibilidade de cometer erros.

Isso é algo de extrema importância. Pode deixar você muito assustado, pode lhe dar a ideia de que nada mais resta, que o homem é só uma máquina... mas também pode enchê-lo de grande esperança, pois agora o computador revelou que a mente não é a verdadeira realidade do ser humano.

Agora temos que buscar o coração, pois o computador não tem coração. Só buscando o nosso coração, só permitindo que o coração dance e cante e ame, seremos capazes de manter a glória e a dignidade do ser humano; do contrário não será possível.

O futuro parece desolador porque você só vê o lado escuro do fenômeno. Você não está se dando conta do lado mais iluminado. Eu vejo a aurora se aproximando. Sim, a noite está muito escura – mas o futuro não é desolador, de maneira alguma.

Na verdade, pela primeira vez na história da humanidade, milhões de pessoas poderão se tornar budas. Era um fato muito raro alguém se tornar buda no passado, pois era muito raro alguém se dar conta da mecanicidade do ser humano. Era necessária uma grande inteligência para se dar conta de que o homem é uma máquina. Mas agora não será preciso inteligência nenhuma; ficará muito óbvio.

E você diz, “... a destruição das florestas e a poluição do ar e do mar que faz com que não saibamos se o ambiente poderá manter seu delicado equilíbrio. Como o planeta poderá sobreviver a tudo isso?” Essa é uma das coisas mais belas a respeito da ciência e da tecnologia; ela cria problemas só para resolvê-los. E o problema só pode ser resolvido depois que foi criado; aí ele se torna um desafio. Ora, o maior desafio da tecnologia é como manter o equilíbrio da natureza, como manter a harmonia ecológica. O desafio nunca existiu antes, é um problema novo.

Pela primeira vez a ciência está diante de um novo problema. Vivemos na Terra há milhões de anos. Lentamente, fomos nos desenvolvendo e nos especializando mais do ponto de vista tecnológico, mas ainda não éramos capazes de destruir o equilíbrio natural; ainda éramos uma força diminuta sobre a Terra. Agora, pela primeira vez, nossa energia é maior, muito maior, do que a energia da Terra para manter seu equilíbrio. Esse é um grande fenômeno. O homem se tornou tão poderoso que pode destruir o equilíbrio natural. Mas ele não destruirá, pois destruir o equilíbrio natural significa destruir a si mesmo.

Ele descobrirá novas maneiras – e novas maneiras estão sendo encontradas. A maneira de recuperar o delicado equilíbrio da natureza é não renunciar à tecnologia. Não nos tornarmos hippies, não nos tornarmos seguidores de Gandhi, em hipótese nenhuma. Recuperaremos o equilíbrio da natureza por meio da tecnologia superior, da tecnologia mais elevada, de mais tecnologia. Se a tecnologia pode destruir o equilíbrio, por que a tecnologia não pode restaurá-lo? Tudo que pode ser destruído pode ser criado.

E agora é quase possível criar cidades que flutuem no céu, em grandes, enormes balões! Não é preciso que todo mundo viva na terra. E será realmente lindo – cidades flutuantes pairando no ar, e a terra verdejante embaixo, imensas florestas outra vez, como a Terra costumava ser antes que cortássemos as árvores. Este planeta pode se tornar como foi um dia. Podemos voltar para a Terra nas férias.

É possível agora termos cidades flutuantes sobre o oceano e será maravilhoso. É possível agora fazer cidades subterrâneas, para que a Terra, sua vegetação, sua beleza, não seja destruída. Você pode viver em cidades subterrâneas com ar condicionado. Pode voltar de vez em quando, para fazer sua oração dominical na Terra, e depois ir embora outra vez. As pessoas agora podem ser transportadas para outro planeta. A Lua pode se tornar a nossa colônia mais próxima, pode se tornar habitável.

O caminho não é voltar ao passado; isso não é possível. Agora o ser humano não pode mais viver sem eletricidade, não pode mais viver sem os confortos que a tecnologia possibilitou. E tampouco há necessidade disso – seria um mundo muito pobre. Você não sabe como as pessoas viviam no passado, sempre famintas, sempre doentes. Você se esqueceu. No passado, de vinte crianças que nasciam, apenas duas sobreviviam. A vida era muito feia.

E sem máquinas, havia a escravidão. É só por causa das máquinas que a escravidão desapareceu da face da Terra. Se surgirem mais máquinas, então mais dessa escravidão desaparecerá. Os cavalos se tornarão livres

de novo se houver mais carros; os bois serão livres se existirem mais máquinas para fazer seu trabalho; os animais se tornarão livres novamente.

A liberdade não era possível sem máquinas. Se deixarmos de lado as máquinas, as pessoas voltarão a ser escravas. Haverá aquelas que começarão a dominar e oprimir. Veja as pirâmides. Elas parecem tão bonitas, mas cada pirâmide construída provocava a morte de milhões de pessoas. Era a única maneira de construir aquelas enormes estruturas. Todos os belos palácios do mundo, e todas as fortalezas... Tanta violência aconteceu! Só desse modo eles poderiam ser construídos. A Grande Muralha da China – milhões de pessoas morreram na sua construção. Eles eram forçados, gerações de pessoas foram forçadas a construir a Muralha da China. Agora as pessoas vão até lá e a admiram, e se esqueceram completamente que essa muralha representa um capítulo vil da história.

Pela primeira vez a eletricidade e a tecnologia assumiram o trabalho; o homem não precisa mais realizá-lo. A tecnologia pode libertar totalmente o homem do trabalho e a Terra pode ser divertida pela primeira vez. O luxo é possível pela primeira vez. Não há por que regredirmos.

É por isso que eu sou contra a maneira como Gandhi via a vida; sou totalmente contra. Se seguirmos Gandhi, o mundo vai ficar novamente feio, pobre, sujo e doente. O caminho está à frente; precisamos de uma tecnologia superior que possa restaurar o equilíbrio. A Terra pode se tornar realmente um paraíso.

Eu sou totalmente a favor da ciência. A minha visão não é contra a ciência; a minha visão absorve a ciência em si. Eu acredito no mundo científico. E, por meio da ciência, uma grande religião, uma religião maior que qualquer outra vai acontecer ao homem, porque quando ele puder ser realmente livre para se divertir e não houver mais trabalho, uma imensa criatividade começará a fluir. As pessoas pintarão e criarão música; elas dançarão e escreverão poemas, e meditarão. Toda a energia ficará livre para pairar bem alto.

Só uma pequena parcela da humanidade é criativa, pois todas as outras pessoas são obrigadas a fazer coisas fúteis, que poderiam ser feitas por máquinas com muito mais facilidade e sem ter que incomodar ninguém. Milhões de pessoas passam a vida inteira simplesmente trabalhando. Toda a vida delas consiste apenas em transpiração, não existe inspiração. Isso é feio, não deveria ser assim. E essa é a primeira vez em que é possível que não seja.

Pense nisso... toda a humanidade livre da prisão do trabalho; então a energia começaria a fluir em outras direções. Os indivíduos se tornariam aventureiros, exploradores, cientistas, músicos, poetas, pintores, dançarinos, pensadores. Eles terão que se tornar, porque a energia precisará ser expressa. Milhões de pessoas poderiam florescer e se transformar em budas.

Eu tenho muitíssima esperança no futuro.

Você diz, “Para mim o futuro parece desolador de qualquer ângulo que olhemos para ele”. Não é desolador. Pode ser desolador se a estupidez levar a melhor sobre a inteligência. Se mentes podres e antiquadas levarem a melhor sobre a inteligência – aí será desolador. Se Gandhi levar a melhor, então será desolador. Se políticos e ditadores estúpidos levarem a melhor, então será desolador. Mas se eu for ouvido e compreendido, não será desolador.

Você diz, “seja a pobreza e a fome ou a ocidentalização por meio do capitalismo”. Eu sou totalmente a favor da ocidentalização e sou totalmente a favor do capitalismo também, porque o capitalismo é o único sistema natural. O comunismo é um sistema violento, forçado, artificial. O capitalismo é um crescimento natural; ninguém é forçado a ser capitalista, isso acontece por si só. Faz parte da evolução humana. O capitalismo não é como o comunismo, com algumas pessoas tentando forçar um determinado sistema sobre outras pessoas. O capitalismo nasceu da liberdade. O capitalismo é um fenômeno natural e combina perfeitamente com os potenciais humanos. Sou totalmente a favor de Adam Smith e totalmente contra Karl Marx.

Capitalismo significa *laissez-faire*. As pessoas devem ser livres para fazer o que quiserem; nenhum governo deve interferir na liberdade das pessoas. O governo que governa menos é o melhor. É isso que é capitalismo. A interferência do estado, a nacionalização das indústrias, tudo isso é inumano. O comunismo só pode existir num clima de ditadura. O comunismo não pode ser democrático, o socialismo não pode ser democrático. Nenhum socialista pode ter uma mente democrática, pois o socialismo ou o comunismo significam impor um determinado sistema sobre as pessoas. Como você pode ser democrático? Ele tem que ser imposto; todo país se torna um campo de concentração.

O capitalismo não precisa de uma imposição que venha de cima; ele é um estilo democrático de vida. E o capitalismo também é mais verdadeiro do ponto de vista psicológico, porque não existem duas pessoas iguais, desse ponto de vista. Toda a ideia de igualdade é falsa, inumana, não verdadeira, não científica. Não existem dois seres humanos iguais; as pessoas são diferentes. De todas as maneiras possíveis, elas são diferentes. Seus talentos, sua inteligência, seus corpos, sua saúde, sua idade, sua beleza, suas qualidades – tudo é diferente. Não existem dois indivíduos que sejam iguais.

E isso é bom! A variedade enriquece a vida; a variedade dá às pessoas individualidade, um caráter único.

Capitalismo significa liberdade, representa liberdade. Não sou contra oportunidades iguais para todos – por favor, não me compreenda mal. Deve haver oportunidades iguais para todos. Mas para quê? Oportunidades iguais para crescer e desenvolver seus potenciais únicos. Oportunidades iguais para sermos diferentes, dessemelhantes, oportunidades iguais para sermos o que quisermos.

O comunismo destrói a liberdade humana em nome da igualdade. E a igualdade nunca pode ser controlada; não existe essa possibilidade. Nem na Rússia soviética havia igualdade; as classes só mudavam de nome. Primeiro elas costumavam ser de proletários e burgueses; depois

passaram a ser regentes e regidos e as diferenças foram ficando cada vez maiores. O país inteiro caiu numa espécie de estado de inércia.

O comunismo torna as pessoas monótonas e estupidificadas; plácidas, porque ninguém sente liberdade para ser quem é, por isso a alegria desaparece da vida. Ninguém sente entusiasmo para trabalhar para os outros. Não é natural, não é humano. Como você pode sentir entusiasmo se está trabalhando para um estado que não é humano, que é um mecanismo chamado estado? Quando você trabalha para os filhos, para a sua esposa, existe entusiasmo. Se você está trabalhando pela sua esposa e gostaria de dar-lhe uma bela casa, um pequeno chalé nas montanhas, você sente um grande entusiasmo. Você gostaria que seus filhos fossem mais saudáveis; você sente um grande entusiasmo. Quem liga para o estado? A troco de quê? O estado é uma abstração; ninguém pode amar o estado. O comunismo, em nome de algo belo como a igualdade, destrói o que existe de mais valioso – a liberdade. A liberdade é o valor supremo. Não há nada mais elevado do que a liberdade, pois é por meio dela que tudo o mais se torna possível.

Eu sou totalmente a favor do capitalismo. O capitalismo funciona de um jeito totalmente diferente. Ele ajuda você a se expressar, a se manifestar, a atingir a sua totalidade.

E eu não estou dizendo que não existem coisas erradas no capitalismo. Existem – mas o capitalismo não é responsável por elas. A ignorância humana é responsável, a inconsciência humana é responsável. O capitalismo tem muitos erros; não é o sistema perfeito. Ele é o mais perfeito dos sistemas disponíveis, mas não é o sistema perfeito, pois o homem não é perfeito. Ele simplesmente reflete o homem, com todas as suas ilusões, com todos os seus erros, com toda a sua estupidez... mas reflete perfeitamente bem.

O comunismo é um esforço para se viver apenas pelo pão. O pão é necessário, mas só é necessário se você puder cantar uma canção, se você puder se apaixonar, se você puder pintar. O pão é necessário, mas só como um meio. O comunismo fez do meio um fim.

Eu sou a favor do mundo ser ocidentalizado porque ocidentalização significa nada mais do que modernização. Esqueça a palavra “ocidente”. Ocidentalização significa modernização: mais tecnologia, mais ciência e tecnologia mais desenvolvida, de modo que possamos salvar este planeta e seu delicado equilíbrio ecológico. O mundo precisa ser modernizado, e assim o futuro não será desolador.

Mas o maior problema é que a mente antiquada é contra a modernização. As grandes tradições são grandes obstáculos. O condicionamento da mente tradicional, antiquada, é tamanho que as pessoas estão cometendo suicídio. Elas acham que têm uma grande cultura e grandes valores e grandes ideias... e tudo isso está apodrecido! E por causa desse passado apodrecido, elas não conseguem entender a explosão moderna de grande conhecimento que pode transformar este planeta num paraíso de verdade.

Esses antigos padrões têm que ser destruídos.

As pessoas me perguntam, principalmente os indianos, “O que você está fazendo para ajudar a Índia a sair da pobreza?” É exatamente isso o que estou fazendo, porque, para mim, não é uma questão de distribuir roupas aos pobres; isso não vai ajudar. Não é uma questão de distribuir alguma coisa, não é uma questão de fazer caridade; é uma questão de mudar a mente e o modo de pensar do indiano. Mas é aí que surge o problema: eles são os que mais se opõem a mim. Veja como a vida é paradoxal! O que eu estou dizendo pode mudar a sina do Oriente, pode transformar toda a sua feiura em beleza, mas os orientais são os que mais discordam de mim, pois qualquer coisa que eu diga irá contra o condicionamento deles, contra as suas ideias – ideias arraigadas, de séculos. É por isso que não se vê muitos indianos nas minhas palestras.

A mente ocidental sente imediatamente uma grande sintonia comigo. Isso é porque sou sempre muito a favor do moderno, do novo. A mente ocidental consegue me entender imediatamente, ela sente uma grande afinidade, mas a mente oriental fica simplesmente agitada. No momento

em que a mente oriental ouve o que eu estou dizendo, ela se sente incomodada, antagônica; começa a se defender.

Ela está apegada demais ao seu modo de pensar e o seu modo de pensar é a causa de todos os seus problemas. O indiano quer mudar esses problemas, mas se apega a esse jeito de pensar. E isso não é possível. Primeiro a mente tem que ser transformada; só então os problemas desaparecerão.

Por exemplo, todo o Oriente sofre por causa da sexualidade reprimida, da grande repressão, mas mais uma vez eles insistem em dizer que têm grandes ideias com relação ao celibato, grandes ideias com relação a caráter, moralidade. E essas são as ideias que os tornam reprimidos. São as ideias que os mantêm estagnados, porque, depois que a sexualidade é reprimida, a sua criatividade também é reprimida, porque energia sexual é energia criativa. É o jeito que a natureza tem de ajudá-lo a ser criativo. Sexo é criatividade. O homem que foi reprimido sexualmente não conseguirá criar nada; ele viverá estagnado.

Agora, o que fazer? Se você diz a alguém para se tornar um pouco mais amoroso, um pouco mais sensual, um pouco mais sensorial, essa pessoa imediatamente fica contra você; ela diz, “Então por que Buda disse tal coisa e Mahavira disse tal coisa? Você está ensinando materialismo!”

Eu estou simplesmente ensinando totalidade. E deixe-me dizer a você que a abordagem de Buda não é total, é parcial. Mas eu posso entendê-lo, porque, se você está contra mim, agora, 25 séculos depois de Buda, se Buda tivesse dito o que estou dizendo a você, até que ponto você estaria contra ele? Eu posso entender por que ele nunca falou nada sobre o crescimento total dos seres humanos, por que ele teve que continuar sendo parcial. Mesmo isso era demais para os indianos, e o Budismo foi banido do país, pois mesmo isso era demais. Se ele falasse do jeito que eu estou falando, você o mataria na mesma hora. Não era possível; ainda não havia clima para que ele falasse em termos de totalidade.

Eu estou assumindo o risco de falar em termos de totalidade – e criando problemas desnecessários para mim mesmo! Eu também posso continuar ensinando o tipo antigo e estúpido de espiritualidade, e a Índia ficará muito orgulhosa de mim e me reverenciará. Mas não estou interessado em ser reverenciado nem que a Índia tenha orgulho de mim. O meu único interesse é mudar a mente apodrecida do país e lhe mostrar uma nova visão.

E não fique preocupado com a possibilidade de que a ecologia seja destruída caso haja mais tecnologia e indústrias neste mundo. Não se preocupe. A própria tecnologia pode encontrar maneiras de superar todas essas coisas. A tecnologia é o único meio nas mãos do homem capaz de transformar o mundo exterior. O mundo exterior pode ser totalmente transformado. Podemos levá-lo a um equilíbrio ecológico ainda melhor do que o da natureza, porque os caminhos da natureza são muito primitivos e rudimentares. E o que o ser humano é na realidade? O maior desenvolvimento da natureza. Se o homem não puder levar a um equilíbrio melhor, então quem poderá? O homem é o apogeu da natureza; é por meio dele que a natureza pode resolver seus problemas.

Eu não acho que o futuro é desolador. O futuro é muito esperançoso, muito brilhante. Nunca antes foi tão esperançoso e brilhante, pois pela primeira vez o ser humano está chegando mais perto de um ponto em que pode se libertar de todo o trabalho. O homem pela primeira vez pode viver no luxo, e viver no luxo é estar pronto para se voltar para dentro, pois não haverá mais obstáculos do lado de fora. Então você pode simplesmente se voltar para dentro, você se voltará para dentro: a jornada exterior estará terminada. Tudo o que é possível obter no mundo interior já terá sido obtido... agora uma nova aventura.

O que aconteceu com Buda pode acontecer com a humanidade inteira no futuro. Ele vivia no luxo – era filho de um rei – e, por causa dessa vida luxuosa, tornou-se consciente. Porque não havia problemas do lado de fora, ele podia se voltar para dentro de si mesmo, podia encontrar maneiras e meios de mergulhar dentro de si. Ele passou a se interessar em saber “Quem sou eu?” O que aconteceu a Buda pode acontecer a toda

a humanidade, se toda a humanidade se tornar rica, exteriormente rica. Tornar-se exteriormente rico é o início da riqueza interior.

E eu ensino a abordar a religião de um modo que inclui a ciência, e ensino uma religiosidade que é sensorial, sensual. Ensino uma religiosidade que aceita o corpo, ama o corpo, respeita o corpo. Ensino uma religiosidade que é terrena, mundana, que ama esta bela Terra, que não é contra a Terra. A Terra tem que ser a base do seu voo celestial.

Três maneiras de abordar a mudança: Reforma, Revolução ou Rebelião



A evolução do ser humano passa por três estágios: a reforma, a revolução e a rebelião. A reforma é o mais superficial: ela só toca a superfície, nunca vai além da profundidade da pele. Ela não muda nada além da aparência do ser humano; muda as formalidades. Dá ao homem etiqueta, boas maneiras – um tipo de civilização –, sem mudar nada essencial em seu ser. A reforma pinta as pessoas, passa-lhes uma camada de verniz, e, no entanto, lá no fundo elas continuam as mesmas. Trata-se de uma ilusão, uma ficção. Dá respeitabilidade, e faz de todo mundo um hipócrita. Confere boas maneiras, mas é contra o cerne interior. O cerne interior não foi sequer entendido. Mas para a sociedade a reforma cria polidez.

A reforma funciona como um lubrificante. Ela conserva o *status quo*, ajuda a fazer com que as coisas continuem iguais – o que parecerá paradoxal, pois o reformista afirma que está mudando a sociedade, mas na realidade tudo o que ele faz é pintar a antiga sociedade com novas tintas. E a antiga sociedade existe com mais facilidade em novas tintas do que se continuasse com as velhas. O velho ficou desgastado; a reforma é um tipo de renovação. A casa está caindo; os alicerces estão caindo; a fundação está bamba e você precisa escorá-la novamente para manter a

casa em pé por mais um tempo. A reforma está a serviço do *status quo*; ela serve ao passado, não ao futuro.

A segunda abordagem é a revolução; ela vai um pouquinho mais fundo. A reforma só muda ideias, nem sequer muda a política. A revolução vai mais fundo e toca a estrutura – mas só a exterior, não a interior.

O ser humano vive em dois planos: um é físico, o outro é espiritual. A revolução só atinge a estrutura física – a economia, a política, elas pertencem ao plano físico. A revolução vai um pouco além da reforma, ela destrói muitas coisas obsoletas e cria muitas coisas novas; mas o ser, o ser mais profundo do homem permanece inalterado.

A revolução lida com a moralidade, lida com o caráter. A reforma lida com boas maneiras, etiqueta, civilidade, com a mudança do comportamento formal da pessoa. A revolução muda as estruturas externas e de fato as muda. Traz uma nova estrutura, mas a planta original interior continua igual; a consciência interior não é atingida. A revolução cria uma cisão.

A primeira abordagem, a reforma, cria hipocrisia. A segunda abordagem, a revolução, cria esquizofrenia. Ela cria divisões intransponíveis. O ser humano começa a se dividir e a ponte é quebrada. É por isso que os revolucionários continuam negando a alma – Marx e Engels, Lênin e Stalin e Mao, todos continuam negando a alma. Eles têm que negá-la, não podem aceitá-la, porque, se a aceitassem, toda a sua revolução pareceria superficial, ficaria evidente que a revolução que fizeram não foi total.

Lembre-se de que o reformista não nega a alma. Ele a aceita porque ela não representa nenhum problema – ele nunca vai fundo o suficiente para chegar a esse ponto. Gandhi aceita a alma – ele é um reformista. Os reformistas nunca dizem não a nada, eles são pessoas que continuam dizendo sim; são pessoas educadas. A menos que se torne absolutamente necessário, eles não rejeitarão nada; aceitarão tudo. Mas os

revolucionários negam a alma. Eles têm que negá-la, do contrário sua revolução parecerá parcial.

A terceira abordagem é a rebelião. A rebelião parte do próprio cerne interior; ela muda a consciência, ela é radical; ela transmuta, é alquímica. Dá a você um novo ser, não só um novo corpo, não só novas roupas, mas um novo ser. Nasce um novo ser humano.

Na história da consciência, existiram três tipos de pensadores: o reformista, o revolucionário e o rebelde. Manu, Moisés, Gandhi – esses são reformistas, os mais superficiais. João Batista, Marx, Freud – esses são os revolucionários. E Jesus, Buda, Krishnamurti – esses são os rebeldes.

Entender a rebelião é entender o cerne da religiosidade. Religiosidade é rebelião, é mudança completa. Religiosidade é uma interrupção do passado, o início de algo novo, o abandono do velho em sua totalidade. Nada é mantido, porque, se algo continuar, isso manterá vivo o obsoleto.

A reforma pinta a superfície. A revolução destrói a estrutura exterior obsoleta, mas a estrutura interior permanece a mesma. Nas sociedades comunistas pós-revolucionárias, o homem interior continuou o mesmo, não houve nenhuma diferença, nenhuma mesmo. Ele conservou a mesma mentalidade – a mesma ganância, ambição, mente egoísta; a mesma mente que se vê nos Estados Unidos ou nos países capitalistas. Mas a estrutura exterior da sociedade tinha mudado. A estrutura exterior das leis, do estado, da economia, da política – isso tinha mudado. E depois que a força policial, o poder governamental é tirado, as pessoas caem nos mesmos padrões antigos outra vez. A sociedade pós-revolucionária, centralizada, só pode ser controlada pela força, ela não pode ser democrática, porque, se as pessoas tiverem permissão para ser independentes, isso lhes dará também permissão para fazer com que o seu ser interior volte a fazer parte das suas vidas. E o ser interior ainda está ali – mas ele precisa ser evitado, precisa ser obstruído; não pode viver. As pessoas têm que viver de acordo com o que o governo diz, não podem viver de acordo com o seu próprio ser.

Por isso as sociedades comunistas são basicamente ditatoriais. E continuarão assim, porque o medo é que, se o homem tiver liberdade, ele também terá consciência – e a ganância ainda existe, a ambição ainda existe, e tudo que sempre existiu continuará existindo – e começará tudo de novo. As pessoas se tornarão ricas e pobres, poderosas e destituídas de poder. As pessoas começarão a explorar umas às outras, começarão a brigar por ambição. Claro, aqueles que têm poder nessas sociedades continuam fazendo o que sempre fizeram. Kruchev costumava se gabar dos seus carros, porque tinha muitos. Ninguém mais tinha condições de ter carros na Rússia, mas todo mundo queria ter um. Era só uma coação, não era uma revolução de verdade.

A revolução de verdade é espontânea. Essa revolução é chamada rebelião.

Vou fazer só mais algumas distinções entre essas três palavras, e depois você conseguirá entender a minha abordagem.

A reforma não exige muito de você. Ela diz, “Basta fazer com que a sua porta da frente fique bonita”. Você pode deixar todo o resto da casa na maior sujeira. Você vive na sujeira, só não deixa que os vizinhos vejam a sujeira. Mas o portão da frente deve ser belo, porque os vizinhos não estão interessados no seu ser interior, na sua casa interior. Eles passam na rua e só veem a porta da frente. Faça o que você quiser, mas faça isso da porta para dentro. Então a porta da frente se torna uma fachada, pura aparência, um espetáculo para os vizinhos verem. Você na verdade vive na porta dos fundos, você não vive na porta da frente. A porta da frente só está ali, artificial; você nunca entra através dela, nunca a atravessa – ela está lá só para os outros verem.

Olhe para a sua porta da frente – todo mundo tem uma. Ela se chama rosto, máscara, personalidade, pois é sua *persona*; batom, pó compacto e cosméticos, ela dá a você uma *persona*. Você não é aquilo; aquilo é só maquiagem.

A revolução vai um pouco mais fundo, mas só um pouco. Ela muda só a sua sala de visitas, para que você possa convidar pessoas e recebê-las

ali. Na Índia, isso é muito frequente. Nesse país, a sala de visitas é linda, mas não passe dali! A cozinha das pessoas é tão suja e feia, seus banheiros são quase impossíveis de usar! Mas ninguém liga para o banheiro ou para a cozinha; eles só ligam para a sala de visitas. É ali que eles recebem as visitas.

Isso é falso; não atinge o ser verdadeiro, só mantém seu prestígio. É isso que é a moralidade; uma bela sala de visitas. E, se você tiver condições financeiras, pode ter até um Picasso na parede da sala de visitas. Tudo depende de quanto dinheiro você tem.

Outro dia mesmo eu estava lendo uma historinha.

Charlie estava levando seu amigo George, que não era da cidade, para dar um passeio. Eles estavam admirando o cenário quando George observou, “Ei, está vendo aquela garota bonita ali adiante? Ela está sorrindo para nós. Você a conhece?”

“Conheço, é a Betty – vinte dólares.”

“E quem é aquela morena que está com ela? Cara, ela é um estouro!”

“Dolores – quarenta dólares.”

“Ah, mas veja quem vem vindo ali. Isso é o que eu chamo de avião.”

“Gloria – oitenta dólares.”

“Meu Deus! exclamou George. “Não existem garotas bonitas e respeitáveis nesta cidade?”

“Claro que sim”, respondeu Charlie. “Mas você não teria como pagar”.

A moralidade só vai até aí; além disso, ela pisa em falso e cai por terra. Todo mundo tem seu preço. O homem de moral tem um preço. Observe-se – se você estiver andando na rua e achar mil dólares, talvez tente encontrar o dono. Mas, se você achar dez mil dólares, vai hesitar... será que tenta achar o dono ou não? Se encontrar cem mil dólares, isso está fora de questão, vai ficar com o dinheiro. Isso mostra o quanto a moralidade é profunda – mil dólares, dez mil dólares, cem mil dólares, todo mundo tem seu preço. A pessoa só consegue suportar até esse

ponto; além disso, é sacrifício demais. A moralidade não vale a pena! Você prefere ser imoral.

A pessoa de moral não é totalmente moral; só algumas camadas têm moral, além disso espera-se que ela seja imoral. Por isso você pode levar qualquer pessoa de moral à imoralidade muito facilmente. A única questão é descobrir qual é o seu preço.

Ouvi dizer que o Mulá Nasruddin estava viajando com uma mulher num vagão de primeira classe. Eles estavam sozinhos. Ele se apresentou e então disse, “Você gostaria de dormir comigo esta noite?”

A mulher ficou muito brava e disse, “O que o senhor está pensando? Está louco? O que pensa de mim? Não sou uma prostituta!”

Então o Mulá disse, “Eu lhe daria dez mil dólares.”

A mulher começou a sorrir, chegou mais perto e segurou a mão dele.

E então o Mulá disse, “O que me diz de dez dólares?”

E a mulher voltou a protestar, “O que está pensando de mim?”

“Sei quem você é. Agora só estamos negociando o preço.”

É tudo uma questão de preço. Dez dólares e a mulher fica brava. Dez mil dólares e a mulher fica disposta. E não ria dela, pois essa é a situação de todo mundo. A moralidade não transforma você. Ela vai além da reforma, tem um preço mais alto, mas, ainda assim, no fundo do seu ser você continua o mesmo.

A reforma é uma revolução parcial. A revolução é uma revolução exterior. A rebelião é uma revolução interior. E só quando a interior aconteceu, ela é segura; do contrário, não é. A reforma faz de você um hipócrita; a revolução faz de você um esquizofrênico. Só a rebelião pode lhe dar a totalidade do ser, espontaneidade, saúde, inteireza.

A reforma torna você respeitável. Se você quer ser respeitado, então a reforma é suficiente. Ela lhe dará uma personalidade plástica. De fora você começará a parecer bonito. Por dentro estará podre e fedido, mas ninguém sentirá o fedor do seu ser; o plástico protegerá você. Por dentro

você continuará cada vez mais sujo, mas por fora manterá a boa aparência.

A revolução cria uma cisão em você. Ela faz de você um santo, mas o pecador estará lá, reprimido. O pecador não foi absorvido pelo santo, o pecador foi reprimido. A revolução transformará você em duas pessoas: ela criará dois mundos dentro de você. O natural será reprimido e o moral ficará sobre ele. O mandachuva, a pessoa de moral, tentará controlar o pobre diabo, a pessoa natural. E, evidentemente, a natural é muito poderosa, porque é natural! Por isso ela vai se vingar; vai se esgueirar pela sua vida por meio de todos os pontos fracos que puder encontrar. Ela acabará com a sua moral, criará culpa, e você viverá em conflito constante, porque ninguém pode vencer o natural.

O seu suporte, o seu suporte intelectual, é para a moral – mas o suporte de todo o seu ser é para o natural. A moral é o consciente, e o natural é o inconsciente. O consciente é muito pequeno e o inconsciente é nove vezes mais forte, nove vezes maior do que o consciente. Mas você só conhece o consciente, por isso na mente consciente a moralidade dança no seu próprio ritmo e, no inconsciente, que é nove vezes mais poderoso, todos os tipos de imoralidade continuarão fincando raízes dentro de você. Isso fará de você um santo e um pecador – o pecador será reprimido e esperará o momento certo para eclodir, para se vingar.

É por isso que as pessoas parecem tão tristes, parecem tão dispersas, porque toda a energia delas se esvai nesse conflito. Há uma tensão contínua. O santo é muito tenso, ele está sempre angustiado e está sempre com medo – com medo do próprio ser que ele negou. E o negado ainda está lá! Cedo ou tarde ele vencerá o moralista, o egoísta, o embusteiro consciente. Ele superará o embusteiro.

O santo está sempre à beira de algum tipo de insanidade. E você sabe... sempre que você tenta ser santo, sabe que está na berlinda. Basta uma coisinha para mudar todo o equilíbrio e você pode perder a sanidade. A neurose cresce em você, se você tem uma cisão interior.

A rebelião é uma revolução interior. A rebelião começa dentro, a reforma começa fora. A rebelião nunca começa fora. Começa no cerne interior. Começa no seu próprio ser. A reforma lhe diz o que fazer. A revolução lhe diz como ser mais santo, ter um caráter melhor, ter boas qualidades. A revolução cria uma casca grossa em torno de você, uma armadura que o protege do exterior e do interior também. Uma armadura de aço muito resistente – isso é o que as pessoas chamam de “caráter”.

O ser humano de verdade não tem caráter. Jesus não tinha caráter, esse era o problema; do contrário os judeus não teriam sido tão contra ele. Ele era fluido; não tinha caráter, não tinha armadura. Ele era aberto, vulnerável, desarmado, porque não era um moralista. Não era um santo, era um sábio.

A reforma torna você um cavalheiro. A revolução torna você um santo. A rebelião torna você um sábio. Jesus era um sábio. Buda era um sábio. Fizeram o que fizeram não por causa de uma certa moralidade, mas por causa de um certo entendimento; não por causa de regras ditadas do passado, mas por causa de uma consciência espontânea.

A rebelião depende da consciência, a revolução depende do caráter e a reforma depende de formalidades.

Comece ficando mais consciente, e então você começa do cerne. Deixe a luz se espalhar a partir dali, de modo que o seu ser inteiro possa se encher de luz. Não há como partir de fora. O único jeito é partir de dentro – assim como uma semente cresce de dentro para fora, rompe a casca de dentro para fora e se torna uma grande árvore. Deixe que esse seja o seu trabalho interior – como uma semente, ele cresce.

A reforma é uma colcha de retalhos, um tipo de cal para cair – um pouquinho aqui, um pouquinho ali, mas a estrutura básica fica intacta. A reforma pode ser a favor da revolução ou pode ser contra a revolução; depende de você. Existem dois tipos de reformistas: aqueles que estão preparando o terreno para a revolução e aqueles que estão tentando evitar a revolução. A reforma passa a impressão de que as coisas estão ficando melhores, portanto, qual é a necessidade de se criar uma

revolução? Por que arranjar tanta encrenca? A reforma dá esperança e as pessoas param de tentar se rebelar. Por isso ela depende de você.

Uma pessoa de correto entendimento pode usar a reforma também, mas a que não tem consciência não será capaz de usar a reforma como um recurso para a revolução – do contrário a reforma será um obstáculo para a revolução. E é isso o que acontece na revolução. Ela pode ser uma porta para a rebelião, mas só com consciência; do contrário, ela se torna um obstáculo. A pessoa pensa, “Agora que a revolução aconteceu, para que ir mais fundo? Ela já foi demais”.

Por isso a reforma tanto pode ser um obstáculo quanto um auxílio. O mesmo acontece com a revolução. Tudo depende da sua consciência, tudo depende do seu entendimento – de quanto você entende a vida.

Por isso deixe que esta se torne uma das regras mais básicas da vida e do trabalho: que tudo depende essencialmente do entendimento, do quanto você compreende. Mesmo algo que pode se tornar uma grande ajuda pode se tornar um empecilho se faltar entendimento. E mesmo algo que pode ser um veneno, com entendimento pode se transformar num medicamento. Todos os remédios são feitos de venenos; eles não matam, eles ajudam as pessoas a permanecer saudáveis. Nas mãos certas, até um veneno pode se tornar remédio; nas mãos erradas, até um remédio pode se tornar um veneno.

Renunciar ao mundo e à sociedade faz parte do espírito rebelde?

O passado está cheio de pessoas que renunciaram ao mundo e à sociedade. A renúncia se tornou parte de quase todas as religiões, um princípio fundamental. Mas o rebelde está renunciando ao passado. Ele não vai repetir o passado. Ele está trazendo algo novo ao mundo.

Aqueles que renunciaram ao mundo e à sociedade são escapistas. Eles na verdade renunciaram às suas responsabilidades, sem entender que, no momento em que renuncia às próprias responsabilidades, você também

renuncia à liberdade. Essas são as complexidades da vida: liberdade e responsabilidade acabam juntas ou permanecem juntas.

Quanto mais você ama a liberdade, mais estará pronto para aceitar responsabilidades. Mas, fora do mundo, fora da sociedade, não existe possibilidade de responsabilidade. E é preciso lembrar que tudo o que aprendemos, aprendemos sendo responsáveis.

O passado destruiu a beleza da palavra “responsabilidade”. Ele a tornou algo quase equivalente a dever; o que na verdade não é. O dever é algo feito com relutância, como parte da sua escravidão espiritual. Os deveres com relação aos pais velhos, ao marido, aos filhos não são responsabilidades. É muito importante entender a palavra “responsabilidade”. Você precisa dividi-la em duas: *resposta* e *capacidade*.

Você pode agir de duas maneiras – uma é reação, a outra é resposta. A reação vem dos condicionamentos do passado; é mecânica. A resposta vem da sua presença, da sua percepção, da sua consciência; não é mecânica. E a capacidade de responder é um dos maiores princípios do crescimento. Você não está seguindo nenhuma ordem; nenhum mandamento, está simplesmente seguindo a sua consciência. Está funcionando como um espelho, refletindo a situação e respondendo a ela – não a partir da memória, das experiências do passado com relação a situações parecidas; não está repetindo suas reações, mas agindo de maneira nova, a partir da sua consciência no momento. Nem a situação é velha, nem a sua resposta – ambas são novas. Essa capacidade é uma das qualidades do rebelde.

Renunciando ao mundo, fugindo para a floresta e para as montanhas, você está simplesmente fugindo de uma situação de aprendizado. Numa caverna no Himalaia você não teria nenhuma responsabilidade, mas lembre-se de que, sem responsabilidade, você não pode crescer; a sua consciência continuará estagnada. Para crescer você precisa enfrentar, encontrar, aceitar os desafios das responsabilidades.

Os escapistas são covardes, não são rebeldes – embora até hoje eles tenham sido encarados dessa maneira, como espíritos rebeldes. Eles não são, são simplesmente covardes. Não conseguem encarar a vida. Conhecem suas fraquezas, suas fragilidades e acham que é melhor fugir; porque assim nunca precisarão encarar as próprias fraquezas, as suas fragilidades; nunca virão a conhecer nenhum desafio. Mas, sem desafios, como você vai crescer?

Não, o rebelde não pode renunciar ao mundo e à sociedade; mas ele certamente renuncia a muitas outras coisas. Ele renuncia à chamada moralidade imposta sobre ele pela sociedade; ele renuncia aos chamados valores impostos pela sociedade; ele renuncia ao conhecimento concedido pela sociedade. Não renuncia à sociedade em si, mas a tudo o que a sociedade deu a ele. Essa é a verdadeira renúncia.

O rebelde vive na sociedade, lutando, brigando. Permanecer na multidão e não ser obediente a ela, mas ser obediente à própria consciência é uma oportunidade extraordinária de crescimento. Faz surgir o melhor em você; dá-lhe dignidade.

Um rebelde é um lutador, um guerreiro. Mas como você pode ser um guerreiro numa caverna no Himalaia? Com quem você vai lutar? O rebelde continua na sociedade, mas ele não faz mais parte dela – essa é a sua renúncia e a sua rebelião. Ele não é teimoso, não é inflexível, não é egoísta; simplesmente não continua brigando às cegas.

Se encontra algo que é certo, ele obedece, mas obedece com base na sua própria noção do que é certo, não por causa de um mandamento ditado por terceiros. E, se ele vê algo que não é certo, ele não obedece, custe o que custar. Ele pode aceitar uma crucificação, mas não aceita qualquer escravidão espiritual.

A situação do rebelde é extremamente empolgante; a todo o momento ele se defronta com problemas, porque a sociedade tem um modo fixo, um padrão fixo, ideais fixos. E o rebelde não pode concordar com ideais fixos – ele tem que seguir sua própria voz interior. Se o seu coração

disser não, não há meio, não há poder, que o force a dizer sim. Você pode matá-lo, mas não pode destruir seu espírito rebelde.

Sua renúncia é muito maior do que a renúncia de Buda Gautama, Mahavira e milhões de outros – eles simplesmente renunciaram à sociedade, fugiram para a floresta, para as montanhas. Esse é o caminho mais fácil, mas é muito perigoso, porque vai contra o seu crescimento.

O rebelde renuncia à sociedade e continua vivendo nela, lutando momento a momento. Dessa maneira ele não só cresce, mas também deixa que a sociedade descubra que há muitas coisas que não estão certas, mas que foram ensinadas como tais. Existem muitas coisas que são imorais, ensinadas como morais; há muitas coisas que, segundo foi ensinado, são muito sábias, mas na verdade são *o contrário* disso.

Por exemplo, todas as sociedades do mundo exaltam a virgindade da mulher. É um ideal universalmente aceito que a mulher deve continuar virgem até o casamento. Às vezes, existe uma fina película na vagina da mulher que, quando ela faz amor com alguém, impede que o esperma chegue ao óvulo.

A primeira coisa que interessa ao homem é saber sobre essa fina barreira, se ela está intacta ou não. Se não está intacta a garota não é mais virgem. Às vezes, montando a cavalo, escalando uma árvore ou num acidente, essa pequena barreira pode se romper, pode ter buracos, embora a garota ainda seja virgem.

Na Idade Média, seria impossível arranjar marido para ela, portanto havia médicos capazes de fazer uma barreira de pele artificial e fixá-la, de modo que a mulher parecesse virgem; fosse ela virgem ou não. A estupidez não tem limite.

Na realidade, a virgindade não deveria fazer parte de uma sociedade de verdadeiro entendimento. Virgindade significa que a mulher continua ignorante do que vai enfrentar depois do casamento. Uma sociedade mais compassiva permitirá que os rapazes e as moças conheçam o sexo antes do casamento, para que saibam exatamente o que esperar, se querem ou não continuar. E uma mulher devia ter permissão para conhecer tantas

pessoas quanto possível antes do casamento – e o mesmo se aplica ao homem –, pois antes de decidir quem é o parceiro certo, o único jeito de saber é ter experiências com muitos parceiros, diferentes tipos de pessoa.

Mas a ignorância tem prevalecido em nome da virgindade, em nome da moralidade.

A ignorância não pode ser apoiada em hipótese alguma. Se as pessoas casadas deste mundo são tão infelizes, uma das principais razões é o fato de não poderem conhecer muitas mulheres, muitos homens, antes do casamento; do contrário elas teriam mais condições de escolher, com conhecimento de causa, a pessoa certa, que combina harmoniosamente com elas.

Os astrólogos são consultados – como se as estrelas se preocupassem com quem você vai se casar, como se as estrelas estivessem muito interessadas em você! As quiromantes são consultadas, como se houvesse linhas na sua mão que pudessem dar indicações sobre um parceiro certo. As cartomantes são consultadas... todas essas coisas são absolutamente irrelevantes. As datas em que você e a mulher nasceram não têm relação nenhuma com a vida que vocês vão viver. Mas essas eram racionalizações. O homem estava tentando se consolar com a ideia de que estava tentando todas as maneiras possíveis para encontrar a parceira certa.

Só existe uma maneira de encontrar o parceiro certo: isto é, deixar que os jovens de ambos os sexos se misturem com o maior número possível de parceiros, para que possam conhecer as diferenças entre as mulheres, a diferença entre os homens. Assim eles poderão saber quem são seus opostos, quem lhes é indiferente, com quem se sentem apaixonadamente em harmonia. Não há outra maneira de encontrar o parceiro certo.

Uma pessoa com espírito rebelde terá consciência de todos os ideais, por mais antigos que sejam, e responderá de acordo com sua consciência e entendimento – não de acordo com o condicionamento da sociedade. Essa é a verdadeira renúncia.

Lao-Tsé, um rebelde autêntico – mais autêntico do que Buda Gautama e Mahavira, porque permaneceu no mundo e lutou no mundo – viveu de acordo com sua própria luz, lutando, sem fugir. Ele se tornou tão sábio que o imperador convidou-o para ser seu primeiro-ministro. Ele simplesmente se recusou. Disse, “Não vai dar certo, porque é improvável que cheguemos às mesmas conclusões sobre as coisas; o senhor vive de acordo com os ideais dos seus antepassados; eu vivo de acordo com a minha própria consciência”. Mas o imperador foi insistente; ele não conseguia ver problema nenhum.

Em seu primeiro dia na corte, trouxeram até ele um ladrão; ele tinha sido preso em flagrante, roubando de um homem rico da capital – e confessou que estava roubando. Lao-Tsé condenou tanto o ladrão quanto o homem rico a seis meses de prisão. O homem rico disse, “Como? Eu fui roubado. Sou a vítima e ainda assim sou punido? Você é louco ou o quê? Não existem precedentes na história de um homem ser punido por ter seu dinheiro roubado”.

Lao-Tsé disse, “Na realidade, você deveria ficar mais tempo na cadeia do que o ladrão – estou tendo muita compaixão –, pois você acumulou todo o dinheiro da cidade. Acha que dinheiro cai do céu? Quem fez com que essas pessoas ficassem tão pobres a ponto de se tornarem ladrões? Você é o responsável.

“E esse será meu veredicto em todos os casos de roubo: as duas pessoas irão para a cadeia. O seu crime é muito maior, o crime dele não é nada. Ele é pobre e você é responsável por isso. E, se ele roubou um pouco de dinheiro dos seus cofres, foi um crime muito pequeno. Esse dinheiro pertence às muitas pessoas pobres de quem você o pegou. Você foi se tornando cada vez mais rico e um número muito maior de pessoas foi ficando cada vez mais pobre.”

O homem rico pensou, “Esse homem parece ser louco, absolutamente louco”. E ele disse, “Eu quero uma chance de ver o imperador”. Ele era tão rico que até o imperador costumava lhe pedir dinheiro emprestado. O homem disse ao imperador o que tinha acontecido. E então concluiu, “Se

o senhor não tirar esse homem da corte, ficará atrás das grades assim como eu – porque de onde é que vieram todos os seus tesouros? Se eu sou um criminoso, o senhor é muito mais!”

O imperador viu a lógica da situação e disse a Lao-Tsé, “Talvez você tenha razão ao dizer que será difícil para nós chegarmos às mesmas conclusões. Você está dispensado dos seus serviços”.

Esse homem era um rebelde; ele vivia na sociedade, lutava na sociedade. Uma mente rebelde só pode pensar da maneira como ele pensava. Ele não estava reagindo – do contrário haveria precedentes e livros de leis. Ele não estava consultando os livros de leis e os precedentes; estava buscando dentro de si mesmo, analisando a situação. Por que existem tantas pessoas pobres? Quem é o responsável por isso? Certamente aqueles que se tornaram ricos demais são os verdadeiros criminosos.

Um rebelde renunciará aos ideais, moralismos, religiões, filosofias, rituais e superstições da sociedade, mas não à sociedade em si. Ele não é um covarde, é um guerreiro. Ele tem que se empenhar para abrir seu caminho e tem que pavimentar caminhos para outros rebeldes seguirem.

No que diz respeito ao mundo... e o mundo e a sociedade não são a mesma coisa... No passado, as chamadas pessoas religiosas renunciavam à sociedade e ao mundo, aos dois. O rebelde lutará contra a sociedade, renunciará aos seus ideais, e amará o mundo – porque o mundo, a existência, é a nossa própria fonte de vida. Renunciar ao mundo é ser contra a vida. Mas todas as religiões sempre foram contra a vida, antívida.

O rebelde deve ser a favor da vida. Ele trará todos aqueles valores que fazem do mundo um lugar mais bonito, mais amoroso, que tornam o mundo mais rico. Trata-se do nosso mundo – somos parte dele, ele faz parte de nós – como podemos renunciar a ele? Aonde poderemos ir para renunciar a ele? O mundo está na caverna do Himalaia tanto quanto aqui, no mercado.

O mundo precisa ser nutrido, porque ele está nutrindo você. O mundo tem que ser respeitado, porque ele é a sua própria fonte da vida.

Todo o sumo que flui dentro de você, todas as alegrias e celebrações que acontecem a você, vêm da própria existência. Em vez de fugir dele, você deveria mergulhar bem fundo dentro dele; deveria cravar suas raízes nas fontes mais profundas da vida e do amor e do riso. Você deveria dançar e celebrar.

A sua celebração o trará para mais perto da existência, porque a existência está em constante celebração. A sua alegria, a sua bem-aventurança, o seu silêncio trarão o silêncio das estrelas e do céu; a sua paz com a existência abrirá as portas de todos os mistérios que ela contém. Não há outra maneira de atingir a iluminação.

O mundo não tem que ser condenado, ele precisa ser respeitado. O rebelde respeitará a existência, terá imensa reverência pela vida, em qualquer forma que ela exista – pelos homens, pelas mulheres, pelas árvores, pelas montanhas, pelas estrelas. Seja qual for a forma na qual a vida exista, o rebelde terá profunda reverência por ela. Esse será seu agradecimento, essa será a sua prece, essa será sua religião, essa será sua revolução.

Ser um rebelde é o começo de um tipo de vida totalmente novo, um estilo de vida totalmente novo; é o início de uma nova humanidade, de um novo homem.

Eu gostaria que o mundo inteiro fosse rebelde, porque só nessa rebelião veremos todo o nosso potencial desabrochar, todas as nossas fragrâncias se desprenderem. Não seremos indivíduos reprimidos, como o ser humano foi durante séculos... o mais reprimido dos animais. Até os pássaros são muito mais livres, muito mais naturais, muito mais em sintonia com a natureza.

Quando nasce, o sol não bate em todas as árvores, dizendo “Acorde, a noite acabou!” Ele não vai até os ninhos dos passarinhos e diz, “Comecem a cantar, é hora de cantar!” Não, assim que ele nasce, as flores começam a se abrir por conta própria. E os pássaros começam a cantar – não por causa de uma ordem de cima, mas de uma inevitabilidade intrínseca, da alegria, da felicidade.

Eu fui professor numa faculdade de sânscrito. Como não havia vaga no alojamento de professores e eu era sozinho, providenciaram para que eu ficasse no albergue dos estudantes. Era uma faculdade de sânscrito, que seguia as tradições antigas; toda manhã, todos os estudantes tinham que se levantar às quatro da manhã, tomar um banho frio e fazer fila para rezar às cinco horas.

Durante muitos anos eu tive o hábito de me levantar bem cedinho, antes do amanhecer... e eles nem sabiam que eu era professor ainda, porque não tinha começado a dar aulas.

Foi um erro o governo me mandar para essa faculdade, porque eu não tinha nenhuma qualificação para lecionar sânscrito. Levou seis meses para que o governo corrigisse o erro. Assim como a luz é o que há de mais rápido neste mundo, a burocracia é o que há de mais vagaroso. São dois opostos polares: a luz e a burocracia.

Portanto, eu não tinha nada para fazer ali e os alunos não sabiam que eu era professor – e em vez de rezar eles estavam todos insultando Deus, insultando o diretor, insultando todo o ritual; tomar banho frio do auge do inverno – era absolutamente obrigatório.

Ao tomar conhecimento dessa situação eu disse, “Que estranho... em vez de rezar, eles estão fazendo justamente o oposto. Talvez esses seis anos na faculdade sejam o bastante para eles: nunca mais vão rezar novamente na vida. Nunca mais acordarão cedo, nunca mais. Esses seis anos de tortura serão experiência suficiente”.

Eu disse ao diretor, “Não é certo fazer da oração algo obrigatório. A oração não pode ser uma obrigação; o amor não pode ser uma obrigação”.

Ele disse, “Não é uma questão de obrigação. Mesmo que deixe de ser obrigatória, eles vão rezar”.

“Então faça uma experiência”, eu lhe disse.

A oração deixou de ser obrigatória. A não ser por mim, ninguém acordou às quatro da manhã. Então fui até o alojamento do reitor às quatro horas da manhã e bati na porta. Ele próprio estava dormindo – ele

estava sempre dormindo, nunca participava das orações. Eu disse, “Agora se levante e venha ver; dos quinhentos alunos, nenhum sequer se levantou e nenhum está rezando”.

Os passarinhos não cantam por obrigação. O cuco não canta por causa de alguma ordem presidencial, por causa de uma emergência – ele está simplesmente celebrando o sol, com as árvores. A existência é uma constante celebração. As flores abrem suas pétalas não por causa de alguma ordem – não é uma obrigação. É uma resposta – uma resposta para o sol, uma deferência, uma oração, um agradecimento.

O rebelde vive naturalmente, responde naturalmente, sente-se em casa e à vontade com a existência. Ele é um ser existencial. Isso define o rebelde corretamente: um ser existencial. A existência é seu templo, a existência é sua sagrada escritura, a existência é toda a sua filosofia. Ele não é um existencialista, ele é existencial; a existência é sua experiência.

Ele fica à vontade com as árvores, com os rios, com as montanhas. Ele não renuncia, não tem condenações; ele só tem uma grande honra em seu coração, e gratidão. Para mim, essa gratidão é a única prece.

Entendendo o que nos divide: Religião, Política e Superstição



Se as religiões desaparecerem do mundo, então muitas coisas idiotas desaparecerão para sempre junto com elas. Elas são contra o controle de natalidade, embora saibam perfeitamente bem que Jesus é o único filho amado de Deus – Deus criou só um filho em toda a eternidade. Ele deve praticar o controle de natalidade; do contrário por que só teria um filho? Pelo menos teria uma filha também. Mas as religiões são contra o controle de natalidade, são contra o aborto, sem nenhuma noção do perigo de que uma superpopulação pode levar o planeta à extinção.

Esse tipo de morte será muito cruel, pois não é imediata; quando uma pessoa morre de fome, isso significa meses de tortura e sofrimento. Um homem saudável pode viver sem comida durante três meses; depois ele morrerá. Um homem saudável tem um reservatório de energia no corpo, para emergências. Mas até o mais pobre dos homens, o mais doente, levará alguns dias ou semanas para morrer. Essas semanas de fome vão ser o pior dos infernos. Mas as religiões estão preocupadas em criar mais crianças, porque mais crianças significam mais poder – mais votos, mais forragem para os seus canhões na guerra.

Durante vinte a trinta anos o controle de natalidade absoluto deveria ser praticado. Não é uma questão de democracia, porque é uma escolha entre vida e morte. Se o mundo todo vai morrer, o que se vai fazer com a democracia? Democracia será regra então – “para as sepulturas, das

sepulturas, pelas sepulturas” –, porque as pessoas terão desaparecido da face da Terra.

As religiões cultivam superstições de todos os tipos e elas estão obstruindo a sua inteligência, a sua visão, a sua possibilidade de criar um novo homem neste mundo.

Uma coisa é certa – o antigo tipo de humanidade vai morrer. Se conseguirmos que as pessoas do mundo entendam, então um novo tipo de homem pode sobreviver.

Ele será um cidadão do mundo – não haverá nações. Ele será religioso, mas não haverá religiões. Ele será científico, mas não destrutivo; toda a sua ciência será dedicada à criação. Ele será piedoso, compassivo, amoroso – mas não celibatário! Isso é coisa de lunático. O celibatário é um lunático.

O novo homem interromperá todo tipo de experimento que estiver aquecendo a atmosfera ao redor da Terra, pois a prioridade é a vida, não os experimentos. O novo homem não enviará foguetes para criar buracos por onde raios mortais possam entrar na atmosfera; não haverá necessidade nenhuma disso. E se houver, então ele também deveria se preparar para fechar esses buracos – no momento em que o foguete sair, o buraco é fechado; no momento que o foguete entrar, o buraco é fechado.

Essa é a única maneira de evitar que os mares tragam de volta a antiga história da enchente que destruiu tudo... e agora nem a Arca de Noé adiantará, porque a enchente jamais recuará.

Um novo homem, sem qualquer fardo do passado, mais meditativo, mais silencioso, mais amoroso... todas as universidades, em vez de perder tempo com assuntos superficiais, deveriam dedicar seu tempo à criação de mais consciência nos seres humanos. Mas o futebol parece ser mais importante. É um dos jogos mais imbecis do mundo... e milhões de pessoas enlouquecem quando há uma partida de futebol.

Eu sei que um dos meus amigos – ele é professor – pede licença quando há um jogo de futebol. Se não puder ir ao estádio, ele se senta

diante da TV. Eu ficava na casa dele, ele mora em Amritsar. A televisão chegou primeiro no Paquistão, porque o Paquistão é aliado dos Estados Unidos; ela chegou à Índia quase vinte anos depois disso. Mas Amritsar fica a apenas 24 quilômetros do Paquistão, por isso eles viam programas paquistaneses na televisão, mesmo quando a Índia não tinha televisão... Eu estava hospedado na casa desse amigo, e comíamos em frente à TV, por causa dos jogos de futebol... é tão idiota! Milhões de pessoas vão à loucura, como se algo de muito importante estivesse acontecendo. E porque o time com que ele se identificava foi derrotado, ele atirou a televisão no chão, ficou muito nervoso.

Eu disse, “Você deve ser um idiota! Isso eu sabia desde o início, mas que crime cometeu esse pobre aparelho de TV?”

Ele disse, “Eu fiquei furioso! É absolutamente injusto!”

Mas eu disse, “Justo ou injusto, o aparelho de TV não tem nada a ver com isso”.

Ele disse, “Não se trata do aparelho de TV. Eu fiquei com tanta raiva que queria destruir alguma coisa”.

Numa universidade da Califórnia, durante um ano eles fizeram pesquisas para ver o que acontecia durante uma luta de boxe – que é a coisa mais feia que você pode imaginar, as pessoas socando o nariz umas das outras. O boxe prova que Charles Darwin estava certo: o homem se originou dos animais e ainda tem instintos animais. O estudo da universidade da Califórnia é muito significativo: descobriram que, sempre que há uma luta de boxe, a taxa de crimes aumenta 14 por cento logo depois e permanece assim por pelo menos uma semana – um aumento de 14 por cento! Basta observar pessoas batendo umas nas outras para que o animal dentro de você desperte! – mais assassinatos, mais estupros, mais suicídios. Leva sete dias para a coisa se acalmar, voltar à criminalidade normal. Ainda assim o boxe não é proibido.

E um novo fenômeno teve início: crianças estão cometendo crimes, o que nunca aconteceu antes – garotos de 13 anos, 12 anos, tentando estuprar meninas; garotos de 10 anos, de 9 anos de idade cometendo

assassinatos, matando; crianças de 7, 8 anos consumindo drogas. Agora as drogas não são mais um problema só dos adultos; são também um problema de crianças da escola primária.

Mas ninguém parece se interessar em saber por que isso está acontecendo. Pode ser evitado. As pessoas usam drogas porque, sem elas, sentem muita angústia, muita ansiedade, e as drogas acalmam a mente delas por algumas horas. Mas os problemas acabam voltando. A menos que a meditação se torne um imperativo em todas as instituições educacionais, as drogas não podem ser proibidas. Você pode proibi-las, mas elas chegam na clandestinidade. É preciso ensinar ao ser humano algumas outras maneiras de se acalmar, se aquietar e sentir felicidade; só então não haverá necessidade de todas essas coisas.

Um menino de 14 anos cometendo estupro simplesmente mostra que você tem que mudar as suas atitudes com relação ao sexo. Meninos e meninas devem crescer juntos; eles precisam ter permissão para fazer amor sem inibição. Até uma certa idade não há problema, porque as meninas não vão engravidar, por isso é simplesmente uma brincadeira, uma brincadeira divertida que eles podem fazer. Mas estupro é crime – e você é responsável por isso.

Na época em que as meninas estiverem numa idade em que possam engravidar, deve haver pílulas anticoncepcionais em todas as instituições. E agora também existem pílulas para homens; a garota ou o rapaz pode tomá-la. No passado costumava acontecer de você não ter tomado anticoncepcional e de repente encontrar o seu amor – e todo mundo sempre pensa, “Isso não vai acontecer *comigo...*” Mas agora já descobriram um anticoncepcional que pode ser tomado depois do sexo. É mais seguro.

As coisas precisam ser analisadas de maneira científica, não de um jeito supersticioso; então existe uma possibilidade de futuro para o homem.

Se tomarmos providências sérias contra todos os perigos que a humanidade enfrenta, existe a possibilidade de um novo homem, de um

homem melhor, de um homem natural, de um homem mais saudável, de um homem mais religioso no futuro... um mundo sem guerras, sem nações, sem religiões... um mundo pacífico, amoroso... um mundo em busca de verdade, de felicidade, de êxtase.

Mas se esses problemas não forem solucionados imediatamente, não existe futuro possível.

Nossos problemas são internacionais, mas nossas soluções são nacionais. Nenhuma nação é capaz de resolvê-las. Eu considero isso um grande desafio e uma grande oportunidade.

As nações devem acabar para que surja um governo mundial. Isso foi tentado pela Liga das Nações, antes da Segunda Guerra, mas não deu certo. Não passou de um clube de debates. A Segunda Guerra Mundial destruiu toda a credibilidade da Liga das Nações. Mas a necessidade ainda existia: por isso eles tiveram que criar as Nações Unidas. Mas as Nações Unidas são um fracasso muito maior do que foi a Liga das Nações. Ela ainda é um clube de debates, pois não tem poder nenhum. Não pode executar nada. É só um clube formal.

Eu gostaria de um governo mundial. Todas as nações teriam que renunciar aos seus exércitos, entregar suas armas ao governo mundial. Certamente se houver um governo mundial, nenhum exército é necessário, nenhuma arma. Com quem vamos guerrear? Descobrir o vizinho mais próximo entre os planetas para guerrear parece quase impossível.

As nações se tornaram ultrapassadas, mas elas vão continuar a existir – e elas são o maior problema. Quando observamos o mundo como um pássaro o vê, um estranho sentimento vem à tona: temos tudo de que precisamos, só não temos uma humanidade.

A Índia tem muito carvão; a Rússia não tem carvão nenhum, mas eles têm uma superprodução de trigo. Metade da população da Índia está morrendo de fome; precisa de trigo, com certeza não come carvão. Mas, na União Soviética, no tempo de Stalin, eles queimavam trigo em vez de

carvão nas locomotivas. Não tinham carvão, mas tinham colheitas em abundância. Era fácil para eles queimar trigo, mas eles não percebiam que estavam na verdade queimando milhões de pessoas, que estavam morrendo porque não tinham o que comer.

Os problemas são mundiais. As soluções também têm que ser mundiais. E está absolutamente claro que existem coisas que não são necessárias num lugar e em outro lugar a própria vida depende delas. Um governo mundial significa olhar para toda a situação deste planeta e mudar as coisas onde isso é necessário. Trata-se de uma só humanidade.

Na Etiópia, morrem mil pessoas por dia e, na Europa e nos Estados Unidos, eles jogam bilhões de dólares em comida no oceano, porque têm uma tecnologia melhor para produção de alimentos. Qualquer pessoa que olhe de fora achará que a humanidade é insana. Milhares de pessoas estão morrendo e montanhas de manteiga e outros alimentos estão sendo jogados no mar?

A Europa e os Estados Unidos têm, ambos, milhões de pessoas que não têm dinheiro para comprar comida suficiente. Por isso não é nem uma questão de dar para outros povos, é uma questão de dar para a sua própria gente! Mas o problema fica mais complicado, porque, se você começa a dar comida de graça para milhões de pessoas, então as outras vão começar a perguntar, “Então porque temos que pagar pela comida?” Aí o preço das coisas começará a baixar. Com os preços em baixa, os fazendeiros não se interessarão mais em produzir – para quê? Por medo de desequilibrar a economia, milhões de pessoas morrem nas ruas, enquanto o excedente de comida afunda no mar.

E não é só isso, milhões de pessoas estão doentes e morrendo nos hospitais norte-americanos, principalmente de doenças causadas pela superalimentação. Elas não podem ficar em casa, porque em casa é muito difícil impedir que essas pessoas ataquem a geladeira! Elas estão morrendo porque comem demais, e nas ruas existem pessoas morrendo porque não têm o que comer.

Mas é preciso uma visão panorâmica para ver o mundo, todo ele, como uma unidade. Nossos problemas nos levaram a uma situação em que ou cometemos suicídio ou transformamos o ser humano, suas antigas tradições, seus condicionamentos. Esses condicionamentos e esses sistemas educacionais, essas religiões que o homem seguiu até agora têm contribuído para essa crise. Essa crise global é o resultado final de todas as nossas culturas, todas as nossas filosofias, todas as nossas religiões. Elas todas têm contribuído para essa crise – de maneiras estranhas, porque ninguém jamais pensou no todo; todo mundo está olhando as pecinhas, sem se importar com o todo. Todo mundo tomou uma certa porção de vida e ignorou as partes restantes, que estão ligadas de modo básico a ela. Em vez disso, as pessoas continuam se comportando de maneiras que destruirão toda a Terra. E aqueles que estão causando essa destruição estão fazendo isso em nome de conceitos grandiosos: nações, religiões, ideologias políticas, comunismo.

Parece que o ser humano existe por causa de todos esses tipos de coisa – comunismo, democracia, socialismo, fascismo. A realidade deve ser a de que tudo deve existir pelo homem, e, se for contra o homem, não deve existir em hipótese alguma. Todo o passado da humanidade é cheio de ideologias estúpidas pelas quais as pessoas fazem cruzadas, matam, assassinam, queimam pessoas vivas. Temos de deixar para trás toda essa insanidade.

Portanto, primeiro as nações precisam desaparecer, se quisermos que o mundo sobreviva; segundo, as religiões precisam desaparecer. Uma humanidade é suficiente – não há necessidade de uma Índia, uma Inglaterra, uma Alemanha. E uma religiosidade é suficiente: meditação, verdade, amor, autenticidade, sinceridade, que não precisam de nenhum nome – hindus, cristãos, muçulmanos... só uma única religiosidade, uma qualidade, não algo organizado. No momento em que entra a organização começa a violência, porque haverá outras organizações em conflito. Precisamos de um mundo de indivíduos sem organizações. Sim, as pessoas que têm sentimentos parecidos, alegrias semelhantes, os mesmos

interesses podem se unir. Mas não deve haver nenhuma organização, hierarquia, burocracia.

Primeiro as nações, em segundo as religiões, e em terceiro, uma ciência completamente dedicada a uma vida melhor, a mais vida, a uma inteligência melhor, a mais criatividade – não para criar mais guerra, não para ser destrutiva. Se essas três coisas forem possíveis, toda a humanidade pode evitar ser destruída pelos seus próprios líderes – religiosos, políticos, sociais.

A crise, num certo sentido, é boa, porque vai forçar as pessoas a escolher. Você quer morrer ou quer viver uma vida nova? Morte ao passado; jogue fora tudo o que foi deixado como herança do passado e comece do zero, como se estivesse descendo a este planeta pela primeira vez. E então comece a trabalhar com a natureza, não como uma inimiga, mas como uma amiga, e a ecologia logo estará funcionando novamente como uma unidade orgânica.

O dano pode ser reparado; não é difícil deixar a Terra mais verde. Se muitas árvores foram cortadas, muito mais podem ser plantadas. E, com a ajuda da ciência, elas podem crescer mais rápido, podem ter uma folhagem melhor. Diferentes tipos de barragens podem ser criadas nos rios, de modo que eles não provoquem enchentes em países pobres como Bangladesh. A mesma água pode gerar muito mais eletricidade e ajudar milhares de vilarejos a ter luz à noite, a ter calor nos invernos gelados.

É uma coisa simples. Todos os problemas são simples, mas o alicerce básico é que atrapalha. Aquelas três coisas tentarão de toda maneira não desaparecer, até à custa do mundo todo. Elas estarão prontas para a destruição do planeta, mas não para declarar, “Nós renunciamos, em prol de uma organização mundial, a todas as nossas armas, a todos os nossos exércitos”.

A função das nações permanecerá muito simples: ferrovias, correios, pequenos postos policiais para tomar conta das questões internas. Mas não haverá necessidade de exércitos. Milhões de pessoas estão envolvidas em exércitos, que são inúteis. Essas pessoas podem se dedicar às artes

criativas, à agricultura, ao paisagismo. E elas são pessoas treinadas, podem fazer trabalhos que outras pessoas não podem. Um exército que pode construir uma ponte tão rapidamente – é para essas coisas que é treinado –, pode construir mais casas para as pessoas.

A ciência é capaz agora, se não se dedicar mais apenas à guerra e a criar mais arsenais para a guerra, de passar a produzir mais comida para que um número ainda maior de pessoas possa viver com felicidade neste planeta. Bilhões e bilhões de pessoas podem viver alegremente sem fome, sem sofrer de doenças. Mas a ciência deve ser tirada das mãos das nações, que estão forçando seus cientistas a criar mais armas e tecnologias de destruição. Os cientistas estão agindo quase como prisioneiros.

Eu quero que todo mundo saiba: se não estivermos prontos para sermos um só, estaremos prontos para desaparecer deste planeta. Mas espero que existam pessoas inteligentes que queiram sobreviver, que gostariam que este lindo planeta ficasse ainda mais bonito, que esta humanidade ficasse mais inteligente. Tenho receio de que talvez a humanidade como um todo ainda não esteja consciente do perigo que está se aproximando a cada instante.

E, finalmente precisamos, com essas três mudanças fundamentais, de um grande respeito pelas pessoas criativas de qualquer dimensão. Precisamos aprender como transformar nossas energias de modo que elas não sejam reprimidas, para que elas sejam expressas em nosso amor, em nossas risadas, em nossa alegria. Este planeta é mais do que um paraíso, você não precisa ir a lugar algum. O paraíso não é algo que tem de ser atingido, é algo que tem de ser criado. Depende de nós.

Esta crise dá uma chance para as pessoas corajosas se desligarem do passado e comecem a viver de uma maneira nova – não modificada, não em continuidade com o passado, não melhor do que o passado, mas absolutamente nova.

Encontre maneiras de se relacionar de um jeito novo. Esqueça o casamento, comece a pensar em como investigar a vida. Esqueça todas as suas crenças, comece a meditar em busca de descobrir exatamente quem

você é, pois, encontrando-se, você terá encontrado a própria essência da vida. Ela é imortal e eterna, e aqueles que a encontraram sentem uma felicidade e uma graça inexprimíveis.

Precisamos de mais pessoas felizes ao redor do globo. As armas nucleares e as máquinas de guerra destrutivas não podem funcionar sozinhas. Elas são manejadas por seres humanos, por trás delas há mãos humanas. Uma mão que conhece a beleza de uma rosa não pode atirar uma bomba em Hiroshima. Uma mão que conhece a beleza do amor não é a mão que segura uma arma carregada com a morte. Um pouquinho de contemplação e você entenderá do que estou falando.

Estou dizendo, espalhe risadas, espalhe amor, espalhe valores a favor da vida, plante mais flores na Terra. Aprecie tudo o que é bonito e condene tudo o que não é humano. Tire esta Terra inteira das mãos dos políticos e dos sacerdotes e você terá salvado o planeta, estará mudando o mundo, transformando-o num fenômeno totalmente novo, com uma nova consciência humana. E isso tem que ser feito agora, porque o tempo é muito curto.

Nosso trabalho aqui é ensinar às pessoas consciência, mais percepção, mais amor, mais entendimento, mais alegria, e espalhar a dança e a celebração ao redor da Terra. Reduzindo tudo a uma única afirmação, eu posso dizer: se conseguirmos tornar a humanidade mais feliz, não vai haver uma terceira guerra mundial.

Giovanni quer dar uma volta de bicicleta, então ele decide pedir ao seu amigo Mário sua bicicleta emprestada. No caminho ele começa a pensar, “Com certeza, Mário vai me dizer para tomar cuidado com a bicicleta, mas eu direi a ele para não se preocupar; então ele me dirá que a irmã dele quer usá-la, mas eu direi que a trarei de volta a tempo; então eu sei que Mário ficará com medo e dirá que não é a época do ano certa para andar de bicicleta...”

Finalmente, Giovanni chega à casa de Mário – e olha para a janela no andar de cima, e grita, “Ei, Mário! Vá se danar! Você e a sua bicicleta!”

Hamish MacTavish não via o velho amigo, Gordon MacPherson, há quarenta anos. Então, quando eles se cruzaram na rua um dia, correram ao bar mais próximo para comemorar.

“Seria maravilhoso se tomássemos um drinque juntos depois de todos esses anos”, disse Gordon.

“Ah, seria mesmo”, disse Hamish, “Mas não se esqueça, desta vez a rodada é por sua conta”.

Houve um acidente na construção e Seamus corre até onde Paddy está caído, embaixo de uma pilha de entulho.

“Você morreu, Paddy, depois dessa queda tão feia?”, pergunta Seamus.

“Claro, certamente que sim”, responde Paddy.

“Ah, sabichão!”, exclama Seamus. “Você é um tremendo mentiroso, não sei se acredito em você ou não!”

“Isso prova que estou morto, seu idiota! Se estivesse vivo, você não me chamaria de mentiroso na minha cara!”

A última...

Hamish MacTavish está descendo a rua em seu velho Ford quando a polícia o para.

“Desculpe, senhor”, diz o guarda. “O senhor se incomoda em assoprar neste saco?”

“Claro que não!”, disse Hamish. “Você também quer que eu dance um samba?”

“Não, não”, disse o guarda. “Este saco me diz o quanto o senhor bebeu.”

“Ah, mas não precisa, não”, disse Hamish. “Eu já tenho um em casa que também me diz... casei-me com ele!”

Por que você é tão contra as religiões? Elas não desempenham um papel importante proporcionando uma bússola moral para o comportamento das

peessoas?

Eu sou contra todas as religiões organizadas, sem nenhuma exceção, pela simples razão de que a verdade não pode ser organizada. Não é política, é um caso de amor entre o indivíduo e a existência; você não pode organizá-la. Não é preciso nenhum sacerdote, nenhum teólogo, nenhuma igreja.

O céu estrelado não é suficiente para você apreciar e admirar, e cair de joelhos, em agradecimento à existência? As flores não são suficientes, as árvores, os passarinhos, as montanhas... o nascer do sol, um belo entardecer? A existência cerca você com tamanha beleza e você cria uma pequena prisão e a chama de igreja. E você acha que ir à igreja é ser religioso?

Ir ao sermão de um homem que não percebeu nada – ele pode ser um erudito, mas não é iluminado; ele fala com base em citações, mas não consegue falar com base na própria autoridade – é simplesmente uma perda de tempo. Encontre alguém que tenha descoberto a verdade, e fique com essa pessoa. Beba da presença dela; olhe nos olhos dela. Sinta o coração dela e deixe que o seu coração bata no mesmo ritmo, e talvez você possa sentir um gostinho do que é religião. Mas a religião não pode ser organizada.

A verdade não pode nem ser expressa, que dirá organizada! Ela é inexprimível. Aqueles que a conhecem falam sobre ela, mas nunca são capazes de transmiti-la com exatidão. Eles falam na esperança de que talvez alguém possa, por acaso, compreendê-la. Não se trata de uma arte que se possa ensinar; é algo mais parecido com uma doença que se transmite por contágio. Quando você está perto de uma pessoa que sabe a verdade, você tem chance de “contraí-la”.

Todos os místicos do mundo, de todas as eras, concordam com relação a um ponto: a verdade não pode ser rebaixada ao nível da linguagem. Todos os teólogos estão fazendo justamente o oposto. Todos os místicos concordam em que não existe uma maneira de organizar a verdade,

porque ela é puramente uma questão individual. Você tem organizações para o amor? E o amor envolve pelo menos duas pessoas; é interpessoal.

A religião é absolutamente pessoal. Ela não envolve ninguém além de você.

Você precisa fazer parte de uma multidão. Católicos, protestantes, cristãos, hindus, muçulmanos, budistas. Todas essas multidões destruíram a possibilidade de o homem atingir a verdade, porque elas lhe deram a ideia enganosa de que você não precisa buscar: “Jesus sabe, acredite simplesmente em Jesus. Buda sabe, simplesmente acredite em Buda. Você não tem que fazer nada”. Eles baratearam tanto a verdade que o mundo todo acredita e vive na escuridão, e em meio a mentiras.

A crença, desde o princípio, é uma mentira. Como você pode acreditar que Buda tenha atingido a verdade? Como você pode acreditar que Jesus atingiu a verdade? Seus contemporâneos nem acreditavam nele e já se passaram mais de vinte séculos! Seus contemporâneos só pensavam nele como um grande transtorno. Não apreciavam sua presença; pelo contrário, queriam que acabassem com ele. E você diz que sabe que ele conhecia a verdade? Com base em quê?

A sua crença é só uma estratégia para enganar a si mesmo. Você não quer tomar o caminho árduo da busca, da pesquisa, da descoberta. É árduo porque você terá que deixar de lado muitas superstições, e terá que se reprogramar, eliminando muitos condicionamentos do passado que o impedem de conhecer a verdade, de conhecer a si mesmo. Nenhuma crença pode ajudar, e todas as religiões se baseiam na crença – é por isso que elas são chamadas de credos, e as pessoas religiosas são chamadas de crentes.

A verdade é uma busca, não um credo. É uma investigação, não uma crença. É uma indagação, uma busca, e você terá que percorrer um longo caminho para encontrá-la. Para evitar essa longa jornada, você facilmente se torna crédulo. Facilmente se torna vítima de qualquer um que esteja disposto a explorá-lo. E naturalmente se sente aconchegado numa multidão. Existem seiscentos milhões de católicos no mundo; é

aconchegante. E você acha que esses seiscentos milhões não podem estar errados. Você pode estar errado, mas seiscentos milhões de pessoas não podem. E todo mundo, dentro desses seiscentos milhões, está pensando a mesma coisa. Quatrocentos milhões de hindus acham que estão certos; do contrário, por que um número tão grande de pessoas teria a mesma crença? O mesmo acontece com os muçulmanos, os budistas e outras religiões.

A busca pela verdade é um voo que se faz sozinho.

Todas essas religiões fizeram você parte de multidões, dependente delas. Elas lhe tiraram a individualidade, tiraram-lhe a liberdade, tiraram a sua inteligência. No lugar elas lhe deixaram crenças falsas, que não significam nada.

Eu não sou especialmente contra nenhuma religião em particular. Sou contra todas. No meu ponto de vista, ser religioso é uma experiência pessoal. Um Buda pode ter conhecido a verdade, mas no momento em que esse Buda morre, a verdade dele desaparece no ar como uma fragrância. Quando uma flor morre, o que acontece com seu perfume? Ele segue para o universal.

É bom que todo mundo tenha que viver redescobrimdo a verdade; do contrário ela seria uma coisa tediosa. Ela é uma aventura e um êxtase – e continuará sendo uma aventura, pois não pode ser comprada, não pode ser emprestada, não pode ser roubada, não pode ser uma crença. Não existe outro meio a não ser buscá-la e encontrá-la.

A própria busca é linda demais. Cada instante dela é uma alegria, porque a cada instante alguma coisa cai por terra, sai da sua vida. E estamos cercados de falsidades. A cada passo alguma máscara cai e você se familiariza com a sua face original. E, por fim, quanto tudo o que é falso desapareceu, você se torna uma luz para si mesmo, e esse é o momento da religiosidade.

Eu gostaria que o mundo inteiro fosse religioso – não parte de uma religião organizada qualquer, mas numa busca independente, que se originasse na liberdade individual de cada um. Aí você terá uma

autoridade. Aí, dizendo ou não alguma coisa, até o seu silêncio será um sermão, até os seus gestos terão graça. Aqueles que são receptivos sentirão imediatamente uma atração pela pessoa realizada, a força magnética em seus olhos, em sua presença.

Não há necessidade de se converter ninguém – toda conversão é ofensiva. Quando você cruza com alguém que sabe a verdade, você simplesmente se apaixona. Não é uma conversão, é que simplesmente você não consegue fazer nada além disso. Querendo ou não, alguma coisa puxa você para uma outra direção, uma nova dimensão.

Basicamente, sou a favor da liberdade do indivíduo para buscar a verdade. Infelizmente, por causa disso, tenho que ser contra as religiões organizadas. Mas esse não é o meu trabalho, é só o servicinho sujo que eu tenho que fazer.

Você critica a “Declaração dos Direitos Humanos” universal das Nações Unidas com base na ideia de que, embora seja bem-intencionada, é hipócrita e não compreende as causas reais da injustiça e dos abusos das liberdades humanas. Qual seria a sua proposta para assegurar que os direitos humanos sejam respeitados nessa nova comunidade humana que você idealiza?

A Declaração dos Direitos Humanos, das Nações Unidas, significa basicamente que a humanidade ainda sofre muitos tipos de escravidão. Do contrário, não haveria necessidade de uma declaração. A própria necessidade indica que o homem está sendo enganado há milhares de anos – e foi enganado de uma maneira tão ardilosa, que, a menos que olhe a humanidade de cima, você não consegue enxergar os elos invisíveis que o acorrentam na vida; em que cativeiro, em que prisões invisíveis todos estão confinados.

A minha declaração dos direitos humanos consiste em dez coisas fundamentais.

A primeira é a vida.

O homem tem direito à dignidade, à saúde; tem direito de crescer, para que possa desabrochar em todo o seu potencial. Esse desabrochar pleno é direito dele. Ele nasceu com as sementes, mas a sociedade não lhe provê o solo, os devidos cuidados, a atmosfera amorosa. Pelo contrário, a sociedade lhe confere uma atmosfera venenosa, cheia de raiva, ódio, destrutividade, violência, guerra. O direito à vida significa que não deve haver mais guerras. Também significa que ninguém deve ser forçado a fazer parte de exércitos, forçado a ir para a guerra; deveria ser direito de todos se recusarem a ir. Mas não é esse o caso.

Milhares de pessoas são mandadas para prisões – principalmente jovens sensíveis e inteligentes – porque se recusam a ir para a guerra. Essa recusa é considerada como um crime – e eles estão simplesmente dizendo que não querem matar seres humanos!

Seres humanos não são coisas que você possa destruir sem pensar duas vezes. Eles são o apogeu da evolução universal. Destruí-los em nome de qualquer causa é errado – seja em nome da religião, da política, do socialismo, do fascismo, não importa qual seja a causa. O ser humano está acima de todas as coisas e não pode ser sacrificado em nenhum altar.

É bastante estranho que as Nações Unidas declarem os direitos fundamentais dos seres humanos e, no entanto, nada digam sobre esses milhares de jovens desperdiçando a vida em prisões pela simples razão de terem se recusado a destruir vidas. Mas o fenômeno tem raízes profundas que precisam ser compreendidas.

O direito à vida só é possível numa certa atmosfera diferente dessa, que não está presente na Terra neste momento. Os animais são mortos, os pássaros são mortos, os animais marinhos são mortos só por diversão. Não se tem reverência nenhuma pela vida. E a vida é a mesma, seja num corpo humano ou em outras formas. A menos que o homem se dê conta dessa violência contra animais, pássaros, ele não pode ficar realmente alerta com relação ao seu próprio direito à vida. Se não estamos cuidando da vida dos outros seres, que direito temos de exigir o mesmo direito para nós mesmos?

As pessoas continuam caçando, matando animais desnecessariamente. Eu fui hóspede no palácio do marajá Jamnagar. Ele me mostrou centenas de leões, veados – a cabeça deles. O palácio inteiro estava cheio delas, e ele se exibia dizendo, “Esses animais eu mesmo matei”.

Perguntei a ele, “Você me parece uma pessoa gentil. Qual a razão? O que esses animais fizeram contra você?”

Ele disse, “Não é uma questão de se ter ou não uma razão ou de eles terem feito algo contra mim. É só um jogo”.

Eu disse, “Então olhe pelo outro lado: se um leão matasse você, seria um jogo? A sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos – algum deles teria a coragem de dizer que se tratava de um belo jogo? Seria uma desgraça! Se você mata um animal, é um jogo; se eles matam você, é uma calamidade. Essas duas medidas mostram a sua desonestidade, a sua falta de sinceridade”.

Ele disse, “Nunca pensei dessa forma”.

Mas a maioria da humanidade não é vegetariana; todas essas pessoas se alimentam de outras formas de vida. Não há reverência pela vida. A menos que criemos uma atmosfera de reverência pela vida, o ser humano não conseguirá perceber o objetivo de reivindicar seu direito fundamental à vida.

Em segundo lugar, como as Nações Unidas também declaram que a vida é um direito fundamental do homem, ela é mal interpretada. O papa, Madre Teresa e sua gente estão usando isso para ensinarem as pessoas a ser contra o controle de natalidade, o aborto, os contraceptivos. A mente do homem é tão astuta! Era uma questão de direitos humanos, e eles estão tirando vantagem dela. Estão dizendo que você não pode usar métodos contraceptivos porque eles são contra a vida; um feto tem os mesmos direitos que você tem. Então é preciso traçar alguns limites, porque quando passa a existir vida?

Para mim, a pílula não destrói os direitos humanos; na verdade ela prepara o terreno para eles. Se a Terra estiver superpovoada, milhões de pessoas morrerão de fome, haverá guerras. E da maneira que a população

está aumentando, isso pode levar a humanidade a uma situação muito desumana.

Em Bengala, na Índia, houve uma fome tão grande que as mães comiam seus próprios filhos mortos. As pessoas vendiam os filhos mortos por uma rúpia, duas rúpias apenas. E você acha que as pessoas que os compravam estavam comprando seres humanos? Não, estavam comprando comida. O papa e Madre Teresa serão responsáveis por tudo isso.

A pílula anticoncepcional meramente não permite que uma criança se forme no útero da mãe, por isso a questão dos direitos humanos não vem ao caso. E a ciência descobriu uma pílula para o homem também. Não é necessário que a mulher tome a pílula. O homem pode tomá-la. O feto não se forma de jeito algum; por isso esse direito fundamental não se aplica nesse caso. Mas essas pessoas religiosas – os shankaracharyas da Índia, os aiatolás do Irã... no mundo todo, todas as religiões são contra o controle de natalidade. E eles são os únicos métodos que podem impedir o ser humano de resvalar para um estado de barbárie.

Sou absolutamente a favor dos métodos de controle de natalidade. Uma criança deve ser reconhecida como um ser humano quando nasce – e, então, também tenho algumas reservas. Se uma criança nasce cega, nasce aleijada, se nasce surda, com uma lesão cerebral, e não podemos fazer nada para ajudar essa criança... Só porque não se pode dar fim à vida, essa criança tem que sofrer por causa de ideias estúpidas? Por 70 anos, 80 anos? Por que criar um sofrimento desnecessário? Se os pais concordarem, deve-se permitir que a criança desfrute do sono eterno. E não há problema nenhum nisso. Só o corpo volta para o seu elemento básico; a alma voará para outro útero. Nada é destruído. Se você realmente ama seu filho, não vai querer que ele viva durante setenta anos uma vida de infelicidade, sofrimento, velhice. Portanto, mesmo que uma criança chegue a nascer, se ela não for clinicamente capaz de viver uma vida plena, então é melhor que ela vá para o sono eterno e nasça em outro lugar, num corpo melhor.

O direito à vida é uma coisa complexa. A ninguém é dado o direito de matar outro ser, mesmo em nome da religião. Milhões de pessoas morreram em nome das religiões, a serviço de Deus. Ninguém deve matar em nome da política. Novamente, o mesmo aconteceu.

Joseph Stalin, sozinho, matou um milhão de pessoas de seu próprio povo, enquanto estava no poder. Adolf Hitler matou seis milhões de pessoas. E milhares de guerras aconteceram.

Parece que, neste mundo, estamos fazendo apenas uma coisa: reproduzindo-nos porque soldados são necessários, reproduzindo-nos porque guerras são necessárias. Para aumentar a população, Maomé disse aos muçulmanos que podiam se casar com quatro mulheres ou até mais. Ele próprio tinha nove mulheres. E a razão é a guerra, a destruição da vida. Não foi por amor às nove mulheres que ele se casou com elas. Era pura aritmética. Se um homem se casa com nove mulheres, ele pode produzir nove filhos por ano. Se nove mulheres se casam com um homem, tudo bem – mas, se nove homens se casam com uma mulher, pode acontecer de ela não ter nem um único filho. Seria bagunçar a coisa toda. É mais provável que eles acabem matando a mulher!

Parece que o ser humano nada mais é do que um instrumento necessário para mais destruição, mais guerras.

A população precisa ser reduzida, caso o ser humano queira ter dignidade, honra, direito de viver – não só para viver se arrastando, mas para dançar. Quando eu digo que a vida é um direito fundamental, estou me referindo a uma vida de canções e danças, uma vida de bênçãos e alegria.

Minha segunda consideração é em favor do amor.

O amor deveria ser aceito como um dos direitos humanos mais fundamentais, e todas as sociedades o destruíram. Ele foi destruído quando se criou o casamento. O casamento é um falso substituto do amor.

No passado, até crianças pequenas se casavam. Elas não tinham ideia do que era o amor, do que era o casamento. E por que as crianças

pequenas se casavam? Por uma simples razão: antes que se tornassem jovens adultos, antes que o amor florescesse em seus corações, as portas tinham que ser fechadas. Porque, depois que o amor tomava posse do coração delas, era muito mais difícil...

Nenhum casamento infantil é humano. Um homem ou uma mulher deviam ter o direito de escolher os seus parceiros e mudar de parceiro quando quisessem. O governo não tem nada a ver com isso, a sociedade não tem nada a ver com isso. Trata-se de uma questão pessoal entre dois indivíduos. A privacidade dessa questão é sagrada. Se duas pessoas querem viver juntas, não precisam pedir permissão para nenhum sacerdote ou governo; precisam da permissão dos seus corações. E no dia em que sentirem que é hora de se separar, mais uma vez não precisam da permissão de ninguém. Podem se separar como amigos, com belas lembranças dos tempos em que se amavam.

O amor deveria ser o único motivo para um homem e uma mulher viverem juntos. Nenhum outro ritual é necessário.

O único problema no passado era o que acontecia com os filhos; esse era o argumento a favor do casamento. Há alternativas bem melhores. As crianças deveriam ser aceitas não como propriedade dos pais – elas pertencem a toda a humanidade. Desde o início isso devia ficar bem claro para elas: “Toda a humanidade vai proteger vocês, vai ser o seu abrigo. Podemos ficar juntos – vamos cuidar de vocês. Podemos não ficar juntos, ainda assim cuidaremos de vocês. Vocês são o nosso sangue, os nossos ossos, a nossa alma”.

Na realidade, esse sentimento de posse dos pais com relação aos filhos é uma das coisas mais perigosas que a humanidade continua a perpetuar. Essa é a raiz da ideia de possessividade. Você não devia possuir os seus filhos. Você pode amá-los, pode abençoá-los, mas não pode possuí-los. Eles pertencem a toda a humanidade. Eles vêm do além; você foi somente uma passagem. Não pense em si mesmo como mais do que isso. Qualquer coisa que possa fazer, faça.

Toda comunidade, toda aldeia, deveria tomar conta das crianças. Depois que a comuna começar a tomar conta das crianças, o casamento ficará totalmente obsoleto. E o casamento está destruindo o seu direito básico ao amor.

Se o amor do ser humano é livre, não haverá negros e brancos, e não haverá essas discriminações pavorosas, por que o amor não conhece fronteiras. Você pode se apaixonar por um homem negro, pode se apaixonar por um homem branco. O amor não conhece escrituras religiosas. Só conhece as batidas do coração, e sabe disso com absoluta certeza. Depois que o amor for livre, ele preparará o terreno para outros direitos fundamentais.

Na realidade, se você perguntar aos cientistas, eles vão dizer que, se duas pessoas se apaixonam, quanto mais diferentes elas forem, melhor. Então elas conceberão crianças melhores, mais inteligentes, mais fortes. Sabemos disso agora; estamos tentando isso no mundo todo, no que se refere a animais. O cruzamento de raças nos proporcionou vacas melhores, cavalos melhores, cães melhores. O ser humano é estranho. Você sabe o segredo, mas não melhora a si mesmo.

Não deveria haver fronteiras insistindo em que um hindu se case apenas com um hindu, ou que um brahmin se case apenas com outro brahmin. Na realidade, a regra deveria ser que um indiano nunca se case com outro indiano. Há o mundo inteiro, então encontre um cônjuge bem longe dali, além dos sete mares, e então você terá filhos que serão mais bonitos, mais saudáveis, mais longevos, muito mais inteligentes, geniais. O homem precisa aprender sobre o cruzamento de raças, mas isso só é possível se não houver mais casamento e o amor for visto com absoluto respeito. Hoje em dia ele é condenado.

O terceiro direito mais fundamental... porque existem três coisas muito importantes na vida: a vida, o amor e a morte. A todo mundo deve ser dado o direito fundamental de, depois de atingir uma certa idade, depois de viver um certo tempo, não querer mais se arrastar por aí desnecessariamente... Porque amanhã será novamente apenas uma

repetição; a pessoa perdeu toda a curiosidade com relação ao amanhã. Ela tem todo o direito de deixar o corpo. É seu direito fundamental. É a vida dela; se ela não quer continuar, ninguém deve impedi-la. Na realidade, todo hospital deveria ter uma ala especial aonde as pessoas desejosas de morrer pudessem entrar um mês antes, pudessem relaxar, aproveitar todas as coisas nas quais pensaram durante a vida toda, mas a que não conseguiram se dedicar – a música, a literatura, se queriam pintar ou esculpir...

E os médicos deveriam ensiná-las a relaxar. Até agora, a morte tem sido uma coisa quase horrorosa. O homem tem sido uma vítima, mas a culpa é nossa. A morte pode ser encarada como uma celebração; você só precisa aprender como dar as boas-vindas a ela, descontraído e em paz. E, no período de um mês, os amigos poderiam ver a pessoa e se encontrar. Todo hospital deveria ter instalações como essa – mais espaço para os que vão morrer do que para aqueles que vão viver. Deixe-as viver por um mês ao menos como imperadores, para que possam deixar esta vida sem nenhum ressentimento, sem nenhuma queixa, só com um sentimento de profunda gratidão, de agradecimento.

Além desses três direitos, ainda há um quarto: a busca pela verdade.

Ninguém deveria ser condicionado, desde a infância, com uma religião, filosofia, teologia, porque você está destruindo sua liberdade de busca. Ajude essa pessoa a ser forte. Ajude-a a ser forte o suficiente para duvidar, para ser cética com relação a tudo em que acreditam ao seu redor. Ajude-a a nunca acreditar, mas a insistir em saber. A fazer a peregrinação sozinha, por conta própria, seja aonde for que ela a leve, quanto tempo dure, porque não existe outro jeito de encontrar a verdade.

Todos os outros – que acham que são cristãos, ou que são judeus, ou que são hindus, ou que são muçulmanos – são crentes. Eles não sabem. A crença é puro veneno. Saber é florescer.

A busca pela verdade... Você não deveria ensinar a ninguém o que é a verdade, porque ela não pode ser ensinada. Você deveria ajudar a pessoa a investigar. Investigar é difícil; a crença é uma pechincha. Mas a verdade

não é uma pechincha; ela é a coisa mais valiosa do mundo. Você não pode obtê-la dos outros, precisa encontrá-la por si mesmo.

E o milagre é que, no momento em que decide que não será vítima de nenhuma crença, você já percorreu metade do caminho rumo à verdade. Se a determinação for total, você não precisa ir até a verdade, ela vem até você. Você só tem que estar em silêncio para recebê-la. Você tem que se tornar um anfitrião, de modo que a verdade possa se tornar um hóspede no seu coração.

Atualmente, o mundo inteiro está vivendo de crenças. É por isso que não existe brilho nos olhos das pessoas, nenhuma graça nos seus gestos, nenhuma força, nenhuma autoridade em suas palavras. A crença é falsa; ela constrói castelos de areia. Uma leve brisa e o seu belo castelo vai abaixo.

A verdade é eterna e descobri-la significa que você também se tornou parte da eternidade.

Quinto: para descobrir a verdade, todos os sistemas de educação, desde o jardim de infância até a universidade, criarão uma certa atmosfera de meditação. A meditação não pertence a nenhuma religião, e não é uma crença. É uma ciência pura do eu interior. Aprender a ficar em silêncio, aprender a ser observador, aprender a ser uma testemunha; aprender que você não é a mente, mas algo além – a consciência –, tudo isso preparará você para receber a verdade.

E é a verdade que foi chamada de “deus” por muitas pessoas; por outras foi chamada de “nirvana”. Por outras ainda, outros nomes foram atribuídos, mas trata-se do silêncio inominável, da serenidade, da paz. A paz é tão profunda que você desaparece; e no momento em que desaparece, você entrou no templo do divino.

Mas as pessoas estão desperdiçando quase um terço de suas vidas na escola, nas faculdades e nas universidades, sem saber nada sobre o silêncio, sem saber nada sobre relaxamento, sem saber nada sobre elas mesmas. Elas sabem sobre o mundo todo – é muito estranho que tenham se esquecido apenas de si mesmas. Mas parece que existe uma razão...

Na Índia, existe uma antiga história. Dez homens cegos atravessavam um riacho. A corrente era muito forte, por isso eles se deram as mãos. Ao chegar ao outro lado, um deles sugeriu, “Deveríamos nos contar. A corrente era muito forte e não enxergamos – alguém pode ter sido levado pelo rio”.

Então eles contaram quantos deles havia. O mais estranho é que a conta sempre dava nove. Todos tiveram a sua vez de contar, mas o resultado era sempre nove. Um homem sentado na beira do rio começou a rir – era hilário! Aqueles dez homens sentados, chorando, com lágrimas nos olhos, porque tinham perdido um dos amigos. O homem aproximou-se deles e disse, “Qual o problema?”

Eles explicaram a situação e o homem disse, “Façam uma fila. Quando eu bater na primeira pessoa, ela diz “um”; quando eu bater na segunda, ela diz “dois”, pois vou bater duas vezes. Quando eu bater três vezes na terceira pessoa, ela dirá “três”.

Estranhamente, eles encontraram o décimo homem que estava perdido. Todos agradeceram ao homem, tocando seus pés e dizendo “Você foi bom para nós. Estávamos achando que tínhamos perdido um amigo. Mas, por favor, pode nos dizer como fez? Nós também estávamos contando. Todos nós tentamos e o décimo não estava aqui. Como ele apareceu de repente?”

O homem explicou, “Esse é um antigo mistério que vocês não compreenderão. Apenas continuem o seu caminho”.

Qual é o antigo mistério? A pessoa tende a se esquecer de si mesma. Na verdade, ela vive a vida toda sem se lembrar de si mesma. Ela vê todo mundo, sabe de todo mundo; só se esquece de si mesma.

A meditação é o único método pelo qual você começará a contar a partir de si mesmo: “um”.

E porque ela não faz parte de nenhuma religião, não há problema – pode ser praticada no mundo inteiro, em todas as escolas, em todas as faculdades, em todas as universidades. Qualquer um que chegue a casa, vindo da faculdade, chegará num profundo estado meditativo, com uma

aura de meditação em torno de si. Do contrário, o que ele trará vai ser só lixo, porcaria. A geografia ele conhece, ele sabe onde fica Timbuktu, sabe onde fica Constantinopla – e não sabe onde ele mesmo está!

A primeira coisa na vida é saber quem você é, onde você está. Então tudo na vida começa a entrar nos eixos, a se mover na direção certa.

O sexto: liberdade em todas as dimensões.

Não somos livres nem como os pássaros e animais. Nenhum pássaro tem que passar pela alfândega. A qualquer momento ele pode voar da Índia para o Paquistão sem um visto. Estranho é que só o homem continue confinado a nações, a fronteiras. Como a nação é grande, você tende a esquecer que está aprisionado. Não pode sair, outros não podem entrar. É uma prisão imensa, e toda a Terra está repleta de prisões imensas.

Liberdade em todas as dimensões significa que o homem, onde quer que tenha nascido, faz parte de uma só humanidade.

As nações precisam se dissolver, as religiões precisam se dissolver, porque elas estão criando cativos – e às vezes cativos hilariantes.

Eu estava numa cidade, Devas. Havia vinte anos que o templo jainista não era aberto. Havia três cadeados no templo: um cadeado dos *Digambaras*, uma das seitas jainistas, outro de outra seita, os *Svetambaras*, e o terceiro, da polícia. Quando eu vi isso, perguntei, “Qual o problema?” Eu só estava passando e vi os cadeados – cadeados enormes, maiores do que qualquer cadeado normal – e vim a saber da história.

Há apenas um templo jainista em Devas, e era esse. Não há muitos jainas na cidade; eles não têm dinheiro para fazer dois templos, por isso fizeram um e o dividiram. Antes do meio-dia, os *Digambaras* podiam prestar seu culto e, depois do meio-dia, era a vez dos *Svetambaras*... mas todos os dias saía briga.

As diferenças entre os *Svetambaras* e os *Digambaras* não são muito grandes – são muito infantis e tolas. Os *Digambaras* cultuam Mahavira

de olhos fechados e os *Svetambaras* cultuam Mahavira de olhos abertos. Essa é a única diferença básica.

Ora, uma estátua de mármore... você pode esculpi-la de olhos fechados ou de olhos abertos... a menos que se crie algum mecanismo, algum interruptor que abra ou feche os olhos dela, quando é ligado ou desligado. Mas esse tipo de tecnologia não existe; do contrário seria fácil. Você encontra esse tipo de dispositivo em brinquedos – uma linda boneca, que você deita e ela fecha os olhos. Você a senta e ela abre os olhos. Alguma coisa assim poderia ser providenciada.

E na verdade eles tinham providenciado algo parecido – era primitivo, mas foi providenciado. Quando os *Svetambaras* cultuavam a estátua, que tinha os olhos fechados, eles colocavam falsos olhos sobre os da estátua. Só colavam os olhos ali. Era simples; não tinha nada de tecnológico. Não era preciso nenhuma tecnologia.

Mas todo dia surgia o mesmo problema: ao meio-dia, exatamente ao meio-dia, os *Svetambaras* já estavam esperando. Um minuto a mais... e os *Digambaras* estariam prestando culto por um tempo um pouco maior. Por isso os *Svetambaras* chegavam ao templo e já começavam a pôr olhos na estátua, e a briga começava.

Isso aconteceu tantas vezes que a polícia finalmente trancou o templo e disse a eles, “Procurem os tribunais e tomem uma decisão”. O caso continuou – como a lei pode decidir se Mahavira costumava meditar de olhos abertos ou fechados? A verdade é que ele costumava meditar com os olhos meio abertos.

Nenhuma criança deveria aprender com os pais qualquer ideia sobre a vida – nem teologia, nem filosofia, nem política. Elas deveriam ser criadas de modo a ficar o mais inteligentes e perspicazes possível, para que pudessem iniciar sua busca quando tivessem idade. E trata-se de uma busca que dura a vida inteira. As pessoas hoje se convertem a uma religião quando nascem. Na realidade, se você se converte a uma religião quando morre, descobriu-a cedo. Trata-se de um tesouro precioso, mas

ele só é possível se você tem liberdade – e liberdade em todas as dimensões, não só na religião.

Não deveriam existir nações, fronteiras nacionais. Não deveriam existir religiões. Um ser humano deve ser visto como um ser humano. Por que se confinar com tantos adjetivos? Neste exato instante você não é livre de maneira alguma.

Eu estava indo para a faculdade. Meus pais queriam que eu fosse para a faculdade de ciências ou de medicina. Eu disse, “Quem está indo para a faculdade? Eu ou vocês?”

Eles disseram, “É claro que é você, por que nós iríamos?”

“Então”, eu disse, “Deixem isso comigo”.

Eles disseram, “Podemos deixar isso com você, mas lembre-se; não vamos sustentá-lo”.

Eu disse, “Já entendi”. Saí de casa sem uma rúpia no bolso. Viajei de trem para a universidade sem ter uma passagem. Eu tive que ir ao fiscal do trem e dizer, “A situação é essa. Você pode me deixar viajar sem passagem?”

Ele disse, “É a primeira vez na vida que uma pessoa vem me pedir isso! As pessoas se escondem, me enganam, me tapeiam. É claro que você pode, e na estação de trem da universidade eu estarei no portão para que ninguém aborreça você”.

Eu fui diretamente ao vice-reitor e expliquei a ele toda a história. Eu lhe disse, “Eu quero estudar filosofia, mas parece que não tenho liberdade nem para escolher o que quero estudar. Por isso o senhor precisa me dar todas as bolsas de estudo possíveis, pois não vou ter nenhum apoio financeiro. Se não, estudarei filosofia jejuando... mesmo que morra”.

Ele disse, “Não! Não faça isso, porque a culpa será minha. Eu lhe darei uma bolsa integral”.

Desde a infância, vivemos mutilados, tiram-nos todas as liberdades; tentamos moldar a criança de acordo com nossos desejos.

Eu estava conversando com um missionário cristão e ele disse, “Deus fez o homem à sua imagem”.

Eu disse, “Essa é a base de toda escravidão. Por que Deus fez o homem à sua imagem? Quem ele é? E dar sua própria imagem ao homem significa que ele destruiu o homem logo de início”. E é isso o que todo pai está fazendo.

O direito básico do ser humano é ser ele mesmo.

E, numa sociedade humana autêntica, todo mundo deve ter a permissão de ser o que é – mesmo que o sujeito opte por ser tocador de flauta, e não vá se tornar um milionário, mas vá mendigar nas ruas. Mesmo assim eu afirmo que a liberdade é muito valiosa... Você pode não ser o presidente de um país, pode ser apenas um mendigo tocando flauta nas ruas. Mas você é você mesmo, e isso traz um contentamento tão profundo, uma plenitude, que, a menos que você a conheça, terá perdido o principal.

Sétimo: uma Terra, uma humanidade.

Eu não vejo nenhuma razão para que haja tantas nações. Por que deveria haver tantas linhas nos mapas? E lembre-se de que essas linhas só existem nos mapas. Elas não existem na Terra, nem no céu. O mapa é feito pelo homem. A existência não criou a Terra em fragmentos.

Eu me lembro de um dos meus professores. Ele era um ser humano muito amoroso, e tinha seus próprios métodos de ensino. Ele era um tipo de rebelde.

Um dia ele apareceu com alguns pedaços de cartolina, colocou-os sobre a mesa e nos disse, “Vejam, esse é o mapa do nosso mundo, mas eu cortei-o em pedaços e misturei tudo. Agora, qualquer um que se considere capaz de colocar as peças no lugar certo pode vir até aqui”.

Um aluno tentou, mas não conseguiu; outro tentou, mas também fracassou. Eu fiquei observando o professor e as pessoas que fracassavam e por que elas fracassavam.

Depois de observar cinco pessoas fracassando, eu me apresentei. Fui lá e virei todas as peças de cartolina ao contrário. Ele disse, “O que está

fazendo?

Eu disse, “Espere, estou resolvendo. Cinco pessoas não conseguiram, mas eu descobri o segredo”.

Do outro lado do mapa havia a figura de um homem. Eu montei a figura, o que foi bem mais fácil. Quando montei o lado que mostrava a figura do homem, o lado que tinha o mapa do mundo também se encaixou. Essa era a chave que eu procurava, enquanto esperava para ver se conseguia alguma dica. E enquanto os outros tentavam montar as peças, eu vi que havia algo do outro lado.

O professor disse, “Você é um maroto! Eu estava esperando que viesse primeiro, mas, quando não veio, percebi que estava esperando uma dica. E descobriu a dica certa!”

O mundo está dividido porque o homem está dividido; o homem está dividido porque o mundo está dividido.

Comece de qualquer lugar; deixe que a humanidade seja uma só e as nações desaparecerão, as linhas dos mapas desaparecerão. É o nosso mundo – uma humanidade, uma Terra – e podemos fazer dele um paraíso. Neste exato momento não há necessidade nenhuma de se descrever o inferno. Você pode vê-lo em qualquer lugar que olhe; ele está aqui! O homem vive em tamanha miséria e sofrimento que não parece ser preciso outro inferno.

Mas podemos mudar a situação toda. Este planeta pode se tornar um paraíso. E então não haverá mais necessidade de nenhum outro paraíso; o paraíso ficará vazio.

Oitavo: a singularidade, ou caráter único, de todo indivíduo.

Uma palavra muito bonita foi usada de maneira tão errada que é difícil imaginar; essa palavra é igualdade.

Alguns pensadores dizem que os seres humanos são iguais. Para honrá-los, as Nações Unidas declaram que a igualdade é um direito nato do ser humano. Mas ninguém se preocupa em dizer que os seres humanos não são iguais e nunca serão. Isso é absolutamente não psicológico.

Toda pessoa é única. No momento em que são todos iguais, eles formam uma multidão, a individualidade lhes é tirada. Você não é mais você mesmo, mas o dente de uma engrenagem.

Eu não ensino nem igualdade nem desigualdade – eu ensino singularidade. Todo indivíduo é único e precisa ser respeitado em sua singularidade. Pelo fato de todo indivíduo ser único, o direito de nascimento deveria ser uma oportunidade igual de desenvolver essa singularidade.

Esse é um fato muito simples e óbvio. Dois mil anos se passaram e não se conseguiu produzir outro Jesus. Vinte e cinco séculos se passaram e não se conseguiu produzir outro Buda Gautama. E continuam dizendo que todos os seres humanos são iguais?

Todo indivíduo é único, e todo mundo deveria ser respeitado como um mundo em si mesmo. Ninguém é inferior ou superior a ninguém; a pessoa está sozinha. Em sua solitude existe beleza. Você não é mais uma multidão; você é você mesmo.

Nono: um governo mundial.

Primeiro sou absolutamente contra governos. Sou a favor de um único governo para o mundo todo. Isso significa que nenhuma guerra será possível; significa que não haverá necessidade de manter milhões de pessoas em exércitos desnecessariamente. Elas podem ser produtivas; podem ser úteis, e se elas se fundirem com o resto da humanidade não haverá mais pobreza.

Neste exato momento, setenta por cento da renda nacional de todos os países vai para o exército e o resto do país vive com trinta por cento. Se não houver mais exército, setenta por cento da renda nacional de todos os países ficará à disposição do povo. Não haveria mais motivo para as pessoas serem pobres, para haver mendigos.

Esses mendigos, essas Etiópias, são criação nossa. Por um lado estamos criando grandes exércitos e, por outro, estamos matando seres humanos de fome. E esses exércitos não estão fazendo nada! São simplesmente matadores profissionais, criminosos profissionais,

criminosos treinados. Estamos dando a eles treinamento para que aprendam a matar. Falamos de humanidade, falamos de civilização, e setenta por cento da nossa renda ainda serve para matar.

Um governo mundial significa uma mudança radical, uma revolução. A Terra inteira irá se beneficiar disso.

Em segundo lugar, se existir um governo mundial, ele será apenas funcional. Atualmente, o governo não é funcional, ele tem um poder real. O presidente de um país ou o primeiro-ministro de um país... num governo funcional as coisas serão diferentes. Agora temos o presidente dos correios; ele é uma pessoa funcional, não tem nenhum poder. Ele tem um trabalho, tem uma função, mas não tem poder. Não há necessidade. O homem que dirige a rede ferroviária, que poder ele tem? O homem que é presidente de uma linha aérea, que poder ele tem? Ela é funcional.

Se só existir um governo, ele automaticamente se tornará funcional. No momento ele não pode ser, porque o medo de outros governos mantém você com medo: “Torne os seus líderes fortes, dê a eles todo o apoio”. Mas, se não houver guerra, não há necessidade de ninguém ter poder – a guerra é a causa da necessidade de poder. E, a menos que a guerra desapareça deste mundo, o poder não pode desaparecer; eles estão juntos.

Um governo mundial funcional – como o presidente dos correios, da rede ferroviária, da linha aérea – será eficiente, mas não terá poder. Será um mundo muito bonito se você não souber quem é o presidente, quem é o primeiro-ministro – eles são seus servidores. No momento, eles se tornaram os seus mestres e, para manter o poder, eles têm que manter você sempre com medo. Se o Paquistão estiver se preparando para lutar contra a Índia, então você tem que dar poder aos líderes indianos. Se a China vai atacar...

Adolf Hitler escreveu em sua biografia que, se você quer se manter no poder, precisa manter o povo com medo. E ele está absolutamente certo. Às vezes os loucos também estão certos.

E décimo: meritocracia.

A democracia não deu certo.

Vivemos sob o mando de vários tipos de governo – aristocracias, monarquias, democracias – e agora vemos que o mundo todo está ficando viciado na ideia de democracia. Mas a democracia não é a solução para nenhum problema; ela aumentou os problemas.

Foi por causa desses problemas que um homem como Karl Marx apoiou a ditadura do proletariado. Eu não apoio uma ditadura do proletariado, mas tenho outra ideia que vai muito além da democracia.

Democracia significa governo do povo, pelo povo e para o povo – mas são só palavras. Na Índia, existe mais de um bilhão de pessoas. Como tantas pessoas podem ter poder? Elas têm que delegar o poder a alguém.

Por isso não é o povo que governa, mas as pessoas que são escolhidas pelo povo. Quais são os critérios dessa escolha? Como se administra essa escolha? E o povo é capaz de escolher a pessoa certa? Ele foi treinado, educado para a vida democrática? Não, nada foi feito nesse sentido.

As massas ignorantes podem ser exploradas com facilidade por coisas bastante insignificantes. Por exemplo, Nixon perdeu as eleições contra Kennedy e a principal razão foi o fato de Kennedy ser mais fotogênico na televisão do que Nixon.

Quando descobriu isso, Nixon melhorou. Antes das eleições seguintes, ele aprendeu como se portar, como andar, como falar e como se vestir. Até a cor das roupas faz diferença na televisão. Se aparece com uma roupa branca, você parece um fantasma.

As pessoas votam por questões arbitrárias... alguém fala bem, é um bom orador. Mas isso não significa que será um bom presidente. Alguém sabe fabricar bons calçados – você acha que ele seria um bom presidente?

Isso aconteceu quando Abraham Lincoln foi eleito presidente. No dia do seu discurso inaugural para o Senado, as pessoas estavam muito zangadas e ofendidas – porque o pai de Lincoln era sapateiro e o filho de um sapateiro tinha derrotado os grandes aristocratas. Elas se sentiam ofendidas. Um aristocrata arrogante não pôde tolerar isso. Antes de Lincoln começar a falar, ele disse, “Espere um minuto. O senhor me

reconhece? O senhor costumava acompanhar seu pai à minha casa às vezes, porque ele confeccionava sapatos para a minha família. O senhor costumava ajudá-lo”. E todo o Senado deu risada. Era uma tentativa de humilhar Lincoln.

Mas você não consegue humilhar pessoas como Abraham Lincoln. Ele disse, “Sou muito grato ao senhor por me lembrar do meu falecido pai neste momento. Porque meu pai era o melhor sapateiro de todo o país e agora sei que nunca serei tão bom como presidente quanto ele foi como sapateiro. Ele ainda está à minha frente”.

Que critério você usa? Como você vota?

Em vista de tudo isso, creio que os dias da democracia chegaram ao fim. Um novo tipo de sistema é necessário, com base no mérito. Temos milhares de universidades em todo o mundo. Por que massas comuns e ignorantes escolhem as pessoas que deterão tanto poder durante anos? E agora o poder é tão grande que eles podem destruir o mundo.

Meritocracia significa que só pessoas instruídas numa certa área deveriam ter permissão para votar nessa área. Por exemplo, só os educadores do país poderiam votar no ministro da educação. Então você teria o melhor ministro da educação possível. Para votar no ministro das finanças, deveriam ser escolhidas apenas pessoas que conhecem finanças, pessoas que conhecem as complexidades da economia. Essa escolha só é possível para pessoas que foram treinadas em economia, em questões financeiras – e existem milhares de pessoas com essa experiência. Para cada cargo, os candidatos deveriam ser escolhidos por especialistas.

O ministro da saúde deveria ser escolhido pelos médicos, cirurgiões, especialistas da área médica, cientistas que trabalham no campo da medicina. Então teremos a nata da genialidade e poderemos confiar nessa nata para tornar a vida de toda a humanidade muito mais pacífica, bem-aventurada e rica.

É isso o que eu quero dizer com meritocracia. E, depois que tivermos escolhido todas as pessoas, então essas pessoas podem escolher o presidente e o primeiro-ministro. Elas serão nossos gênios, então podem

escolher o primeiro-ministro, o presidente. E para o parlamento também deveria haver graduações.

Por exemplo, só as pessoas que tiverem ao menos pós-graduação deveriam ter permissão para votar nos membros do parlamento. Só o fato de fazer 21 anos ou 18 anos não é suficiente para uma pessoa saber escolher o candidato certo. Aos 21 anos, você não sabe nada sobre a vida e suas complexidades. Pelo menos uma pós-graduação deveria ser necessária para aqueles que escolhem os membros do parlamento ou para o senado ou seja lá o que for. Dessa maneira, podemos ter um governo instruído, refinado e culto.

Antes que o governo mundial passe a existir, cada nação deve passar por um período em que sejamos governados por meio da meritocracia. E depois que colhermos os frutos da meritocracia, então essas pessoas conseguirão entender que, se conseguirmos combinar o mundo todo num único governo, a vida certamente poderá ser mais alegre e digna de ser vivida – algo não para se renunciar, mas para se rejubilar.

Até agora, tudo o que aconteceu foi por acidente. A nossa história até hoje não passa de uma história de acidentes.

Temos que parar com isso. Agora temos que decidir que o futuro não vai ser acidental. Ele será criado por nós; e criar nosso mundo pode ser a maior criação possível.

Propostas de mudança: uma visão panorâmica do futuro



A mentalidade antiga, as ideologias antigas, as religiões antigas – elas todas combinadas estão criando a situação presente de suicídio global. Só um novo ser humano pode salvar a humanidade e este planeta, e a linda vida deste planeta.

Eu ensino a rebelião, não a revolução. Para mim, o espírito rebelde é a qualidade essencial de um homem religioso. É a espiritualidade em sua pureza absoluta.

O futuro não precisa mais de revoluções. O futuro precisa de um novo experimento que ainda não foi tentado. Embora tenham existido rebeldes há milhares de anos, eles continuam sozinhos, individuais. Talvez ainda não fosse a hora deles. Mas agora não só é hora, como, se não nos apressarmos, já não haverá mais tempo. Ou o ser humano desaparecerá ou um novo homem com uma nova visão aparecerá sobre a Terra. Ele será um rebelde.

AS CINCO DIMENSÕES DA EDUCAÇÃO



A educação que prevaleceu no passado é bastante insatisfatória, incompleta, superficial. Ela só cria pessoas que conseguem ganhar o seu sustento, mas não dá a elas uma visão sobre a vida em si. Ela não só é incompleta como é prejudicial também – porque é baseada na competição.

Qualquer competição, no fundo, é violenta e cria pessoas pouco amorosas. Todo o esforço é para que sejam conquistadoras – de renome, de fama, de todos os tipos de ambições. Obviamente elas terão que lutar e entrar em conflito para fazer essas conquistas. Isso destrói sua alegria e sua afabilidade. Parece que todo mundo está brigando contra o mundo inteiro.

A educação até agora tem sido voltada para o cumprimento de objetivos: o que você aprende não é importante: o importante é o exame que você fará um ano ou dois anos depois. Ele torna o futuro importante – mais importante do que o presente. Ele sacrifica o presente em prol do futuro. E isso se torna o seu próprio estilo de vida; você está sempre sacrificando o momento por algo que não está presente. Isso cria um imenso vazio na vida.

Na minha visão, a educação terá cinco dimensões. Antes de começar a tratar dessas cinco dimensões, algumas coisinhas precisam ser mencionadas. Uma é que não deverá haver nenhum tipo de exame como parte da educação, mas uma observação diária, feita de hora em hora, por parte dos professores. Essas observações feitas ao longo do ano decidirão se o aluno deverá ou não permanecer na mesma classe. Ninguém fracassa, ninguém passa – a questão é apenas que algumas pessoas são

mais rápidas e outras são um pouquinho mais preguiçosas. A ideia de fracasso cria uma ferida profunda de inferioridade, e a ideia de ser bem-sucedido também cria um tipo diferente de doença: a da superioridade.

Ninguém é inferior e ninguém é superior. A pessoa é simplesmente ela mesma, incomparável. Portanto, não haverá espaço para exames. Isso mudará toda a perspectiva do futuro para o presente. O que você está fazendo neste momento será decisivo, e não cinco perguntas no final de cada ano. O aluno passará por milhares de coisas a cada ano e cada uma delas será decisiva. Por isso a educação não será voltada para os exames.

O professor ocupou um papel de imensa importância no passado, pois ele sabia que tinha passado em todos os exames, tinha acumulado conhecimento. Mas a situação mudou – e esse é um dos problemas: a situação mudou, mas nossas respostas continuam as mesmas. Agora a explosão de conhecimentos é tão grande, tão imensa, tão rápida, que você nem pode escrever um livro muito extenso sobre nenhum tema científico, porque quando o livro estiver completo já estará ultrapassado; novos fatos, novas descobertas, terão tornado o seu livro irrelevante. Agora a ciência precisa depender de artigos, de periódicos, não de livros.

O professor se formou trinta anos atrás. Em trinta anos tudo mudou, e ele vai repetir o que lhe ensinaram. Ele está ultrapassado, está tornando os seus alunos ultrapassados. Portanto, na minha visão, a velha ideia de professor não tem lugar. Em vez de professores, haverá orientadores, e é preciso entender a diferença: o orientador lhe dirá em que lugar da biblioteca é possível encontrar as últimas informações sobre um assunto.

O ensino não deverá ser administrado da maneira antiga, pois a televisão pode fazer isso de um jeito melhor, pode trazer as últimas informações sem nenhum problema. O professor precisa atrair os seus ouvidos; a televisão atrai os seus olhos e o impacto é muito maior, pois os olhos absorvem oitenta por cento das situações da vida – eles são o mais vivo de todos os seus sentidos. Se você puder ver algo, não há necessidade de memorizar nada; mas, se ouvir algo, precisará memorizar isso.

Quase noventa e oito por cento da educação pode ser administrado pela televisão; e as perguntas dos alunos poderão ser respondidas pelo computador. O professor deve ser apenas um guia para mostrar o canal certo, para mostrar como usar o computador para encontrar o livro mais atual. Sua função será completamente diferente. Ele não transmitirá conhecimento, só tornará o aluno consciente do conhecimento contemporâneo, do conhecimento de vanguarda. Ele é só um orientador.

Com essas considerações, eu divido a educação em cinco dimensões. A primeira é informativa, como história, geografia e muitas outras matérias que podem ser administradas por meio da televisão e do computador. A segunda parte deve ser as ciências. Elas podem ser administradas pelo computador e pela televisão também, mas são mais complicadas e o orientador será mais necessário.

Na primeira dimensão também estão as línguas. Todas as pessoas do mundo deverão aprender pelo menos duas línguas; uma é o seu idioma natal e a outra é o inglês, como veículo internacional de comunicação. Elas também podem aprender línguas com mais eficácia por meio da televisão – a pronúncia, a gramática, tudo pode ser ensinado mais corretamente pela televisão do que por meio de professores individuais.

Podemos criar no mundo uma atmosfera de fraternidade: a língua conecta pessoas e também as desconecta. Não existe atualmente nenhum idioma internacional. Isso se deve aos nossos preconceitos. O inglês é perfeitamente apropriado, porque é conhecido por mais pessoas ao redor do mundo em escala mais ampla – embora não seja a língua falada pela maioria das pessoas. A primeira é o espanhol, no que diz respeito ao número de pessoas. Mas a população que fala espanhol está concentrada e não espalhada por todo o mundo. A segunda é o chinês, e é ainda mais concentrada; só é falada na China. Essas são as línguas faladas pelo maior número de pessoas, mas a questão não é o número, mas o quanto são disseminadas no mundo todo.

O inglês é a língua mais difundida mundialmente, e as pessoas precisam deixar de lado o preconceito – elas precisam ver a realidade.

Houve muitos esforços para criar línguas que evitassem preconceitos – os espanhóis podem dizer que a língua deles deve ser a língua internacional porque é falada por um número maior de pessoas. Para evitar essas disputas, foram criadas línguas como o esperanto. Mas as línguas não criadas também dão certo. São poucas as coisas que crescem, que não podem ser criadas; e a língua é algo que se desenvolve ao longo de milhares de anos. O esperanto parece tão artificial que todos os esforços de implantá-lo fracassaram.

Mas é absolutamente necessário criar duas línguas – primeiro a língua natal, porque existem sentimentos e nuances que você só pode expressar na sua língua natal.

Um dos meus professores, o senhor S. K. Saxena, viajava pelo mundo todo e foi professor de filosofia em muitos países. Ele costumava dizer que você pode falar tudo numa língua estrangeira, mas quando se trata de brigar e de amar, você sente que não está sendo sincero e verdadeiro com relação aos seus sentimentos. Por isso, quando se trata dos seus sentimentos e da sua sinceridade, a sua língua natal... que você bebeu com o leite da sua mãe, que se tornou parte do seu sangue e dos seus ossos. Mas isso não é suficiente, pois faz surgir pequenos grupos de pessoas e torna as outras estrangeiras.

Uma língua internacional é absolutamente necessária como base para um mundo unificado, uma só humanidade. Por isso duas línguas são absolutamente necessárias para todos. Isso faz parte da primeira dimensão.

A segunda é a pesquisa de assuntos científicos, o que é extremamente importante, pois a ciência corresponde à metade da realidade, ou seja, a realidade externa.

E a terceira será o que falta atualmente na educação: a arte de viver. As pessoas acham que sabem o que é amor. Elas não sabem... e, quando descobrem, é tarde demais. Toda criança deveria receber ajuda para aprender a transformar sua raiva, seu ódio, seu ciúme, em amor.

Uma parte importante da terceira dimensão também deveria ser o senso de humor. Nossa assim chamada educação faz com que as pessoas fiquem tristes e sérias. Se um terço da sua vida é gasto numa universidade, em ser triste e sério, isso fica enraizado. Você se esquece da linguagem do riso – e a pessoa que se esquece da linguagem do riso se esqueceu muito da vida.

Portanto, o amor, a risada e o conhecimento da vida e das suas maravilhas, seus mistérios... os passarinhos cantando nas árvores, não deveriam passar despercebidos. As árvores e as flores e as estrelas precisam ter uma conexão com o coração. O nascer do sol e o pôr do sol não são apenas coisas externas, eles são internos também. A reverência à vida deve ser a base da terceira dimensão.

As pessoas não têm reverência nenhuma pela vida. Elas ainda continuam matando animais para comer – chamam isso de “jogo”. E, se os animais as comem, elas chamam isso de calamidade! Estranho... num jogo, ambas as partes devem ter oportunidades iguais. Os animais não têm armas e você tem revólveres ou flechas. Você pode não pensar sobre a razão por que os revólveres e as flechas foram inventados – pois foi para que se pudesse matar os animais de uma distância maior; chegar muito perto é perigoso. Que tipo de jogo é esse? E o pobre animal: indefeso contra as balas...

Não se trata de uma questão de matar os animais; é uma questão de não ter reverência pela vida, pois tudo de que você precisa pode ser obtido por meio de suplementos nutricionais ou por outros métodos científicos. Todas as suas necessidades podem ser satisfeitas; nenhum animal precisa ser morto. E uma pessoa que mata animais, lá no fundo pode matar seres humanos sem qualquer dificuldade, pois qual é a diferença?

Uma grande reverência pela vida deve ser ensinada, pois vida é Deus e não existe outro deus que não seja a própria vida, e a alegria, o riso, o senso de humor – em resumo, um espírito dançarino.

A quarta dimensão deve ser das artes e da criatividade: pintura, música, artesanato, cerâmica, alvenaria, qualquer coisa que seja criativa. Todas as áreas da criatividade devem ser permitidas: os alunos podem escolher. Só algumas poucas coisas devem ser obrigatórias – por exemplo, uma língua internacional; uma certa capacidade para ganhar o próprio sustento; uma determinada arte criativa. Você pode escolher a partir de uma ampla paleta de artes criativas, pois, a menos que a pessoa aprenda a criar, ela nunca se tornará uma parte da existência, que é constantemente criativa. Sendo criativa, a pessoa é divina; a criatividade é a única prece.

E a quinta dimensão deve ser a da arte de morrer. Nessa quinta dimensão estarão todas as meditações, de modo que você possa saber que a morte não existe, que você possa se tornar consciente de que há uma vida eterna dentro de você. Isso deve ser absolutamente essencial, pois todo mundo tem que morrer; ninguém escapa disso. E, sob o amplo termo genérico da meditação, você pode ser apresentado ao Zen, ao Tao, ao Yoga, ao Hassidismo, a todos os tipos e a todas as possibilidades que existem, mas que hoje não são incorporadas à educação. Nessa dimensão, você também deve aprender que existem artes marciais como o aikido, o jiu-jitsu, o judô – a arte de autodefesa sem armas – e não só de autodefesa, mas também de meditação, simultaneamente.

Teremos uma educação completa, integral. Tudo o que é essencial deve ser compulsório, e tudo o que é não essencial deve ser opcional. A pessoa pode fazer suas opções, que serão muitas. E, depois que o básico for preenchido, então você precisa aprender algo de que gosta; música, dança, pintura – você tem que saber algo que o leve ao seu interior, a se conhecer. E tudo isso pode ser feito muito facilmente, sem nenhuma dificuldade.

Eu mesmo fui professor e me demiti da universidade com a seguinte nota: isso não é educação, é uma completa estupidez; vocês não estão ensinando nada de significativo. Mas essa educação insignificante prevalece no mundo inteiro. Ninguém busca uma educação mais completa, integral. Nesse sentido, quase todo mundo é pouco instruído;

mesmo aqueles que têm muitos diplomas são pouco instruídos nas áreas mais vastas da vida. Alguns não são instruídos, muitos são pouco instruídos – mas ninguém tem instrução realmente. Mas encontrar uma pessoa instruída é impossível, pois a educação como um todo não existe em lugar nenhum.

PREPARANDO AS PESSOAS PARA O PODER



Até hoje, nos últimos milhares de anos nunca ninguém foi preparado para ocupar posições de poder na sociedade. Se alguém vai ser boxeador, não se empurra simplesmente o sujeito para o ringue e se diz, “Lute!” Ele tem que aprender. Se alguém vai ser espadachim, isso leva anos. Do contrário, a pessoa não vai nem saber segurar uma espada – usá-la ou lutar com ela será impossível. Primeiro você tem que descobrir como tirá-la da bainha, como segurá-la. É preciso treino. Você não dá simplesmente um violão para uma pessoa que nunca viu o instrumento e espera que ela toque como um profissional.

Agora, isso é culpa sua: essas pessoas que estão no poder, foram treinadas para ocupar seus cargos? Alguém já pensou que as pessoas que vão ter nas mãos um grande poder precisam de certas qualidades para não fazer mau uso dele? Isso não é culpa delas.

Portanto, eu proponho que haja dois institutos em todas as universidades. Um deles é para desprogramação. Qualquer pessoa que tire um diploma universitário primeiro terá que passar por uma desobstrução no instituto da desprogramação – o que significa que ele desprograma você como cristão, hindu, muçulmano, judeu..., pois esse tem sido o nosso problema. E quatro anos é tempo suficiente. A desprogramação não leva tanto tempo; só algumas horas por mês, durante quatro anos, e você será desprogramado. E você não ganhará nenhum certificado do instituto educacional, a menos que tenha passado pelo instituto de desprogramação, que certificará que “Este homem é agora simplesmente um ser humano. Não é mais cristão, nem hindu, nem muçulmano, nem judeu”.

O segundo instituto será um instituto para meditação, pois só a desprogramação não é suficiente. Ela tira todo lixo de você, mas o deixa vazio – e é difícil ficar vazio; você começará a acumular lixo outra vez. Você não consegue aprender sozinho como viver feliz com o seu vazio. Essa é toda a arte da meditação.

Portanto, por um lado, o instituto de desprogramação purifica você, esvazia-o, torna você um vácuo; e o instituto de meditação continua ajudando você a apreciar o seu vazio, o seu vácuo interior e essa purificação, esse frescor. E, quando começar a apreciar essa condição, você começa a sentir que não está vazio coisa nenhuma, está é cheio de alegria. Você parece vazio a princípio porque estava acostumado a ter muito lixo dentro de si, e quando esse lixo é removido você parece vazio.

É justamente como um cômodo cheio de móveis: você sempre o viu cheio de móveis; então, um dia, você chega e toda a mobília foi retirada; você diz, “O cômodo parece vazio!” O cômodo não está vazio, ele está simplesmente limpo. Pela primeira vez ele está espaçoso. Estava atulhado de coisas antes, sobrecarregado, cheio de lixo; agora é puro espaço.

Você tem que aprender a meditar para apreciar esse espaço todo. E esse é um dos maiores dias da sua vida – quando uma pessoa começa a apreciar o vazio, a solidude, o vácuo interior.

Então ninguém pode reprogramar você, ninguém neste mundo. Até mesmo se Jesus vier e lhe disser, “Você está abençoado. Simplesmente venha, me siga, e eu o levarei a Deus”, você dirá, “Vá para o inferno com o seu Deus. Onde eu estou, aqui é o paraíso. Onde quer que eu esteja, aqui é o paraíso. Vá você, siga a si mesmo – e carregue a sua cruz também! E, se ninguém crucificar você, crucifique a si mesmo!”

Foi isso o que Buda na verdade disse aos seus discípulos: “Se eu ficar no caminho, imediatamente corte minha cabeça. Eu não devo atulhar o seu espaço interior. Eu não devo estar ali, ninguém deve estar ali – nenhum Deus. Você sozinho é o suficiente, mais do que suficiente. É tão superabundante!”

Portanto, o segundo instituto é necessário em toda universidade, que lhe propiciará uma meditação simples. Não há por que nenhuma complexidade. As universidades e a *intelligentsia* tendem a tornar as coisas complexas. Um método simples que consiste em apenas observar a respiração é suficiente. Mas todo dia, por uma hora, você tem que ir ao instituto. A menos que o instituto de meditação lhe dê seu certificado, a universidade não vai lhe dar um diploma.

O diploma da universidade só virá quando você já tiver em mãos o certificado do instituto de desprogramação e o certificado de conclusão do instituto de meditação já estiver garantido. Dependerá de você – você pode se formar em um ano, pode se formar em dois, pode se formar em três ou quatro anos. Mas quatro anos é tempo demais. Qualquer imbecil, se ele se sentar durante uma hora todos os dias sem fazer nada durante quatro anos, fatalmente descobrirá o que Buda ou Lao-Tsé descobriram, o que eu descobri. Não é uma questão de inteligência, de talento, de genialidade. É só uma questão de paciência.

Por isso, o instituto de meditação da universidade lhe dá um certificado, um diploma de meditação, e depois você tira um diploma de artes, ou comércio ou ciência, não antes disso. E continua assim. Você tira um diploma de mestre em meditação, e mais uma vez é convidado a continuar com o instituto de desprogramação durante dois anos, pois não pode ser deixado por sua própria conta. As pessoas, estranhamente, colecionam todo tipo de coisa. Algumas pessoas colecionam antiguidades, outras colecionam selos – selos de correio!

Eu estava hospedado numa casa, em Madras, e o dono da casa – devia ter uns 65 anos – meu anfitrião, me perguntou, “Você gostaria de ver a minha coleção de selos?”

Eu disse, “Sua coleção de selos?”

“É”, ele respondeu. “Coleciono desde criança. Mas você vai ficar surpreso, pois tenho selos raros”.

Ele tinha um cômodo cheio de todo tipo de selos. Eu disse, “Isso foi tudo o que você fez durante toda a sua vida?”

Ele disse, “Como assim, ‘isso foi tudo’? Essa é a melhor coleção de selos de todo o país!”

Eu disse, “Pode ser a melhor, mas você desperdiçou a sua vida colecionando todo esse lixo, esses selos usados?”

Ele tinha dedicado toda a sua vida – e tinha cartas de reconhecimento de governadores, de ministros, de primeiros-ministros, do presidente. Todos eles tinham ido ver a coleção. Qualquer pessoa de certa importância que ia a Madras se sentia obrigado a ver a coleção; era a melhor da Índia.

Eu disse, “A coleção é boa, mas deixe-a de lado; estou preocupado é com você”.

“O que há de errado comigo?”, exclamou ele. “Estou perfeitamente bem”.

“Você não está bem. Se você fosse uma criança de 8 anos de idade, tudo bem fazer essa coleção. Mas você tem 65 e ainda está colecionando?”

“Ainda estou colecionando. Vou colecionar o máximo que puder”.

“Você vai continuar colecionando, mas a morte logo chegará; esta coleção continuará aqui e você partirá sem ter vivido, porque desperdiçou todo o seu tempo colecionando selos”.

As pessoas são colecionadoras. Acho que é alguma necessidade psicológica. Porque se sentem insignificantes, sentem que não têm nenhum valor, elas tentam preencher essa lacuna colecionando alguma coisa. Acumulando conhecimento, colecionando algum tipo de coisa, elas querem de algum modo sentir que não estão vazias e têm algo de valor; elas têm valor, não estão desperdiçando a vida.

Por isso, se você vai continuar fazendo seu mestrado, continuará mais dois anos no instituto de desprogramação – porque essa limpeza não tem fim. Todo dia a poeira se acumula. Não é que você a acumule, é como um espelho: toda manhã você precisa limpá-lo, pois a poeira não para de se acumular sobre ele.

A mente é quase como um espelho, um refletor. As lembranças se acumulam, as experiências se acumulam – essa é a poeira que se acumula durante 24 horas por dia. Por isso, a menos que você continue a limpá-la continuamente, logo você estará coberto de poeira novamente. Portanto, é uma boa experiência: durante dois anos, você estará novamente sendo desprogramado; e durante dois anos você estará novamente meditando.

Esses processos continuam simultaneamente desprogramando e meditando. Um vai desobstruindo você, limpando você; enquanto o outro vai enchendo você não com *coisas*, mas com algumas qualidades – bem-aventurança, afetividade, compaixão, um imenso sentimento de valor sem nenhuma razão em especial. Só o fato de você estar vivo, respirando, já é prova suficiente de que a existência acha que vale a pena você viver, que vale a pena você estar aqui.

Você é indispensável para a existência. A descoberta de que você é indispensável só é feita por meio da meditação; não existe outro jeito. E, a menos que você descubra que é indispensável à vida, você vai continuar fazendo coisas idiotas para sentir que tem valor.

Mas, quando a existência o domina completamente, derrama sobre você todas as suas bênçãos, o anseio para acumular lixo simplesmente desaparece. Então você vive cada momento e morre a cada momento. É nessa hora que a meditação chega à sua perfeição.

Viver cada momento, morrer a cada momento. Morrer para a lembrança de que você viveu, morrer para o momento que acabou de passar. Ele pode deixar seu rastro, suas marcas, sua assinatura, suas lembranças – não, morra para tudo, de modo que possa estar novo outra vez, pronto para espelhar a existência com um reflexo claro.

Por isso, se uma pessoa continua a estudar na universidade, então ela continua no instituto de meditação durante uma hora por dia; e, antes de tirar o diploma de mestre, ela tira seu certificado de mestrado em meditação. Pode obtê-lo em um ano, em dois anos; ou pode levar um tempo maior se não meditar, porque não vai passar por um exame oral – tudo vai depender do seu mestre em meditação.

Se o mestre sentir, observando você vindo todos os dias, sentando-se e meditando – durante dois anos ele o observa, pergunta sobre você, analisa como está se sentindo, como vão indo as coisas – e nunca vê nenhuma tensão em você, nunca sente que você está com pressa, angustiado, preocupado; e que você está sempre relaxado, à vontade, em casa; que você não se sente nervoso com relação a nada; que não está preocupado com o passado nem com o futuro... Todas essas coisas ele observa diariamente e, se ele sente, – e não existe essa questão de julgar mal. Se ele medita, não julga mal ninguém; isso é impossível. Ele saberá com certeza que você sentiu o gosto da meditação, e ele lhe dará o certificado.

Estes são certificados de desobstrução para o diploma de mestrado. E deve continuar: se você vai fazer doutorado, então faz três anos de desprogramação e três anos de meditação. Esses são compulsórios até o fim, por isso, quando você sai da universidade, não é apenas uma pessoa inteligente, bem informada, você é também um meditador – relaxado, silencioso, pacífico, observador, perspicaz, intuitivo. E não é mais cristão, não é mais hindu, não é mais americano, não é mais russo. Toda essa besteirada foi completamente extinta, não restou nada disso.

Esse é o único jeito de substituir os políticos pela *intelligentsia*. Mas, do jeito que a *intelligentsia* é agora, não será de muita ajuda, pois eles têm tanta sede de poder quanto os políticos. É por isso que eu considero essas duas condições necessárias. Se você conclui um doutorado, simultaneamente estará recebendo um diploma de doutor em meditação. Por isso, enquanto está sendo instruído, de um modo muito silencioso e sutil, está sendo preparado para ter poder, de tal modo que o poder não possa corrompê-lo, que você não possa abusar dele.

Por isso a minha visão da meritocracia é um programa completo para transformar a estrutura da sociedade, a estrutura do governo, a estrutura da educação.

Parece utópica. Quem vai colocá-la em prática? Como vai acontecer? Como vamos torná-la realidade? É utópica, mas a situação é tal que, se as

coisas continuarem como estão, os políticos vão nos levar à extinção. Então você terá que escolher; e nesse momento, quando você tiver que escolher entre a morte e a meditação, acho que você vai escolher a meditação – você não vai escolher a morte.

Se nessa hora você tiver que escolher entre a morte e a desprogramação, você escolherá a desprogramação: “Deixo o cristão morrer, mas eu posso viver. Deixo o judeu morrer, mas eu posso viver”. E quem se importa quando a questão é você ou o judeu? Se você só puder escolher um dos dois, ou você ou o judeu, não acho que você vá escolher o judeu. Nem Moisés teria feito isso. Acho que ele pelo menos era inteligente.

Os políticos provocaram esse grande desafio a toda a humanidade. Num certo sentido, devemos ser gratos a esses tolos: eles fizeram toda a humanidade chegar a um ponto em que tem que decidir: “Agora ou vivemos ou esses políticos continuam no poder – ter ambos não é possível”.

Quando você fala no poder baseado no mérito, parece que é contra a democracia. É verdade?

Ela não existe, por isso não é uma questão de ser contra a democracia, antidemocrata. Não existe democracia, por isso como posso ser contra ela? O que eu estou propondo é o jeito certo de mudar toda a estrutura, de modo que um dia a meritocracia possa se fundir com a democracia – porque cedo ou tarde todo mundo poderá ir para a escola. Não estou impedindo ninguém; estou simplesmente dizendo que neste exato momento devemos deixar o poder de governar nas mãos apenas daqueles que foram designados e preparados para isso. Enquanto isso, vamos preparando outras pessoas.

Podemos não estar mais aqui quando isso acontecer, mas isso não importa. Em três ou quatro gerações, todo mundo pode passar por um processo de desprogramação, meditação e educação. Então todas as pessoas estarão aptas – porque aos 21 anos, a maioria já se formou; elas

podem participar das eleições municipais. Algumas pessoas se formaram na faculdade. Podem participar das eleições estaduais. E, aos 24 anos, a maioria já fez pós-graduação; elas podem participar de todas as eleições. Desse modo, antes dos 30 anos, você será capaz de se candidatar à presidência do país.

Não estou pedindo muito, só uns dez anos de preparação. E, se todo o governo praticar meditação, for desprogramado, sem preconceitos – imagine só – não haverá mais burocracia nem hierarquia; as coisas que demoram anos para serem feitas serão concluídas em segundos.

Os políticos e sacerdotes têm que ser destituídos da posição que ocupam há muito, muito tempo; e um tipo totalmente novo de administração precisará se desenvolver. Trata-se de um trabalho difícil, árduo, mas não impossível – particularmente numa situação em que a morte é a única alternativa.

UMA ACADEMIA MUNDIAL DE CIÊNCIA CRIATIVA, ARTE E CONSCIÊNCIA



Durante séculos, o ser humano ouviu todo tipo de coisa negativa. Até torturar o próprio corpo era uma forma de disciplina espiritual. A minha ideia é criar uma academia para que as ciências se tornem, pela primeira vez, algo intencional, e não acidental. Até hoje, a ciência foi acidental. As pessoas fazem por acaso algumas descobertas, invenções. Nem as descobertas foram feitas por quem as estava procurando, mas enquanto os cientistas tateavam no escuro, sem nenhum sentido de direção. Obviamente os políticos do mundo – que queriam mais e mais poder destrutivo nas mãos – compraram a ideia de escravizar os cientistas.

Agora todo cientista é um escravo de alguma nação, de algum governo, e ele só trabalha com propósitos que são contra a vida, que são destrutivos. Quanto mais coisas destrutivas ele descobrir, mais é elogiado pelo governo. Uma academia de ciência criativa evitará conscientemente qualquer coisa que destrua a vida e buscará e pesquisará somente aquilo que promova a vida.

Mas a academia não pode ser apenas de ciência, pois a ciência é só uma parte da realidade humana. A academia tem de ser abrangente – precisa visar a criatividade, a arte, a consciência. Por isso ela terá três divisões, grandes divisões, que não estão separadas, mas só por propósitos arbitrários elas serão denominadas como se estivessem separadas.

A coisa mais fundamental será criar métodos, técnicas, maneiras de elevar a consciência humana – e, certamente, essa consciência não pode ser contra o corpo; essa consciência habita o corpo. Eles não podem ser

vistos como inimigos; em todos os sentidos, eles apoiam um ao outro. Eu digo algo a você e a minha mão faz um gesto sem que eu tenha de dizer nada a ela. Existe uma profunda sincronia entre mim e a minha mão.

Você caminha, come, bebe, e todas essas coisas indicam que você é um corpo e uma consciência, como um todo orgânico. Você não pode torturar o corpo e ao mesmo tempo elevar a consciência. O corpo precisa ser amado – você tem que ser um grande amigo dele. Ele é a sua casa, você precisa limpá-lo de todo lixo, e tem que se lembrar de que ele está a seu serviço o tempo todo, dia após dia. Mesmo quando você está dormindo, o seu corpo está trabalhando continuamente na sua digestão, transformando o alimento em sangue, eliminando as células mortas, trazendo mais oxigênio, oxigênio fresco para dentro do organismo – e você está dormindo profundamente!

O corpo faz tudo pela sua sobrevivência, pela sua vida, embora você seja tão ingrato que jamais agradeceu a ele. Pelo contrário, as suas religiões ensinam você a torturá-lo; o corpo é seu inimigo e você tem que se libertar dele e de seus apegos. Eu também sei que somos mais do que o corpo e não há necessidade de termos apego. Mas amor não é apego, compaixão não é apego. O amor e a compaixão são absolutamente necessários para o seu corpo e para nutri-lo. E quanto melhor o corpo que você tem maior é a possibilidade do crescimento da consciência. Trata-se de uma unidade orgânica.

Um tipo totalmente novo de educação é necessário no mundo, em que basicamente todos sejam apresentados aos silêncios do coração – em outras palavras, às meditações –, em que todos têm que ser preparados para ter compaixão pelo próprio corpo. Porque, a menos que você tenha compaixão pelo seu corpo, você não pode ter compaixão pelo corpo de ninguém. Trata-se de um organismo vivo, e não fez mal nenhum a você. Ele vive continuamente a seu serviço, desde que você foi concebido e estará até a morte. Fará tudo o que você quiser que ele faça, até o impossível, e não o desobedecerá.

É inconcebível criar um mecanismo que seja tão obediente e tão sábio. Você se surpreenderá se vier a conhecer todas as funções do seu corpo. Você nunca pensou no que o seu corpo faz. Ele é tão milagroso, tão misterioso! Mas você nunca o inspecionou cuidadosamente. Nunca se preocupou em se familiarizar com o seu próprio corpo e finge que ama outras pessoas. Você não pode, pois essas pessoas também se mostram aos seus olhos como corpos.

O corpo é o maior mistério de toda a existência. Esse mistério precisa ser amado – seus mistérios, seus mecanismos, precisam ser conhecidos intimamente.

É uma pena que as religiões sejam absolutamente contra o corpo. Mas ele dá uma dica, uma indicação definitiva de que, se o homem aprender a sabedoria e os mistérios do corpo, ele nunca mais se preocupará com sacerdotes ou com Deus. Ele terá descoberto o maior mistério que existe dentro dele, e dentro do mistério do corpo está o próprio santuário da sua consciência.

Depois que você descobrir a sua consciência, o seu ser, não existirá mais nenhum Deus acima de você. Só uma pessoa assim pode ser respeitosa com outros seres humanos, com outros seres vivos, porque eles são todos tão misteriosos quanto ela própria; são as diferentes expressões, as variedades, que tornam a vida mais rica. E depois que o ser humano descobrir a consciência em si mesmo, ele descobriu a chave para o supremo. Nenhuma educação que não ensine você a amar o seu corpo, que não ensine você a ter compaixão pelo seu corpo, que não ensine como penetrar os seus mistérios, será capaz de lhe ensinar como penetrar a sua própria consciência.

O corpo é a porta – o corpo é o ponto de partida. E qualquer educação que não toque no assunto do corpo e da consciência não só é absolutamente incompleta, como extremamente prejudicial, pois será destrutiva. É só o florescer da consciência dentro de você que pode evitar a sua destruição. E que pode lhe dar uma ânsia imensa de criar – criar mais beleza no mundo, criar mais conforto no mundo. É por isso que eu

incluo a arte como a segunda parte da academia. A arte é um esforço consciente para criar beleza, para descobrir a beleza, para tornar a sua vida mais alegre, para ensinar você a dançar, a celebrar.

E a terceira parte é a ciência criativa. A arte pode criar beleza, a ciência pode descobrir a verdade objetiva, e a consciência pode descobrir a realidade subjetiva. As três juntas podem tornar qualquer sistema de educação completo. Tudo o mais é secundário, pode ser útil para propósitos mundanos, mas não é útil para o crescimento espiritual, não é útil para levar você às fontes da alegria, do amor, da paz e do silêncio. E um homem que não sentiu o êxtase interior, viveu em vão desnecessariamente. Ele vegetou, arrastou-se do útero à sepultura, mas não conseguiu dançar, não conseguiu cantar, e não contribuiu com nada para o mundo.

A meu ver, a pessoa religiosa é aquela que contribui para o mundo com alguma beleza, alegria, felicidade, celebração que ainda não existia – contribui com algo novo, algo fresco, com mais flores. Mas a religião nunca foi definida do jeito que eu a estou definindo. Todas as definições de religião provaram ser absolutamente vis e erradas. Elas não ajudaram a humanidade a se elevar até os píncaros da alegria, da beleza e do amor. Elas afogaram toda a humanidade na miséria e no sofrimento, não ensinaram a liberdade. Pelo contrário, forçaram as pessoas a todo tipo de escravidão em nome da obediência. Obediência a quem? Obediência aos sacerdotes, obediência àqueles que têm dinheiro, obediência àqueles que tem poder – em resumo, obediência a todos os interesses escusos.

Uma pequena minoria escraviza toda a humanidade há séculos. Só uma educação correta pode transformar essa situação feia e doentia.

A minha ideia de uma Academia Mundial de Ciência Criativa, Arte e Consciência é, na realidade, em outras palavras, a minha visão de uma religião de verdade. O homem precisa de um corpo melhor, de um corpo mais saudável. O homem precisa de um ser mais alerta e consciente. O homem precisa de todo tipo de conforto e luxo que a existência pode dar.

A existência está pronta para lhe dar o paraíso aqui e agora, mas você está adiando o paraíso – deixa-o sempre para depois da morte.

No Sri Lanka, um grande místico estava morrendo...

Ele era reverenciado por milhares de pessoas. Elas se aglomeraram em torno dele. Ele abriu os olhos; mais alguns suspiros e ele estaria à beira da morte e partiria, partiria para sempre.

Todos estavam ansiosos para ouvir suas últimas palavras. O velho disse, “Ensinei vocês durante toda a minha vida sobre bem-aventurança, êxtase, meditação. Agora eu estou partindo para o outro lado. Não estarei mais entre vocês. Vocês me ouviram, mas nunca praticaram o que eu lhes ensinei. Estão sempre adiando. Mas agora não há mais razão para adiar. Eu estou partindo. Alguém está pronto para ir comigo?

Caiu um silêncio mortal. As pessoas se entreolharam, pensando que aquele homem que tinha sido discípulo do mestre durante quarenta anos talvez estivesse pronto. Mas ele também olhava para os outros – ninguém se prontificou. Só um homem, nas fileiras de trás, levantou a mão. O grande místico pensou, “Pelo menos uma pessoa tem coragem suficiente”.

Mas esse homem disse, “Por favor, deixe-me esclarecer melhor por que eu não estou pronto. Eu só levantei a mão. Quero saber como chegar ao outro lado, porque hoje certamente não estou pronto. Há muitas coisas que ainda estão por concluir; um hóspede chegou, meu jovem filho vai se casar e hoje eu não posso ir – e o senhor disse que, do outro lado, não se pode voltar.

“Um dia, um dia certamente, eu irei e me encontrarei com o senhor. Se puder ao menos nos explicar uma vez mais – embora tenha nos explicado a vida inteira – só mais uma vez como chegar ao outro lado... mas, por favor, tenha em mente que não estou pronto para ir agora. Só quero refrescar minha memória para quando o momento certo chegar...”

O tempo certo nunca chega.

Essa não é a história apenas desse pobre homem, é a história de milhões de pessoas, de quase todas. Elas estão todas esperando o momento certo, a constelação certa... Estão consultando a astrologia, a quiromante, investigando de diferentes maneiras o que vai acontecer amanhã.

O amanhã nunca acontece – nunca aconteceu. Ele é simplesmente uma estratégia idiota de adiamento. O que acontece está sempre no hoje.

O tipo certo de educação ensinará as pessoas a viver o aqui e agora, a criar um paraíso nesta Terra, a não esperar a morte chegar, e a não ser infeliz até que a morte acabe com essa infelicidade.

Deixe a morte surpreendê-lo dançando, amando, cheio de alegria. É uma experiência estranha a de que, se o homem viver a vida dele como se já estivesse no paraíso, a morte não poderá tomar nada da experiência desse homem.

A minha abordagem é ensinar que este é o paraíso, não existe paraíso em nenhum outro lugar, e não é preciso nenhuma preparação para ser feliz. Não é preciso nenhuma disciplina para ser amoroso; só um pouquinho de espírito alerta, um pouquinho de presença de vigília, um pouquinho de entendimento. E, se a educação não pode dar a você esse pouquinho de entendimento, não é educação.

O meu conceito de uma academia mundial significa que o mundo todo deve ter a mesma educação em meditação, em artes, em ciência criativa. Se conseguirmos ter um sistema educacional saudável no mundo todo, então as divisões entre as religiões e a discriminação entre brancos e negros e nações, os políticos vis que existem por causa deles, e o comportamento idiota do ser humano, preparando-se o tempo todo para a guerra... Sempre que eu vejo um soldado, não posso acreditar que esse homem tenha um cérebro. Nem os animais se tornam soldados. Mas o homem parece ter apenas um interesse: como matar, como matar de modo mais eficaz, como continuar aperfeiçoando os instrumentos para matar.

A educação certa ensinará você a descobrir a sua própria canção e o ensinará a dançar e a não ficar constrangido; a celebrar as pequenas coisas da vida e a tornar este planeta mais vivo. Ele é o único, até onde sabemos, onde as pessoas podem amar, onde as pessoas podem meditar, onde as pessoas podem se tornar budas, onde as pessoas como Sócrates e Lao-Tsé podem viver.

Temos muita sorte de viver neste pequeno planeta. Ele é um dos menores planetas do universo, mas nem a maior das estrelas, milhões de vezes maior do que a Terra, um dia teve um Albert Einstein ou um Jesus ou um Yehudi Menuhin. É estranho que, neste vasto universo, a existência só tenha sido bem-sucedida neste pequeno planeta, ao criar uma pequena consciência, uma pequena vida. Agora depende de nós partirmos deste pequeno começo e nos elevarmos a alturas infinitas, que são o nosso potencial e nosso direito nato.

Até hoje a educação não seguiu na direção certa. Ela está torturando as pessoas desnecessariamente com história, com geografia. Se alguém estiver interessado, esses assuntos devem estar disponíveis. Se alguém estiver interessado em Constantinopla, então que aprenda a respeito. E, se alguém está interessado em saber sobre Gêngis Khan, ou Tamerlão, deixe que saiba. Mas não há necessidade de ensinar as pessoas compulsoriamente sobre toda essa bobagem e todo esse lixo que aconteceu no passado. Isso é absolutamente estúpido e inacreditável.

Ensinar às pessoas que um dia existiram pessoas como Gêngis Khan e Nadirshah, Tamerlão e Alexandre, o Grande é ensiná-las sobre o lado errado do seu ser.

Eu brigo com as universidades. “Por que não ensinam sobre Sócrates? Por que não ensinam sobre Chuang Tzu? Porque não ensinam sobre Bodhidharma...?” Essas pessoas são o lado certo da consciência. E ensinar sobre o tipo errado de pessoa dá a você uma ideia de que não há nada errado em estar errado. Se você se tornar um Gêngis Khan, isso está correto! Você não está fazendo nada novo, o ser humano vive fazendo isso.

Temos que selecionar a história, extirpar todas as pessoas erradas e proteger nossas crianças, evitando que sejam condicionadas à ideia de que o homem não se envolveu em mais nada a não ser em guerras, disputas, competições, ganância. Precisamos ensinar às crianças não o que aconteceu, mas o que pode acontecer – não o passado, mas o futuro. Por que perder tanto tempo ensinando assuntos que não têm nenhum significado na vida real, na existência? Por que não dar a elas uma única noção sobre a arte do amor, a arte da vida, o significado da existência, a preparação para morrer com alegria, silêncio e meditação? Tudo o que é essencial está faltando, e aquilo que não é essencial e é absolutamente estúpido está sendo forçado.

Dizem que a história se repete. A história não se repete; é a nossa estupidez que continua ensinando as mesmas coisas a cada geração. As pobres crianças são condicionadas a imitar os mesmos grandes heróis que, na verdade, eram criminosos, não heróis. Apenas um único homem, Gêngis Khan, matou quarenta milhões de pessoas. É melhor tirar dos livros de educação toda a informação sobre essas pessoas. Ensine sobre a dança de alguém como Shiva, a flauta de Krishna. Ensine às crianças tudo o que é belo e bom, de modo que elas se acostumem com a ideia de que tudo o que é bom é natural e tudo o que é ruim é acidental – que o mal não acontece, nunca aconteceu, que o bem é absolutamente normal. Ser um buda não é algo anormal.

Devia ser ensinado a cada criança que ser um buda é um fenômeno normal. Qualquer pessoa esperta o suficiente pode se tornar um buda.

Você vai se tornar um buda. A maior de todas as revoluções tem que acontecer na educação e nos seus sistemas; do contrário, o ser humano continuará repetindo a história.

Agora, existe hora para o silêncio e hora para rir...

Hymie Goldberg chegou do trabalho uma noite e a esposa perguntou, “Você passou na loja e pegou as fotos que deixei para revelar, como eu pedi? Provavelmente não passou! Você nunca me ouve! Nunca se lembra de nada! Ah! você passou... Bem, milagres existem. Deixe-me vê-las!

Esta foto está terrível e esta está ainda pior. Meu Deus! Esta está horrível e esta, um desastre. Na verdade, estas são as piores fotografias que eu já vi na minha vida. Você não faz nada certo! Nem dirigir um carro direito você sabe! Não consegue nem mudar um fusível! Não consegue cantar afinado e, como fotógrafo, eu nunca vi pior! Dê uma olhada nestas fotos. Em todas as fotos que tirou de mim, eu estava com a boca aberta!”

Uma ex-prostituta dava seu testemunho numa esquina, junto com o Exército da Salvação. E reforçava cada frase batendo num grande tambor.

“Eu era uma pecadora!”, ela gritava.

BUM!, fazia o tambor.

“Eu era uma mulher da vida!”

BUM!

“Eu bebia!”

BUM!

“Eu jogava!”

BUM!

“Eu perseguia os homens!”

BUM!

“Eu ficava doidona aos sábados à noite e aloprava!”

BUM! BUM! BUM!

“E agora o que eu faço aos sábados à noite? Eu fico nesta esquina batendo esta droga de tambor!”

SEM RELIGIÕES, MAS COM RELIGIOSIDADE



Eu não ensino religião, mas religiosidade – um rio fluindo, continuamente mudando seu curso, mas por fim chegando ao oceano.

Religião é uma pedra morta. Uma rocha pode ser muito antiga, muito mais experiente, muito mais velha do que qualquer Rigveda, o livro mais antigo da tradição hindu, mas uma rocha é uma rocha, e está morta. Ela não se move com as estações, não se move com a existência; está simplesmente parada ali. E você já viu uma rocha cantando ou dançando?

Para mim a religião é uma qualidade, não uma organização.

Todas as religiões que existem no mundo – e elas não são em pequeno número, existem trezentas religiões no mundo – são pedras mortas. Elas não fluem, não mudam, não se movem com o tempo. E nada que esteja morto vai ajudar você – a menos que você queira fazer uma sepultura; aí sim as rochas podem ser úteis. Todas as assim chamadas religiões fazem sepulturas para você, destroem a sua vida, o seu amor, a sua alegria, e enchem a sua cabeça de fantasias, ilusões, alucinações sobre Deus, sobre o céu e o inferno, sobre reencarnação e todo tipo de besteira.

Eu confio no que flui, muda, movimenta-se... porque essa é a natureza da vida. Ela conhece apenas uma coisa permanente, que é a mudança. Só a mudança nunca muda; do contrário, tudo muda. Todo ano chega o outono e as árvores ficam sem folhas. Todas as folhas caem sem nenhuma queixa: silenciosamente, pacificamente, elas mergulham de volta na terra, de onde vieram. As árvores nuas contra o céu têm uma beleza própria, e deve existir uma tremenda confiança no coração delas,

porque sabem que, se as folhas velhas caem, é porque virão outras novas. E logo folhas novas, verdinhas, mais jovens, mais delicadas, começam a brotar.

Uma religião não pode ser uma organização morta, mas um tipo de religiosidade, uma qualidade – que inclui autenticidade, sinceridade, naturalidade, uma profunda entrega ao cosmos, um coração amoroso, uma amizade com o todo. Para isso, nenhuma escritura sagrada é necessária.

Na verdade, não existem escrituras sagradas em nenhum lugar. As chamadas escrituras sagradas não provaram nem mesmo que são boa literatura! É bom que ninguém as leia, porque elas estão cheias de pornografia barata. Um dos meus amigos, quando eu disse isso, começou a pesquisar a Bíblia Sagrada e encontrou quinhentas páginas inteiras de pornografia. Se existe um livro que deveria ser banido deste mundo é a Bíblia Sagrada! Mas esse amigo não sabe que a Bíblia não é nada. Se você folhear os *Puranas* hindus, ficará surpreso; eles são as edições mais antigas da revista *Playboy*! Não apenas seres humanos, mas até os deuses descritos ali são velhos sujos e indecentes, é tão estranho... e eles ainda são adorados como deuses.

Por exemplo, a Lua é reverenciada como um deus pelos hindus e pelos jainas, mas a história conta que a Lua estava sexualmente interessada numa bela mulher, que era a esposa de um santo. Na Índia, os santos tomam banho todas as manhãs, antes do nascer do sol, e essa era a hora em que a Lua aparecia – claro que disfarçada, pois os deuses não podem fazer nada. A Lua batia na porta e a mulher pensava que era o marido, que estava de volta. A Lua fazia amor com a mulher de outro homem e depois desaparecia.

Quase todos os assim chamados deuses hindus são estupradores. E eles não se sentem satisfeitos com o fato de que, no céu, estão as mais belas mulheres – não cobertas de pele, mas sim de plástico. Mas parece que eles não tinham uma palavra para designar o plástico naquele tempo. Dizem que as garotas celestes não transpiram – a palavra é *apsara*, que

você pode traduzir muito bem por “garota de programa”; elas não são prostitutas comuns, mas apenas prostitutas de classe. Quando eu vim a saber disso – que elas não transpiram –, comecei a me perguntar, como é possível um homem ou mulher que tenham pele não transpirem? O plástico parece ser a única explicação. E elas estão todas paralisadas eternamente nos 16 anos; nunca vão além disso. Durante séculos, elas têm apenas 16 anos... E quantos santos já se aproveitaram delas? Não acho que elas possam calcular o número ao longo de milhões de séculos.

Uma religiosidade autêntica não precisa de profetas, nem salvadores, nem livros sagrados, nem igrejas, nem papas, nem padres – porque a religiosidade é o florescimento do coração. É alcançar o próprio âmago do seu ser. E no momento em que você atinge o âmago do seu ser, acontece uma explosão de beleza, de bem-aventurança, de silêncio, de luz. Você começa a se tornar uma pessoa totalmente diferente. Tudo o que era sóbrio na sua vida desaparece, e tudo o que estava errado desaparece também. O que quer que você faça é feito com absoluta totalidade e consciência.

Eu só conheço uma virtude, e essa virtude é a consciência.

Se a religiosidade se difundir pelo mundo todo, as religiões se extinguirão. E será uma imensa bênção para a humanidade quando o ser humano for simplesmente um ser humano, nem cristão, nem muçulmano, nem hindu. Essas demarcações, essas divisões têm sido a causa de milhares de guerras ao longo da história. Se você fizer uma retrospectiva histórica do homem, não vai resistir à tentação de dizer que vivemos no passado de um modo insano. Em nome de Deus, em nome da igreja, em nome de ideologias que não estão de maneira alguma respaldadas na realidade, as pessoas têm matado umas às outras.

A religião ainda não surgiu neste mundo. A menos que a religiosidade se torne a própria atmosfera da humanidade, não haverá nenhuma religião. Mas eu insisto em chamá-la de religiosidade, de modo que ela não se torne algo organizado.

Você não pode organizar o amor. Já ouviu falar de igrejas de amor, templos de amor, mesquitas de amor? O amor é uma questão individual com outro indivíduo. E a religiosidade é um caso de amor maior entre o indivíduo e todo o cosmos. Quando alguém se apaixona por todo o cosmos – as árvores, as montanhas, os rios, os oceanos, as estrelas – essa pessoa sabe o que é uma oração. Ela é sem palavras. A pessoa conhece uma profunda dança no seu coração, e uma música que não tem sons. Vivencia pela primeira vez o eterno, o imortal, que sempre permanecerá independentemente de qualquer mudança – e se renova a todo instante. E qualquer um que se torne uma pessoa religiosa e deixe para trás o cristianismo, o hinduísmo, o islamismo, o jainismo, o budismo, pela primeira vez declara sua individualidade.

A religiosidade é uma questão individual. É uma mensagem de amor da pessoa para todo o cosmos. Só então haverá uma paz que supera todo entendimento equivocado. Por outro lado, essas religiões foram parasitas explorando as pessoas, escravizando-as, forçando-as a acreditar. E todas as crenças são contra a inteligência, obrigando as pessoas a pronunciar palavras em suas orações que não têm nenhum sentido, pois não vêm do coração, só da memória.

Sempre conto a linda história de Leon Tolstoi. A história é sobre três aldeões pouco instruídos, sem nenhuma cultura, que moravam numa pequena ilha dentro de um grande lago. Milhares de pessoas os procuravam, os reverenciavam, e o arcebispo ficou preocupado. As igrejas estavam vazias, ninguém ia ouvir o arcebispo. E a igreja russa é a mais antiga do mundo, é muito ortodoxa, e o povo estava indo procurar aquelas três pessoas que não eram nem mesmo iniciadas nos segredos do cristianismo – como tinham se tornado santos?

Na Índia, é fácil se tornar santo, mas no cristianismo não é. A palavra “santo” vem da raiz *sanctus*. Significa que, a menos que a pessoa seja canonizada, certificada pelo papa, ela não pode ser aceita como santa. Mas estavam dizendo que aquelas três pessoas eram santas...

Com raiva, um dia o arcebispo tomou um barco e foi ver as três pessoas, que estavam sentadas sob uma árvore. Ele olhou para elas e não pôde acreditar: que tipo de santos eram aqueles? Ele se apresentou dizendo, “Sou o arcebispo”. Os três santos tocaram seus pés. Então ele ficou mais tranquilo. “São uns tolos... e as coisas não foram tão longe a ponto de saírem do controle”.

Ele lhes perguntou, “Vocês são santos?”

Eles se entreolharam e disseram, “Nunca ouvimos essa palavra. Não temos instrução nenhuma, cultura nenhuma. Não fale grego conosco, fale simplesmente o que o senhor quer dizer com isso”.

“Meu Deus!”, exclamou o arcebispo. “Vocês não sabem o que significa a palavra ‘santo’? Sabem rezar como cristãos?”

Outra vez eles se entreolharam, sem saber o que dizer.

O arcebispo então se sentiu realmente poderoso. “Digam-me como é a oração de vocês”, ordenou.

“Não temos cultura, não sabemos nenhuma oração cristã. Nós inventamos uma oração”.

O arcebispo riu. “Ninguém inventa uma oração. A oração tem que ser autorizada pela igreja. Que oração é essa, afinal?”

Eles ficaram muito constrangidos, muito tímidos, e finalmente um deles disse, “Como o senhor perguntou, não podemos deixar de dizer. Mas a nossa oração não é bem uma oração... Ouvimos dizer que Deus tem três formas – o Pai, o Espírito Santo e o Filho –, por isso pensamos em fazer uma oração por nossa própria conta. Nossa oração é: “O senhor é três, nós somos três, tenha misericórdia de nós”.

O arcebispo disse, “Seus idiotas, acham que isso é uma oração? Eu lhes ensinarei uma oração autorizada pela igreja”.

Mas a oração era tão longa que os três falaram, “A oração é tão longa que não conseguimos decorar. Vamos tentar ao máximo, mas, por favor, repita uma vez mais”. Então eles pediram que o arcebispo a repetisse uma terceira vez, pois a oração era grande demais. “Se nos lembrarmos do começo, nos esqueceremos do fim. Se nos lembrarmos do fim, nos

esqueceremos do começo. Se nos lembrarmos do começo e do fim, nos esqueceremos do meio”.

O arcebispo disse, “Vocês precisam de instrução”.

Mas eles disseram, “Não sabemos escrever, do contrário poderíamos escrever a oração e lê-la. Só mais uma vez... nos esforçaremos o máximo para lembrar”.

O arcebispo ficou muito feliz de ter convertido aqueles três idiotas, reverenciados por milhares de pessoas. Ele repetiu a oração pela terceira vez, eles tocaram os pés dele e ele voltou para o barco.

Quando estava no meio do lago, ele viu algo enorme vindo na sua direção. Não soube dizer o que era e começou a rezar. Quando a coisa chegou mais perto ele viu que eram os três idiotas... andando sobre as águas! Ele disse, “Meu Deus, só Jesus andou sobre as águas!”

Eles vinham de mãos dadas, dizendo, “Nós nos esquecemos da oração, então pensamos... poderia repetir mais uma vez?”

O arcebispo, vendo que estavam de pé sobre a água, reconheceu a verdade. Ele disse, “Vocês não precisam da minha oração. A oração de vocês é perfeita. Eu tenho rezado a vida inteira, cheguei ao ponto mais alto da igreja ortodoxa russa, mas não consigo andar sobre as águas. Deus parece estar com vocês. Podem ir e fazer a sua oração”.

Eles ficaram muito felizes e disseram, “Ficamos muito agradecidos, porque aquela oração tão longa acabaria nos matando!”

É uma bela história, que mostra como morre a religião tradicional, ortodoxa. A religiosidade tem que vir do coração, como um indivíduo oferecendo seu amor e sua fragrância ao cosmos.

Nem Deus é necessário para a pessoa religiosa, pois Deus é uma hipótese que não foi provada e uma pessoa religiosa não pode aceitar nada que não foi provado. Ela só pode aceitar o que sente. O que você sente? – a respiração, as batidas do coração. A existência respira, a existência continua lhe dando vida a cada momento. Mas você nunca olhou as árvores, você nunca olhou as flores e sua beleza, e você nunca pensou que elas também são divinas. Elas são o único Deus que existe.

Toda esta existência está cheia de divindade.

Se você estiver repleto de religiosidade, toda a existência simultaneamente se torna repleta de divindade.

Para mim, isso é o que é religião.

Você sempre diz que precisamos tomar conta de nós mesmos antes de tentarmos tomar conta dos outros. Isso parece ir contra muitas religiões do mundo que ensinam o serviço à humanidade e deve parecer uma atitude muito egoísta na visão delas. Você pode falar sobre isso?

Não vai apenas contra muitas religiões, mas contra todas as religiões do mundo. Todas pregam o serviço ao próximo, o altruísmo. Mas para mim, o egoísmo é um fenômeno natural. O altruísmo é imposto. O egoísmo faz parte da nossa natureza. A menos que você chegue a um ponto em que o eu se dissipe no universal, você não pode realmente deixar de ser egoísta. Você pode fingir. Você só será hipócrita, e eu não quero que as pessoas sejam hipócritas. Por isso é um pouquinho complicado, mas é possível de entender.

Primeiro, o egoísmo faz parte da nossa natureza. Você tem que aceitar isso. E, se é parte da nossa natureza, deve servir para alguma coisa essencial, do contrário não existiria. É por causa do nosso egoísmo que sobrevivemos, que cuidamos de nós mesmos; se não fosse assim, a humanidade teria desaparecido há muito tempo.

Pense apenas numa criança que seja altruísta, que tenha nascido assim. Ela não será capaz de sobreviver, morrerá – porque até respirar é egoísta, comer é egoísta, quando há milhões de pessoas passando fome e você está comendo, quando há milhões de pessoas que estão doentes, morrendo e você está saudável.

Se uma criança nascesse sem ter o egoísmo como uma parte intrínseca da sua natureza, ela não sobreviveria. Se uma cobra chegasse perto dela, que necessidade ela teria de evitar a cobra? Deixaria que ela a mordesse. É o egoísmo que protege você; do contrário, você ficaria no caminho da cobra. Se um leão saltar em cima de você e quiser matá-lo, você deixará

que ele o mate. Isso é altruísta. O leão está com fome, você é a comida de que ele precisa – quem é você para interferir? Você não pode se proteger, não deve lutar. Deve simplesmente se oferecer numa bandeja para o leão. Isso será altruísta. Todas essas religiões ensinam coisas que não são naturais. Essa é uma delas.

Eu ensino o que é natural. Ensino você a ser natural, absolutamente natural, sem ter nenhuma vergonha disso. Sim, eu ensino o egoísmo. Ninguém disse isso antes, não têm coragem. E todos eles são egoístas; essa é a parte mais surpreendente de toda a história.

Por que o monge jainista se tortura? Existe uma motivação. Ele quer conquistar a liberdade suprema, *moksha*, e todos os prazeres que ela traz. Ele não está sacrificando nada, está simplesmente fazendo uma barganha. Ele é um homem de negócios; a sua escritura diz, “Você conseguirá mil vezes mais”. E a sua vida é realmente muito curta – setenta anos não é muito. Se você sacrificar setenta anos de prazer em favor de uma eternidade de prazeres, é uma boa troca. Não acho que isso seja altruísmo.

E por que essas religiões ensinam você a servir à humanidade? Por que motivo? Qual é o objetivo? O que você vai ganhar com isso? Talvez você nunca tenha se perguntado. Não se trata do serviço, da ajuda em si...

Eu adoro uma antiga história chinesa. Um homem caiu num poço. Havia muitas pessoas no local, era época de um grande festival, e havia muito barulho, as pessoas estavam se divertindo, dançando, cantando e todo tipo de coisa estava rolando, de modo que ninguém o ouviu cair. E nessa época, na China, os poços não eram cercados com um muro para que as pessoas não caíssem nele. Eles não tinham proteção nenhuma, eram totalmente abertos. A pessoa podia cair na escuridão sem nem se dar conta de que era um poço. O homem começou a gritar, “Alguém me tire daqui!”

Um monge budista passou por lá. Claro que o monge não se interessava pelo festival, pelo menos não se esperava que se interessasse –

eu não sei o que ele estava fazendo ali. Só o fato de estar ali já demonstra um anseio inconsciente de ver o que estava acontecendo, como as pessoas se divertiam: “Todas essas pessoas vão para o inferno. Eu sou o único que vai para o céu”.

Ele passou pelo poço e ouviu o homem. Olhou para baixo. O homem disse, “É bom que tenha me ouvido. Todo mundo está ocupado e há tanto barulho que fiquei com medo de morrer aqui”.

O monge budista disse, “Você ainda vai morrer, porque esse é o ato vil que cometeu no passado; agora vai ser castigado. Fique aí e acabe com isso! É bom. Na nova vida você vai estar purificado e não precisará mais cair num poço”.

O homem disse, “Eu não quero nenhuma pérola de sabedoria ou filosofia neste momento...” Mas o monge foi embora.

Um ancião taoista parou. Ele estava com sede e olhou dentro do poço. O homem ainda gritava por ajuda. O taoista disse, “Este não é um comportamento digno. Você deve aceitar tudo o que lhe acontece – foi isso que Lao-Tsé disse. Então aceite! Viva essa experiência! Você está chorando como uma mocinha. Seja homem!”

O homem disse, “Não me importo que me chame de mocinha, mas por favor me tire daqui! Não sou mesmo digno. E depois você pode dizer o que quiser – mas primeiro me tire daqui!”

Mas o taoista disse, “Nunca interfira na vida de ninguém. Acreditamos no indivíduo e na sua liberdade. Você teve liberdade para cair no poço, agora tem liberdade para morrer no poço. Tudo o que eu posso fazer é lhe sugerir: você pode morrer gritando, chorando – o que é uma bobagem – ou pode morrer como um homem sábio. Aceite, usufrua, cante uma canção, e vá. Todo mundo vai morrer mesmo, então para que vou salvar você? Eu vou morrer, todo mundo vai morrer – talvez amanhã, talvez depois de amanhã – então por que vou me dar ao trabalho de salvar você?” E partiu.

Um seguidor de Confúcio se aproximou e o homem sentiu esperança, pois os confucianos eram mais mundanos, tinham mais os pés no chão

que os outros. Ele disse, “Que sorte a minha que você apareceu, um erudito confuciano. Conheço você, já ouvi seu nome. Agora faça algo por mim, pois Confúcio disse, ‘Ajude o seu semelhante’.” Depois da reação do budista e do taoista, o homem pensou, “É melhor falar em filosofia, se quero convencer essas pessoas a me salvar”. Ele disse, “Confúcio disse para ajudarmos nossos semelhantes”.

O monge disse, “Você está certo. Eu o ajudarei. Vou passar de cidade em cidade e protestarei para que o governo erga muros em volta de todos os poços do país. Não tema”.

O homem disse, “Mas quando esses muros forem construídos e a sua revolução for bem-sucedida, eu já estarei morto”!

O confuciano disse, “Não se importe com isso. Eu não me importo, os indivíduos não se importam – o que importa é a sociedade. Você já trouxe à baila uma questão muito importante caindo no poço. Agora vamos lutar por isso. Fique aí, tranquilo e quieto. Faremos com que todos os poços tenham muros protetores para que ninguém mais caia dentro deles. De que adianta salvar só você? O país inteiro tem milhões de poços e milhões de pessoas podem cair dentro deles. Então não seja egoísta, pensando só em si mesmo, eleve-se acima desse egoísmo. Eu vou servir à humanidade. Você já serviu caindo aí dentro. Eu vou servir forçando o governo a fazer muros protetores”. E foi embora. Mas ele fez uma observação muito significativa: “Você é muito egoísta. Só quer ser salvo e desperdiçar o meu tempo, que eu posso usar para salvar toda a humanidade”.

Você sabe se existe em algum lugar uma “humanidade”, uma “sociedade”? São apenas palavras. Só os indivíduos existem.

O quarto homem era um pastor cristão, um missionário, que carregava uma sacola consigo. Ele imediatamente abriu a sacola, tirou dali uma corda e a atirou; antes que o homem dissesse alguma coisa, ele atirou a corda dentro do poço. O homem se surpreendeu e disse, “A sua religião parece a mais verdadeira de todas”.

O cristão disse, “Claro, estamos preparados para qualquer emergência. Sabendo que as pessoas podem cair em poços, eu carrego esta corda para salvá-las, pois salvando-as eu salvo a mim mesmo. Mas lembre-se – eu ouvi o que o seguidor de Confúcio disse – não faça muros protetores em tornos dos poços; do contrário como serviremos à humanidade? Como vamos tirar as pessoas dos poços quando elas caírem? Elas têm que cair primeiro, para que possamos tirá-las de lá. Vivemos para servir, mas precisamos de uma oportunidade. Sem ela, como vamos servir?”

Todas essas religiões que pregam a caridade estão certamente interessadas em que a humanidade continue pobre, que as pessoas continuem precisando dessa caridade, que haja órfãos, haja viúvas, idosos de quem ninguém cuida, mendigos. Essas pessoas estão necessitadas, muito necessitadas. Do contrário, o que aconteceria com esses grandes servidores do povo? O que aconteceria com todas essas religiões e com seus ensinamentos? E como as pessoas entrariam no reino de Deus? Essas pessoas têm sido usadas como degraus.

Você chama isso de altruísmo? O missionário foi altruísta? Ele salvou esse homem, não pelo bem do homem, mas pelo seu próprio bem. Lá no fundo ainda é egoísmo, mas agora está revestido com uma palavra bonita: altruísmo, serviço, caridade.

Mas por que existe a necessidade desse altruísmo? Por que ainda deve existir essa necessidade? Não podemos acabar com essas oportunidades de se fazer caridade? Podemos, mas as religiões iam ficar muito zangadas. Toda a base delas estaria perdida – todo o seu negócio –, se não existissem pobres, famintos, sofredores, doentes. E a ciência pode tornar isso possível. Agora está totalmente em nossas mãos. Isso já teria acontecido há muito tempo se as religiões não detivessem qualquer pessoa com intenção de contribuir para esse conhecimento, capaz de destruir todas as oportunidades de serviço. Mas essas religiões são contra todo o progresso científico e pregam a caridade. Elas necessitam dessas pessoas. E essa necessidade não é altruísta, é absolutamente egoísta. Tem uma motivação. Existe uma meta por trás disso.

Por isso eu digo para o meu pessoal que caridade é uma palavra feia de oito letras. Nunca a use. Sim, você pode compartilhar, mas nunca humilhar ninguém fazendo caridade a essa pessoa. É humilhante.

Quando você faz caridade para alguém e se sente bem, você reduz o outro a um verme sub-humano. E você é tão superior que sacrificou os próprios interesses para servir aos pobres: você está simplesmente humilhando-os.

Se você tem alguma coisa, alguma coisa que lhe dê alegria, paz, êxtase, compartilhe-a. E lembre-se de que, quando você compartilha, não existe uma motivação por trás disso. Não estou dizendo que, ao compartilhar, você vai para o céu. Não estou lhe dando uma meta. Estou lhe dizendo que, apenas por compartilhar, você vai se sentir extremamente satisfeito. Nesse próprio compartilhar está a plenitude, não há nenhum objetivo por trás disso. Ele não é um meio para se alcançar um fim, ele é um fim em si mesmo.

E você se sentirá compelido a procurar a pessoa que está pronta para compartilhar com você. Você não sentirá que ela se sente compelida a procurá-lo – porque você não está servindo ninguém. E só as pessoas que acreditam no compartilhar, e não na caridade, podem destruir todas essas oportunidades vis que existem no mundo todo. As religiões exploram essas oportunidades, mas lhes dão nomes bonitos. Elas se tornaram especialistas nisso, ao longo dos séculos, em dar nomes bonitos a coisas feias. E, quando você começa a dar um nome bonito a uma coisa feia, existe a possibilidade de você mesmo se esquecer de que essa palavra é só um disfarce e que a realidade feia continua feia.

Por que servir aos pobres quando a pobreza pode ser destruída? Nenhuma religião diz, “Acabem com a pobreza”. Elas estão compactuadas, numa profunda conspiração, com interesses escusos. Elas não dizem para acabar com a pobreza. Elas não sugerem medidas que podem acabar com a pobreza. Mas dizem a você para servir aos pobres, para servir às viúvas.

Na Índia, eles não perguntam por que a sua cultura obriga as mulheres a continuarem viúvas. Um fenômeno tão simples... Na Índia, os homens podem se casar quantas vezes quiserem. Na verdade, quando a esposa morre, quando seu corpo está queimando na pira funerária, as pessoas já estão começando a comentar sobre o próximo casamento do homem, sobre como encontrar uma nova esposa para ele. É tão feio, tão desumano! O corpo da mulher nem queimou completamente ainda, mas o que mais há para se fazer enquanto se está sentado em torno da pira funerária? É preciso falar sobre alguma coisa, e esse é o assunto do momento. Agora esse homem precisa de uma mulher, e as pessoas sugerem onde seria bom se casar, que mulher seria apropriada para ele – e não pode ser uma viúva.

Ninguém está preparado para se casar com uma viúva. Ela é uma mulher usada, uma coisa, que foi usada por outro homem – como se casar com ela? O homem não é usado; ele continua sempre puro e vigoroso. Ele pode se casar novamente. Na Índia, há milhares de anos a mulher sofre muito por causa dessa ideia de que ela tem que continuar, pelo resto da vida, na condição de viúva. Milhões de viúvas... elas não podem usar outra cor de roupa que não seja o branco. Têm que raspar a cabeça, não podem usar nenhum ornamento. De todas as maneiras possíveis, fica bem claro que ela tem que viver como se já estivesse morta.

Não podem circular pela sociedade com as outras mulheres – particularmente em festivais. Não se espera que compareçam a festas de casamento, porque a própria presença delas, sua própria sombra, é uma calamidade. E dizem que a viúva devorou o marido – foi por causa da má sorte dela que o marido morreu. Se ele não tivesse casado com ela, ainda estaria vivo; ela é responsável pela morte dele. Pelo resto da vida ela carrega esse fardo, e tem que continuar feia de todas as maneiras possíveis.

“Ajudem as viúvas.” Na Índia, existem instituições especializadas em viúvas, pois nos lares elas são menos do que os criados. Fazem todo tipo de trabalho, trabalham o dia todo, mas não têm nenhum respeito:

nenhum salário, nenhum respeito e sofrem uma condenação contínua porque, por causa delas, o filho de alguém morreu, o irmão de alguém morreu. E elas vivem escondidas como sombras. Não têm permissão para aparecer quando há visitas na casa. Vivem como fantasmas.

Por isso existem instituições abertas pelas religiões, que “fazem caridade às viúvas”. Mas por que existem viúvas? É uma lógica muito simples: é só criar uma lei segundo a qual todo homem que quiser se casar pela segunda vez tem que escolher uma viúva, não uma virgem – simples! Acaba-se com o problema. Mas, em vez de acabarem com o problema, eles ajudam a perpetuá-lo.

NÃO SIRVA AOS POBRES, SOLUCIONE OS PROBLEMAS



Solucione os problemas! Não há necessidade nenhuma de ensinar as pessoas a servir. Quais são os problemas? A explosão populacional é um deles. Todas as religiões pregam, “Ajudem os pobres”, mas ninguém está pronto para dizer, “Aceitem o controle de natalidade para que a população se reduza”.

Eu sou absolutamente a favor do controle de natalidade. Só poucas pessoas deveriam ter permissão para ter filhos, e isso deveria ser feito por meio da inseminação artificial... Por que qual é a necessidade? É possível que você se apaixone por uma garota e que ela se apaixone por você, mas vocês podem não ser as pessoas certas para se tornarem pais, para dar à luz um filho. Podem não ser, pois o amor não leva em consideração a sua química interior.

Você não vai a um químico para perguntar, “Eu me apaixonei por uma garota; a nossa química interior combina?” Se você for a algum lugar, será a um astrólogo, uma quiromante... o cego que guia outro cego. Trata-se de uma questão bioquímica, nada a ver com quiromancia, nada a ver com astrologia. Mas o ego do ser humano acha que as estrelas estão interessadas no que acontece com ele, e o estão afetando e as suas combinações o estão afetando. Isso simplesmente me entristece com relação ao ser humano. Que tipo de humanidade se desenvolveu na Terra?

Mas todas essas religiões são contra o controle de natalidade, e sem controle de natalidade não há jeito agora. Eu defendo o controle de natalidade absoluto, lembre-se, não apenas o controle de natalidade;

porque com o controle de natalidade as pessoas – se não as religiões, então o governo – poderiam, na melhor das hipóteses, ser compelidas a aceitar que devem ter só dois ou três filhos. Mas isso não resolve. Ter dois ou três filhos não resolve nada. Controle de natalidade absoluto: ninguém tem permissão para ter filhos; qualquer pessoa interessada em ter filhos pode doar seu sêmen para um laboratório científico e o laboratório decide quem será a mãe da criança.

Não precisa ser a sua esposa, isso não importa. Você ama a sua esposa, a sua esposa o ama, mas isso não significa que possam sobrecarregar o planeta com mais uma criança aleijada ou cega. Vocês não têm esse poder, a existência não lhes dá esse direito. Por que vocês vão ser tão irresponsáveis a ponto de colocar esse fardo sobre si mesmos e sobre toda a humanidade? Você pode gerar uma criança paralítica, cega, ou deficiente mental e ela também gerará outras crianças.

É por isso que os idiotas são sempre a maioria neste mundo. Eles são obrigados a ser, porque a combinação perfeita só pode acontecer em laboratório. Você não sabe o que carrega em seus genes; não sabe que potencial é esse, que tipo de criança vai gerar. Você ama uma mulher – não há mal nenhum nisso; o amor deve ser algo absolutamente acessível para você, pois é um direito nato. Você ama a mulher, mas nem toda mulher precisa ser mãe, nem todo homem precisa ser pai. Logo não haverá mais necessidade nenhuma de existirem mães. A criança pode crescer no próprio laboratório.

Você quer um filho, e se realmente gosta de crianças vai querer que o seu filho seja o mais perfeito possível. Então, quem contribui com o sêmen e quem contribui com o útero não deve ser da sua conta. A você só cabe ter a melhor criança possível. Então eu sugiro inseminação artificial e bebês de proveta. E também sugiro eutanásia.

Assim como estamos colocando uma barreira nos nascimentos, com o controle de natalidade, deixe-me sugerir outro termo: controle de mortalidade. Depois de certa idade – por exemplo, se aceitarmos 70 anos como uma média, ou 80 ou 90 como uma média – o ser humano deve ser

livre para pedir à equipe médica, “Eu quero me ver livre do meu corpo”. Ele tem todo direito, se não quiser viver mais porque já viveu o suficiente; ele já fez tudo o que queria fazer. E agora ele não quer mais morrer de câncer, de tuberculose; ele quer simplesmente uma morte tranquila.

Todo hospital deveria ter uma ala especial para essas pessoas, com uma equipe especial; uma ala em que as pessoas poderiam ficar e receber ajuda para relaxar e morrer de um modo bonito, sem nenhuma doença, amparadas por um profissional da área médica. Se a equipe médica achasse que a pessoa tem valor – seja, por exemplo, alguém como Einstein ou como Bertrand Russell – se sentisse que a pessoa tem imensa importância, então podiam propor que ela vivesse um pouco mais. Só poucas pessoas receberiam essa solicitação para que vivessem um pouco mais, porque poderiam fazer muito pela humanidade, muito para ajudar os outros. Mas se, nem mesmo essas pessoas quisessem viver, esse seria um direito delas. Você pode implorar, pedir, solicitar. Se elas aceitarem, ótimo. Mas, se disserem, “Não estou mais interessada”, então certamente elas têm todo o direito de morrer.

Por que uma pessoa deveria ser forçada a viver quando não quer mais? E a sociedade faz disso um crime, faz a pessoa se preocupar desnecessariamente: ela não quer viver, mas tem que viver porque suicídio é crime. Ela é forçada a tomar veneno, a pular no mar ou a se jogar de um precipício. Essa situação não é boa. E é estranho: se ela morre, ótimo; se não morre, é condenada à morte. Bela sociedade! Que mentes brilhantes criam as leis! Ela será condenada à morte porque estava tentando cometer suicídio.*

Todos esses problemas podem ser resolvidos. Por isso não há necessidade de servidores públicos, missionários e coisas desse tipo. Precisamos que mais cérebros pensem nesse problema e em como resolvê-lo.

Por isso eu ensino o egoísmo. Eu quero que você seja, primeiro, o seu próprio florescer. Sim, isso vai parecer egoísmo; não tenho nenhuma

objeção a que pareça egoísmo. Tudo bem para mim. Mas a rosa é egoísta quando desabrocha? É egoísmo do lótus florescer? O sol é egoísta quando brilha? Então por que devemos nos preocupar com o egoísmo?

Você nasceu; o nascimento é só uma oportunidade, só um início, não um fim. Você precisa florescer. Não desperdice tempo com nenhum tipo de caridade idiota. A sua maior responsabilidade é florescer, tornar-se plenamente consciente, alerta; e nessa consciência você será capaz de ver o que pode compartilhar, como pode resolver os problemas.

Noventa e nove por cento dos problemas do mundo podem ser resolvidos. Talvez um por cento não possa. Depois você pode compartilhar com essas pessoas o que quer que tenha para compartilhar – mas primeiro precisa ter alguma coisa para compartilhar.

Todas essas religiões até hoje não ajudaram as pessoas a resolver um único problema. Veja só o que estou dizendo: eles já resolveram algum problema? – e eles têm feito da caridade um negócio há milhões de anos. Os pobres ainda são pobres e vão ser cada vez mais pobres. Os doentes ainda existem, a velhice ainda existe, todo tipo de doença ainda existe, todo tipo de crime – e continuam crescendo cada vez mais. Todos os anos são cometidos mais crimes no mundo que no ano anterior. Estranho... as prisões são cada vez mais numerosas, os julgamentos são cada vez mais numerosos – as religiões acham que vão conseguir deter os crimes e com elas os crimes continuam aumentando.

Existe algo basicamente errado aqui. O que as religiões estão fazendo não tem relação nenhuma com o problema. A pessoa que está cometendo o crime não é um criminoso, é uma pessoa doente. Não precisa ser jogada numa cadeia e torturada, ela tem que ser internada num hospital psiquiátrico e receber ajuda médica ali, de maneira respeitosa. A culpa não é dela.

Existiu uma época em que as pessoas loucas eram consideradas criminosas e iam para a prisão, onde eram espancadas. Foi só há pouco mais de cem anos que ocorreu a alguém que essas pessoas não eram criminosas. Elas sofriam de uma certa doença. Bater nelas não as livrava

da doença. Você está simplesmente agindo como um idiota. Essas pessoas precisavam de tratamento e estavam sendo maltratadas. E o mesmo acontece com todas as que cometem crimes... porque eu não acho que os criminosos nasceram assim. A maneira como foram criados, a sociedade em que ele foi criado fizeram com que ele se tornasse um criminoso. E depois que a mente da pessoa começa a se tornar criminosa, você precisa mudar todo o jeito de ela pensar. Não adianta acorrentá-la, encarcerá-la, fazê-la passar fome, bater nela – isso não adianta nada. Desse modo você só está reforçando nela a ideia de que, quando sair dali, ela será uma criminosa inveterada, uma criminosa graduada.

As prisões, as cadeias são universidades do crime, onde os presidiários se graduam. Por isso, depois que um homem vai para a cadeia, ele sai de lá sabendo tudo o que aprendeu com os antigos criminosos com quem dividia a cela. E tudo o que ele aprende com isso é que cometer crimes não é crime, mas ser pego, isto sim, é crime. Por isso ele aprende maneiras de não ser pego.

É preciso mudar a rota dessa mente rumo à criminalidade. E isso pode ser feito. A bioquímica pode ser muito útil, a medicina pode ser muito útil, a psiquiatria pode ajudar muito. Agora temos todos os recursos para tornar aquele homem um ser humano digno.

A caridade não é necessária, necessário é compartilhar a sua consciência – o seu conhecimento, o seu ser, o seu respeito – mas primeiro você precisa tê-los.

Para mim, o maior problema com a humanidade é que ela não sabe nada acerca de meditação. Para mim, esse é o maior problema. Nem a população, nem a bomba atômica, nem a fome..., não, esses não são os problemas mais básicos, pois podem ser facilmente resolvidos pela ciência.

O único problema básico que a ciência não foi capaz de resolver é o fato de que as pessoas não sabem meditar.

Para o meu pessoal eu digo: primeiro seja egoísta, totalmente egoísta – floresça. Atinja o florescimento, a fragrância, depois espalhe-a. Depois

compartilhe-a com os desafortunados, que tinham o mesmo potencial que você, mas a quem a vida não deu a chance de mergulhar dentro de si, de sentir o gosto da própria divindade.

Eu sou contra todas as religiões porque, para mim, o que elas têm feito é absolutamente inútil. Você pode usar palavras bonitas, frases bonitas para esconder alguma verdade bem feia. Eu não quero fazer esse tipo de coisa de jeito nenhum.

Eu ensino você a ser natural, e ensino você a aceitar a sua naturalidade.

Sei uma coisa com certeza: quando tiver florescido, você compartilhará. Não há como evitar. Quando a flor se abre ela não tem como reter sua fragrância e mantê-la aprisionada dentro de si. A fragrância se espalha. Ela exala em todas as direções. Por isso, primeiro, preencha-se, contente a si mesmo. Primeiro, seja. E então, do seu ser, exalará uma fragrância que atingirá muitos. E não será uma caridade, será um compartilhar de pura alegria. E não há nada mais prazeroso do que compartilhar a sua alegria.

CRIME E CASTIGO



Todos os sistemas penais do mundo não são nada mais que a vingança da sociedade – a vingança contra aqueles que não se adaptam ao sistema. A meu ver, a lei não protege os justos, ela protege a mente das massas; se ela é justa ou não, não importa. A lei é contra o indivíduo e a favor das massas. É uma tentativa de reduzir o indivíduo e a sua liberdade e possibilidade de ser ele mesmo.

As últimas pesquisas científicas são muito reveladoras. Muitas pessoas que são denominadas criminosas não são responsáveis pelos seus crimes; seus crimes são genéticos, são hereditários. Assim como um cego não é responsável pela sua cegueira, um assassino não é responsável pelo seu instinto assassino. Ambos herdaram essa tendência – um herdou a cegueira; o outro, o instinto assassino. Agora é praticamente um fato científico: punir uma pessoa por qualquer crime é uma simples idiotice. É quase como punir alguém por ter tuberculose ou mandar alguém para a cadeia por sofrer de câncer.

Todos os criminosos são doentes, do ponto de vista psicológico e espiritual.

Na minha visão, os tribunais não serão compostos de especialistas em direito penal, serão compostos de pessoas que entendem de genética e de como os crimes são hereditários, passando de geração a geração. Eles têm que decidir, não a punição que o réu vai receber, porque punir é errado – não é somente um erro, mas um crime. A pessoa que fez algo errado tem que ser enviada para a instituição certa – talvez um hospital para ser tratada ou uma instituição psiquiátrica ou uma escola terapêutica. A pessoa precisa da nossa compreensão, do nosso amor, da nossa ajuda. Em

vez de oferecer a ela nossa compreensão e amor, durante séculos nós só a punimos. O ser humano cometeu muitas crueldades por trás de palavras bonitas como ordem, lei, justiça.

O novo homem não terá nenhuma prisão e não terá nenhum juiz e também não terá nenhum especialista em leis. Essas coisas são absolutamente desnecessárias, são tumores cancerosos no corpo da sociedade. Certamente será preciso que haja cientistas compreensivos, seres compassivos e meditativos, que analisem por que um certo homem cometeu um estupro. Ele é realmente responsável? No meu modo de ver, em hipótese nenhuma ele é responsável. Ou ele cometeu o estupro porque os sacerdotes e as religiões lhe pregam o celibato, a repressão, há milhares de anos – esse é o resultado de uma moralidade repressiva – ou, biologicamente, ele tem hormônios que o compelem a cometer o estupro.

Embora vivamos numa sociedade moderna, a maioria das pessoas não são contemporâneas, porque não estão conscientes da realidade que a ciência está descobrindo. O sistema educacional impede que as pessoas saibam disso, as religiões impedem que elas saibam disso, os governos impedem que elas saibam disso.

Um homem sente-se atraído por uma mulher e acha que a ama. A mulher também acha que o ama. Mas a verdade científica é que eles têm certos fatores biológicos, certos hormônios que os atraem um para o outro. É por isso que é possível mudar de sexo; um homem pode passar a ser uma mulher e uma mulher pode passar a ser um homem, apenas mudando o sistema hormonal. Uma boa injeção de hormônios e você estará cheio de amor.

O homem que comete um estupro talvez tenha mais hormônios do que aquelas pessoas moralistas que conseguem viver com uma só mulher a vida toda, pensando que assim são pessoas de moral. A verdade é que os hormônios delas são fracos; para os seus hormônios é suficiente que se satisfaçam com uma mulher. Um homem com mais hormônios precisará de mais mulheres; o mesmo acontece com a mulher. Não é uma questão de moralidade, é uma questão de biologia. Um homem que comete um

estupro precisa da nossa compreensão, precisa de um tratamento que remova o excesso de hormônios; isso o acalmará cada vez mais e ele se tornará um Buda Gautama. Puni-lo é simplesmente um exercício de estupidez. Punindo-o, não se consegue mudar seus hormônios. Jogá-lo numa cadeia fará dele um homossexual, ou algum tipo de pervertido. Eles fizeram uma pesquisa nas prisões norte-americanas: trinta por cento dos internos são homossexuais. Essa pesquisa foi feita com base em confissões; não sabemos quantos não confessaram. Trinta por cento não é um número pequeno. Num mosteiro o número ainda é maior – cinquenta por cento, sessenta. Mas a responsabilidade é o apego idiota que temos às religiões ultrapassadas, que não apoiam nem incentivam a pesquisa científica.

A nova comunidade humana será baseada na ciência, não na superstição. Se alguém de fato fizer algo prejudicial à comunidade, então seu corpo será examinado. Ele precisa de uma mudança fisiológica ou biológica. Sua mente precisa ser investigada – talvez ele precise de uma psicanálise. A outra possibilidade, mais profunda, é a de que nem o corpo nem a mente dessa pessoa sejam de muita ajuda; isso significa que ele precisa de uma profunda regeneração espiritual, uma profunda purificação por meio da meditação.

Em vez de tribunais, devemos fazer centros de meditação de diferentes tipos, pois todo indivíduo pode encontrar o seu próprio caminho. Em vez de especialistas em leis – que são simplesmente irrelevantes, são parasitas sugando nosso sangue –, precisamos de cientistas com diferentes opiniões nos tribunais. Porque a pessoa pode ter um distúrbio químico, pode ter um distúrbio biológico, pode ter um distúrbio psicológico. Precisamos de todo tipo de especialista, de todo tipo de opinião e escolas de psicologia, de todo tipo de meditadores; e assim podemos transformar pobres pessoas que são vítimas de forças desconhecidas e sempre foram punidas por nós. Elas sofrem duplamente.

Em primeiro lugar, sofrem por causa de uma força biológica desconhecida. Em segundo lugar, sofrem nas mãos dos juízes, que nada são além de açougueiros; nas mãos dos seus advogados, de todo tipo de

especialista em leis, dos carcereiros – é simplesmente tão insano que os futuros seres humanos não serão capazes de acreditar nisso. É quase o mesmo que acontece conosco com relação ao passado.

Outro dia vi uma reportagem do sul da Índia sobre a suspeita de que uma mulher tinha copulado com o demônio. Ora, o demônio está quase extinto há muitos séculos; de repente ele volta à vida numa pequena aldeia. E os aldeões levaram a mulher ao padre, que declarou que ela deveria ser pendurada numa árvore de ponta-cabeça e espancada porque o demônio ainda estava dentro dela. Alguém avisou a polícia da cidade vizinha. A polícia chegou, mas os aldeões estavam relutantes. Duzentos aldeões se puseram no caminho e detiveram a polícia, dizendo, “Vocês não podem interferir nas nossas cerimônias religiosas”. Eles estavam espancando a mulher – e a mataram! Até a verem morta, não ficaram satisfeitos. Não conseguiram achar o demônio, mas mataram a mulher.

Essa costumava ser uma prática comum no mundo todo. Pessoas loucas eram espancadas para se curarem da loucura. Pessoas que eram esquizofrênicas, que supostamente estavam possuídas por espíritos, eram espancadas quase até a morte – achava-se que isso era um tratamento. Milhões de pessoas morreram por causa desses ótimos tratamentos.

Agora podemos simplesmente dizer que essas pessoas eram bárbaras, ignorantes, primitivas. O mesmo dirão de nós. Eu já estou dizendo – que os tribunais de hoje são bárbaros, as leis de hoje são bárbaras. A própria ideia de punição não é científica. Não existe ninguém no mundo que seja criminoso; todo mundo é doente, e precisa de compreensão e de uma cura científica. Assim a outra metade dos crimes desaparecerá. A primeira metade desaparecerá quando acabarem com a propriedade privada, pois a propriedade privada é o que faz com que existam ladrões, trombadinhas, políticos, sacerdotes. Todos os políticos são trombadinhas, são criminosos. Eles também precisam de tratamento psiquiátrico, também precisam ser internados em instituições psiquiátricas onde sejam compreendidos. Eles precisam ser curados da política. A política é uma doença.

O ser humano sofre de muitas doenças e não tem nem consciência de que elas são doenças. Ele pune pequenos criminosos e reverencia grandes criminosos. Quem é Alexandre, o Grande? Um grande criminoso; ele assassinou pessoas em massa. Napoleão Bonaparte, Ivã o Terrível, Nadir Xá, Gêngis Khan, Tamerlão são criminosos em massa. Mas seus crimes são tão grandes que talvez você não consiga nem imaginar... Eles mataram milhões de pessoas, queimaram milhões de pessoas vivas, mas não são considerados criminosos.

E um trombadinha qualquer, que leva um dólar da sua carteira, será punido pela lei. E talvez o dólar que você estava carregando não fosse nem autêntico! Mas a mãe dele estava morrendo e ele não tinha dinheiro para comprar remédio, e eu não posso dizer que ele seja um criminoso; ele é simplesmente um homem de bom coração que ama a mãe.

Depois que a propriedade privada desaparecer e tudo pertencer a todo mundo, o ato de roubar desaparecerá naturalmente. Você não rouba água nem a acumula, nem precisa roubar oxigênio. Temos que criar tudo em abundância para que nem uma pessoa burra possa pensar em acumular coisas. Para quê? Tudo está sempre à disposição! O dinheiro tem que desaparecer da sociedade. Uma comuna não precisa de dinheiro. As pessoas precisam ter suas necessidades satisfeitas pela comuna. Todos têm que produzir e todos têm que tornar a comuna cada vez mais rica, influente, aceitando o fato de que algumas pessoas serão preguiçosas. Mas não há nenhum mal nisso.

Em toda família, sempre existirá alguém preguiçoso. Um é poeta, outro é pintor, outro simplesmente vive tocando flauta – mas você ama essa pessoa. Uma certa porcentagem de pessoas preguiçosas será permitida e vista com respeito. Na realidade, uma comuna que não tenha pessoas preguiçosas será um pouco menos rica do que outras que têm pessoas que não fazem nada além de meditar, que não façam nada além de tocar violão, enquanto os outros labutam nos campos. É necessário um olhar mais humano; essas pessoas não são inúteis. Elas podem não produzir mercadorias, mas produzem uma certa atmosfera de alegria, animação. Sua contribuição é significativa e necessária.

Com o fim do dinheiro como meio de troca, muitos crimes desaparecerão. Quando as religiões desaparecerem, com suas superstições e moralidades repressivas, não se ouvirá mais falar de crimes como o estupro. E quando toda criança for criada, desde a primeira infância, com reverência pela vida – reverência pelas árvores, pois elas estão vivas; reverência pelos animais, reverência pelos pássaros –, você acha que uma criança assim um dia se tornará uma assassina? É quase impossível!

E se a vida é alegre, cheia de canções e danças, você acha que alguém vai querer se suicidar? Noventa e nove por cento dos crimes desaparecerão naturalmente; só dez por cento dos crimes continuarão, aqueles que são genéticos, que precisam de hospitalização – mas não de prisões, cadeias, não pessoas sentenciadas à morte. Isso tudo é tão feio, tão desumano, tão insano!

A nova comunidade, o novo homem, pode viver sem nenhuma lei, sem nenhuma ordem. O amor será sua lei, o entendimento será sua ordem. A ciência será, em todas as situações difíceis, seu último refúgio.

CIÊNCIA A SERVIÇO DA VIDA



Será que atualmente os cientistas estão na mesma categoria que os políticos? Num certo sentido, estão. O político é alguém que só quer ter poder; portanto, é qualquer um cujo maior desejo seja ter poder, especialmente sobre os outros – podem ser seres humanos ou bens materiais, não importa. O político se empenha para ter poder sobre pessoas, o cientista se empenha para ter poder sobre a matéria, mas o desejo é o mesmo e a mente é a mesma. Por isso, num certo sentido, ambos estão no mesmo barco. Mas existem muitas outras maneiras pelas quais a ciência é totalmente diferente da política.

A política escraviza pessoas vivas, por isso é mais violenta. A ciência tenta conquistar a matéria; não se trata de uma busca violenta. Mas a ciência atingiu tamanha complexidade que os cientistas não podem mais trabalhar por conta própria; eles precisam de um grande apoio dos políticos. Seus projetos de pesquisa são tão caros que só os governos de nações ricas podem bancá-los. Por isso os cientistas acabaram involuntariamente caindo nas mãos dos políticos. Agora o cientista trabalha como empregado do nacionalismo, do comunismo, do fascismo e do capitalismo. Ele não é um investigador independente; ele faz parte de uma ideologia política. Trabalha e faz descobertas, mas não tem controle sobre essas descobertas; o controle está nas mãos dos políticos. São eles que decidem em que direção os cientistas devem trabalhar; do contrário não dão apoio financeiro a nenhum tipo de projeto – e o único projeto dos políticos é a guerra. Por isso milhares de cientistas com um imenso talento, genialidade e inteligência se tornaram simples escravos de um mecanismo político que explora sua inteligência a serviço da guerra e da morte.

A ciência pode ter uma grande importância caso duas coisas sejam adicionadas a ela: uma é que ela não deve ser apenas uma busca objetiva, também deve abrir as portas subjetivas da consciência. O cientista não pode continuar trabalhando apenas em objetos; ele precisa trabalhar também em si mesmo. Até agora os cientistas vêm negando a própria consciência. Essa é uma atitude totalmente absurda, ilógica e nada científica, que leva os cientistas para mais perto das superstições chamadas religiões. Essas religiões acreditam cegamente em um deus da qual nada sabem, e o cientista continua desacreditando de si. Essa também é uma forma de superstição – enorme, inacreditável. Se não houver ninguém dentro de você, se não houver uma consciência em você, então quem vai descobrir os mistérios e segredos da matéria, da natureza, da vida? Nesse ponto, a ciência tem se comportado de maneira ultrapassada e supersticiosa; tem imitado as religiões.

Eu tenho entrado em contato com muitos professores de ciências e nenhum deles é capaz de me dar um argumento a favor dessa superstição. Eles simplesmente continuam me dizendo que a consciência é apenas um subproduto da matéria. Sempre que pergunto a eles “Com base em que você está me dizendo isso? Que cientista provou essa teoria? Quais são as descobertas que embasam essa ideia?”, eles não têm resposta. É só porque um homem que não era cientista coisa nenhuma, que era economista, Karl Marx, criou essa ideia de que a consciência é só um subproduto da matéria.

Marx queria negar Deus e queria negar a alma; sua abordagem era filosófica. Pode-se entender que cientistas da União Soviética ficassem repetindo o que Karl Marx disse, porque, se fossem contra Karl Marx, estariam indo contra a escritura sagrada do comunismo. É o mesmo, na sociedade cristã, em que você não pode dizer nada contra a Bíblia. Você pode estar certo, mas isso não importa, não é uma questão de estar certo ou errado. Não se pode contradizer a Bíblia Sagrada; é um pecado imperdoável. E o mesmo acontecia na União Soviética com relação a Karl Marx e seu livro *O Capital*.

Mas num mundo em que as pessoas estão fingindo que têm direito à liberdade de expressão, os cientistas continuam repetindo a superstição de que a consciência é só um subproduto da matéria, sem nenhuma compreensão de que Karl Marx não era um cientista e que sua afirmação não se baseava em nenhum experimento.

Karl Marx era um ateu. Assim como existem pessoas que acreditam em Deus sem saber nada sobre Deus, existem pessoas que não acreditam em Deus sem saber nada sobre Deus. Basicamente, elas não são diferentes; têm a mesma característica.

Por isso, num aspecto, o cientista se comporta como um cristão fundamentalista fanático. Ele continua negando a consciência. E, a menos que a ciência se abra para a dimensão da própria interioridade do cientista, ela não se tornará um tema abrangente, completo. Continuará parcial; seus pontos de vista apresentarão apenas metade da verdade.

Você deve se lembrar de que uma mentira inteira é melhor do que meia verdade. A mentira inteira logo é descoberta; a meia verdade é muito perigosa, porque tem um fundo de verdade. Ela mantém as pessoas na escuridão durante séculos. E três séculos já se passaram para os cientistas. Eles continuam trabalhando, mas não ousam questionar o ser mais profundo do ser humano – que é uma coisa que tem de ser adicionada à ciência; e então se tornará algo de imensa importância.

Acrescentar subjetividade à ciência objetiva significa adicionar os métodos de meditação aos métodos de concentração. Os métodos de concentração levam você para fora; eles são extrovertidos. A ciência requer uma mente que tenha a capacidade de se concentrar. A meditação requer a capacidade de ir além da mente, de ir além do silêncio, de ser um nada puro e absoluto.

A menos que a ciência aceite a meditação como um método válido de investigação, ela continuará sendo uma busca indiferente, sem paixão – e por causa disso será perigosa. Pode servir facilmente ao propósito da morte, pois não acredita na consciência, acredita na matéria morta, por isso não se importa com Nagasaki ou Hiroshima, nem que todo o globo

cometa suicídio. Não se importa, porque tudo se trata de matéria. Não existe consciência; nada se perde.

O cientista só se revoltará contra os políticos quando a dimensão da meditação for acrescentada à sua pesquisa, ao seu trabalho.

Em segundo lugar, o cientista precisa perceber agora que ele está fornecendo aos políticos armas e tecnologias autodestrutivas. Ele está agindo contra a humanidade, está agindo contra a nova humanidade; está agindo contra seus próprios filhos. Está plantando sementes de dor para todos. É hora de os cientistas aprenderem a ter mais discernimento: o que ajuda a vida e o que destrói a vida? Só para ter um salário e conforto eles não devem continuar como escravos e robôs, trabalhando em prol da guerra e de uma destruição sem precedentes.

O cientista tem que ser um revolucionário também. Ele tem que ser primeiro um buscador espiritual, e em segundo, um revolucionário. E precisa se lembrar de não servir à morte, custe o que custar. Ele não tem que seguir as orientações dos políticos. Tem que decidir por si o que é útil para todo o cosmos, o que é útil para o meio ambiente, o que é útil para uma vida melhor, para uma existência mais bonita. E tem que condenar os políticos se for forçado a trabalhar a serviço da morte. Tem que se recusar totalmente, em qualquer lugar, na Rússia, nos Estados Unidos, na China, em todos os países do mundo.

Os cientistas precisam de uma associação mundial própria em que possam decidir que pesquisas devem ou não devem fazer.

Até hoje a ciência tem sido acidental. As pessoas têm simplesmente tateado na escuridão, descobrindo coisas e se tornando grandes descobridores. Agora esse tempo acabou. Tateando na escuridão eles descobriram as bombas atômicas, as armas nucleares. Fizeram um belo serviço!

Agora é responsabilidade deles destruir todas as armas nucleares, mesmo que isso vá contra o chamado nacionalismo, o chamado comunismo, a chamada democracia. Nada importa, pois agora até a própria existência do ser humano está em risco. Assim como um dia os

cientistas se revoltaram contra a religião e seus ditames, agora eles têm que se revoltar outra vez, mas contra os políticos e seus ditames.

O cientista precisa andar com as próprias pernas e deixar absolutamente claro que não está sendo explorado. Neste momento, ele está sendo explorado em todos os lugares. Só porque recebe grandes salários, é agraciado com o prêmio Nobel, é prestigiado, ele está pronto para sacrificar toda a humanidade – pelo seu prêmio Nobel, por todos esses prêmios estúpidos. Os cientistas não devem se comportar mais como crianças. Esses prêmios e cargos respeitáveis são todos eles brinquedos para fazer as pessoas de tolas, e até os grandes cientistas estão fazendo papéis de tolos.

Eu gostaria que o meu pessoal fizesse um levante no mundo todo contra os cientistas que servem aos governos e aos políticos, criando armas para a guerra. As massas precisam despertar e ir contra esses cientistas; e agora eles se tornaram muito mais perigosos, e a associação que eles têm com os políticos precisa ser rompida.

A própria ciência pode se tornar as duas coisas: aceitando a meditação, ela pode se tornar religião; sendo rebelde, ela pode dar início a uma vida melhor, mais afluyente, mais abundante. Pode ser a maior bênção para a humanidade – interna e externamente. Mas no momento é um dos maiores perigos.

A maioria dos cientistas não está nem um pouco consciente das novas possibilidades para um novo mundo. Eles não podem estar; estão a serviço de abordagens obsoletas e da velha humanidade, dos velhos políticos e das velhas ideologias. Na realidade, eles estão preparando o funeral do novo. Precisam preparar o funeral do que está obsoleto, do que já está morto! E estamos carregando seu cadáver – que fede, mas estamos imunes a esse cheiro, porque nascemos numa sociedade que carrega cadáveres. Fomos criados numa sociedade, em instituições educacionais nas quais, em todo lugar, os cadáveres são reverenciados.

Se existe vida em outro planeta – e os cientistas suspeitam de que existe vida em pelo menos 50 mil planetas em todo o universo, e de que

pode haver planetas em que a ciência alcançou patamares muito mais elevados –, esses extraterrestres podem ser capazes de observar o nosso comportamento. E eles ficarão simplesmente surpresos: o que os nossos gênios estão fazendo? Seria muito melhor se houvesse menos gênios e mais idiotas – pelo menos a vida não correria o risco de ser extinta. Esses gênios vão destruir toda forma de vida.

O novo só pode ser aceito se os cientistas entenderem que o mundo não consiste apenas em objetos mortos; ele consiste também em seres vivos – e não só seres vivos, mas seres que têm consciência também. E existe uma possibilidade de fazer com que essa consciência se eleve e chegue a grandes alturas. Alguém como Buda Gautama e Zaratustra são como os picos do Everest, as montanhas do Himalaia. Eles mostram, eles indicam o potencial de todo ser humano; basta um pequeno esforço para que você também possa chegar a essas alturas. Você também pode alcançar picos banhados pela luz do sol; você não precisa viver apenas em cavernas escuras, nos vales de lágrimas.

A noite escura não precisa durar para sempre. Existe uma possibilidade de se sair da noite escura e encontrar uma bela manhã, com pássaros cantando e flores se abrindo.

Os cientistas precisam de um grande incentivo para praticar meditação. Só assim eles serão capazes de ver o que estão fazendo contra o futuro da humanidade. Estão destruindo toda a esperança... ao passo que, com a mesma inteligência, eles poderiam ter criado um paraíso na Terra, para que seus filhos e os filhos dos seus filhos pudessem viver num mundo melhor, com mais saúde, mais amor e mais consciência.

A ciência precisa se tornar religiosa, tem que se tornar espiritual. Ela não tem que despender toda a sua energia no mundo exterior, mas tem que penetrar nos tesouros do nosso ser interior. Ela tem um grande potencial, mas esse potencial ainda não foi usado. Assim como ela conseguiu desvendar o próprio segredo da matéria, também é capaz de desvendar o próprio segredo da consciência. Então ela será uma grande bênção, uma graça divina.

No que se refere à nova humanidade, eu vejo a ciência como algo que tem duas dimensões: uma, a dimensão inferior, lida com objetos; a outra, superior, lida com a consciência. E a dimensão inferior tem que servir a dimensão superior. Aí não haverá mais necessidade de nenhuma religião; a ciência preencherá todas as necessidades do homem.

Mas no momento a ciência não transforma nada. Ela não pode. A menos que aborde a consciência e procure desenvolver mais consciência no ser humano – como tornar sua inconsciência consciente, como transformar suas trevas em luz –, ela não será de muita serventia. Pelo contrário, ela provará ser um dos maiores perigos.

Foi Albert Einstein que escreveu uma carta para o presidente Roosevelt, dos Estados Unidos, antes da segunda guerra mundial, dizendo: “Eu posso criar energia atômica e bombas atômicas, e, se não tiver bombas atômicas, posso garantir que é impossível ganhar da Alemanha na guerra”. Einstein era um judeu alemão. Ele estava trabalhando na Alemanha, fazendo pesquisas para o governo alemão, que estava sob o comando de Adolf Hitler, para criar uma bomba atômica. Só uma ideia... se ele não fosse judeu, toda a história mundial seria totalmente diferente. Se a Alemanha tivesse sido capaz de produzir bombas atômicas, então não haveria maior poderio do que o deles – nem os Estados Unidos nem a União Soviética nem a Inglaterra conseguiriam vencer Adolf Hitler. Ele teria conquistado o mundo.

Mas, como Albert Einstein era judeu... ele era tão importante que não foi incomodado por Adolf Hitler e seus comparsas, mas ele estava vendo que milhões de judeus estavam sendo exterminados nas câmaras de gás do governo nazista. Ele não seria morto, pois era necessário demais e não havia ninguém para substituí-lo, mas ele começou a temer que, se Adolf Hitler ganhasse a guerra, então não restaria um único judeu vivo sobre a Terra. Ele não temia pela sua própria vida; ele estava a salvo, pois Adolf Hitler precisava dele.

Einstein fugiu da Alemanha, deixando o experimento incompleto. Os cientistas alemães fizeram tudo o que puderam, mas não havia outro

Albert Einstein para concluir o experimento. E Einstein escreveu uma carta para o inimigo da Alemanha, os Estados Unidos, dizendo “Fugi da Alemanha e estou pronto para fazer bombas atômicas para os Estados Unidos. Sem bombas atômicas, vocês não podem derrotar a Alemanha. E há também o perigo de que alguém possa concluir o experimento que eu deixei incompleto, pois havia muitos cientistas trabalhando comigo”. Roosevelt imediatamente lhe fez um convite e lhe concedeu todas as facilidades possíveis.

Truman era o presidente na época em que as bombas atômicas foram produzidas por Albert Einstein e este disse ao presidente: “Agora não há mais necessidade de usá-las, pois a Alemanha cometeu um erro histórico”.

Esse erro histórico foi cometido muitas vezes. Qualquer um que queira lutar contra a Rússia e cometa esse erro histórico está condenado, pois durante nove meses todo o país fica coberto de neve. A Rússia é tão grande – ela cobre dois continentes, da extremidade da Europa à extremidade da Ásia. E só há três meses em que o tempo está bom para lutar. E a Rússia sempre teve um exército grande o suficiente para combater o inimigo durante três meses e depois esperar pelo inverno. O inverno dura nove meses. Nesse período a Rússia não precisa lutar; esse inverno acaba com os inimigos por si só! Ninguém pode sobreviver ao inverno russo, exceto os russos – é necessário o treinamento de uma vida inteira. Napoleão perdeu, na primeira grande guerra. A Alemanha perdeu, porque Adolf Hitler mais uma vez cometeu o mesmo erro.

Mas dessa vez Truman nem se deu ao trabalho de responder à carta de Albert Einstein. A primeira carta foi recebida com muita alegria e ele teve uma acolhida calorosa e recebeu todos os recursos necessários, mas agora as bombas já estavam nas mãos dos políticos. Quem ligava para Albert Einstein? E ele estava dizendo simplesmente, “Agora não é mais preciso. A Alemanha está acabada, e dentro de duas semanas no máximo o Japão também estará, pois o Japão não se aguenta sozinho. Não há por que usar as bombas”.

Mas Truman tinha pressa em usar a bomba atômica, porque a Alemanha tinha se rendido e o Japão não tardaria a se render também. E não haveria mais oportunidade para mostrar para o mundo inteiro o grande poderio que tinham os Estados Unidos.

Nagasaki e Hiroshima foram destruídas desnecessariamente. O Japão já estava pronto para se render. Estava se preparando para a rendição; negociações estavam em curso entre os generais. Mas Truman ordenou, “Antes da rendição, pelo menos temos que mostrar quanto poder nós temos. Depois que a guerra acabar não teremos mais oportunidade”. Duzentas mil pessoas, em duas grandes cidades, morreram em dez minutos – e não só pessoas, mas árvores, animais, pássaros, tudo o que tinha vida de repente pereceu.

Einstein ficou tão chocado que, antes de morrer, quando alguém lhe perguntou, “Se o senhor nascesse de novo, gostaria de ser físico novamente?”, ele respondeu, “Nunca! Se eu nascer outra vez, prefiro ser encanador a ser físico. Agora chega. Eu sei o quanto trabalhei, dia após dia, para criar as armas atômicas. Elas eram para uma emergência, mas depois que foram criadas, não tive mais poder nenhum sobre elas. Eu as criei, mas depois de criadas, os políticos é quem davam as cartas. E a minha carta nem sequer foi respondida! Vou morrer como o homem mais frustrado da face da terra!”

Ele foi um dos homens mais bem-sucedidos que já existiu, talvez o maior cientista que já se conheceu, mas seus sentimentos eram muito mais verdadeiros. Ele era um homem de consciência; morreu quase como se fosse um leão ferido, totalmente frustrado com os políticos e com sua vilania, suas mentes assassinas e criminosas.

Até hoje, a ciência certamente não causou muita transformação, no que diz respeito à consciência humana, mas ela tem potencial – só é preciso um grande despertar.

O cientista tem que perceber a sua responsabilidade. Ele já se tornou quase um deus; pode criar ou pode destruir. É preciso lembrá-lo de que ele não é mais o cientista antigo dos tempos de Galileu, só trabalhando

em sua própria casa, com alguns tubos e frascos, misturando substâncias químicas e fazendo experimentos. Esse tempo já se foi. Agora ele tem poder para destruir toda a vida deste planeta ou para criar uma vida tão bela e feliz que o ser humano imaginava que só existisse no céu; pode ser possível aqui. Alguns grupos pequenos de cientistas começaram a trabalhar nisso. Ninguém acredita neles.

Por exemplo, o Japão criou uma ilha artificial – porque o Japão tem um território tão pequeno que é quase impossível expandir o seu parque industrial. O Japão se tornou um dos países mais ricos do mundo, e precisa cada vez mais de terras. O costume antigamente era conquistar países vizinhos, mas isso não é mais possível. O medo de uma terceira guerra mundial é generalizado. Por isso o Japão criou uma ilha artificial com a intenção de usá-la para o desenvolvimento industrial. Depois que ela se tornar um sucesso, serão criadas muitas outras ilhas artificiais, e o Japão estará criando mais Terra do que Deus criou em seis dias!

Existem possibilidades incríveis para a ciência. Depois que ela deixar de servir à morte, pode criar cidades flutuantes no oceano. O Japão também tentou fazer cidades subterrâneas, por que não há sentido em continuar com o antigo conceito de que temos que viver na superfície. Podemos viver embaixo da terra; é mais tranquilo ali, e podemos conseguir o tipo certo de luz, o tipo certo de oxigênio, porque tudo está nas mãos dos cientistas. Assim como as cidades subterrâneas são possíveis, as cidades flutuantes no mar também são; cidades oceânicas submersas são possíveis, cidades aéreas são possíveis...

Depois que a ciência mudar a sua atitude e parar de apoiar os políticos na guerra, tanta energia será liberada que os cientistas vão fazer todo tipo de coisas que podem parecer impossíveis para você, mas não parecem impossíveis para mim.

A ciência tem grandes oportunidades, mas ainda não fomos capazes de usar essas possibilidades. E todos os cientistas estão a serviço dos políticos, dos governos – isso significa que estão a serviço da morte e da guerra. Uma grande revolução é necessária.

Assim como os cientistas se revoltaram uma vez contra a religião, brigaram contra a religião, agora eles têm que brigar contra a política, contra o nacionalismo. A responsabilidade deles é grande. Eles são as pessoas mais importantes para a sobrevivência da humanidade.

Você acha que os experimentos sobre a vida humana, como a inseminação artificial e os transplantes de coração e de cérebro, são um avanço ou uma ação contra a natureza?

Tudo depende de quem vai fazê-los. Se forem os políticos, ou as chamadas religiões, então são contra a natureza. Eles não podem fazer nada natural, eles são contra a natureza. Mas, se esses experimentos estão sendo feitos por uma academia internacional de cientistas – digo uma academia *internacional* de cientistas –, podem ser um passo importantíssimo em direção ao progresso e não serão contra a natureza. Serão a evolução da natureza.

Mas tudo depende de quem os está fazendo. Os experimentos por si são neutros. Nenhum experimento tem interesses escusos, eles são neutros. Você pode usar veneno para matar, mas o mesmo veneno pode ser usado pelos médicos para salvar vidas. Tudo depende da pessoa que faz os experimentos.

Por exemplo, a descoberta da energia atômica foi um passo imenso em direção ao progresso, um salto quântico. Tínhamos descoberto a chave para transformar a Terra num paraíso – tanta energia num átomo tão pequeno. E eles estão em todas as coisas... numa única gota de orvalho há milhões de átomos. Qualquer átomo, ao explodir, libera tanta energia que seria possível manter toda a humanidade vivendo no luxo. Ou também é possível criar Hiroshima e Nagasaki – milhares de pessoas mortas em segundos.

Mas o progresso científico caiu nas mãos dos políticos, porque só eles podem arcar com os custos que tornam essas descobertas possíveis. Os cientistas do mundo todo deviam pensar muito bem sobre isso: sua genialidade está sendo usada por idiotas! Os cientistas deviam se desligar

de qualquer nação, seja qual for o país em que vivam. Deveriam criar uma academia internacional de ciências. E não é difícil. Se todos os cientistas do mundo se unirem, eles conseguirão o respaldo financeiro de que precisam, e essas descobertas podem ajudar o homem tremendamente.

A academia internacional de cientistas pode receber todo tipo de apoio. Mas eles devem ser o fator decisivo quanto ao que vai acontecer por meio dos seus experimentos. E é hora de os cientistas começarem a reconhecer sua grande responsabilidade. Se a terceira guerra mundial acontecer, então os cientistas serão os maiores criminosos, pois eles proporcionaram todo tipo de invenção aos políticos.

A ciência não pode ser um monopólio de nenhuma nação, de nenhum país. Toda a ideia é idiota. Como a ciência pode ser monopolizada? E todos os países estão tentando monopolizar os cientistas, manter em segredo suas invenções. Isso vai contra a humanidade, contra a natureza, contra a vida. O que quer que um gênio descubra, tem que estar a serviço do todo.

Você está perguntando se descobertas como os transplantes de coração e de cérebro humanos são passos em direção ao progresso. Eles são importantíssimos para fazer uma nova humanidade surgir na Terra. Se o corpo de Einstein não fosse mais capaz de viver, você acha que não seria bom se pudéssemos transplantá-lo para o corpo de um homem jovem e saudável? Desse modo os corpos mudariam, mas a genialidade de Einstein continuaria crescendo ao longo de séculos. E, se um homem que vive setenta anos pode fazer tantas contribuições à humanidade, imagine se o cérebro continuar vivo por séculos. Quantos benefícios ele faria para a humanidade, para todo o universo!

Mas, do jeito como as coisas estão agora, acontece um verdadeiro desperdício: o receptáculo está apodrecendo e você joga fora também o conteúdo. O corpo é só o receptáculo. Se o receptáculo está ficando sujo, velho, inútil, troque-o, mas não jogue fora o conteúdo. A mente genial

pode viver pela eternidade em diferentes corpos; isso não é contra a natureza.

Se o seu coração começar a falhar, e se você tiver um imenso valor para a humanidade... qual é o receio de fazer um transplante de coração? Alguém pode estar morrendo de câncer, mas ter um coração perfeitamente saudável; esse coração pode ser transplantado em uma pessoa que tenha talento, que seja genial e saudável, mas tenha o coração fraco. É simples; não é nada contra a natureza.

Mas com os políticos e o poder na mão deles, é claro que todo avanço foi contra a natureza. Tudo o que o gênio humano descobriu, inventou, acabou a serviço da morte. O mesmo se aplica aos sacerdotes. Agora a ciência não é mais uma criança, que precisa depender dos outros. A ciência agora cresceu, é um adulto. Só é preciso um pouco de coragem.

Será uma grande revolução na história do homem. Todo o poder estará nas mãos dos cientistas, que nunca fizeram nenhum mal a ninguém. E depois que todo o poder estiver nas mãos deles, os políticos desaparecerão naturalmente. Eles até hoje exploraram os cientistas em interesse próprio, e ser explorado por outra pessoa não é um ato de dignidade.

Os cientistas devem reconhecer sua dignidade, devem reconhecer sua individualidade. Devem reconhecer que são explorados há séculos pelos sacerdotes e pelos políticos. Agora é hora de declarar que a ciência vai se sustentar sobre os próprios pés. Essa será uma grande liberdade.

Então todos esses experimentos, como os bebês de laboratório, serão de um calibre diferente, pois será possível criar o tipo de gênio que queremos. Até hoje foi só accidental, e por causa disso, noventa e nove por cento das pessoas não têm nada com que contribuir. Elas só contribuem para o mundo com problemas. Com o que os países pobres contribuem para o mundo – ou mesmo os países ricos? Com nada, exceto com problemas, guerras; não contribuem com mais nada.

Mas se for possível fazer uma criança nascer num laboratório científico... É possível, não há problema nenhum nisso. O sêmen do

homem e o óvulo da mulher podem se encontrar dentro de uma proveta. Não é preciso fazer como se faz com o gado. Você pode olhar e ver como aquela criança vai ser. Se quiser mais poetas, podemos criar mais poetas. Se quisermos mais músicos, podemos criar mais músicos. E podemos criar apenas gênios; não há necessidade nenhuma de pessoas medíocres – elas já tiveram a sua vez.

Podemos dar à criança uma vida saudável e longa. Podemos garantir que ela nunca fique doente nem envelheça. É só uma questão de encontrar o óvulo certo e a contribuição masculina certa para aquele óvulo. O que se tem feito até agora não é nada inteligente.

E essa também será uma pessoa livre de culpa, de possessividade, de ciúme, porque não estaremos mais concebendo filhos. O sexo, pela primeira vez, será simples diversão! As crianças serão fecundadas e concebidas em laboratório. Elas pertencerão a todos. E porque não se vai produzir crianças do modo antigo, então muitos problemas da vida serão simplesmente resolvidos.

Por que o homem é tão insistente?... Ao longo das eras a insistência não desapareceu: ele quer ter certeza de que a criança que nasceu do útero da sua mulher é sua. Por quê? Quem é você, afinal? É uma questão de propriedade, pois o seu filho se tornará o herdeiro de tudo o que você acumulou. Você quer ter certeza de que se trata do seu filho, não do filho do seu vizinho. As mulheres têm sido mantidas quase aprisionadas, pelo medo de que, se elas começarem a se misturar com outras pessoas, será difícil saber de quem é o filho delas. Só a mulher saberá, ou nem ela mesma.

Depois que a produção da vida for para as mãos da ciência, o sexo se transformará. Você não terá mais ciúme, não será monopolizador, e a monogamia será um absurdo. O sexo será só divertido, como jogar tênis. E você não se importará se os seus parceiros não forem monogâmicos – serão só dois corpos se divertindo... E não haverá o medo de que a esposa possa ficar grávida e surjam problemas, financeiros ou de outra ordem.

O sexo não será mais um problema para a população mundial; não será mais um problema para os sacerdotes. Na verdade, se as crianças forem produzidas em laboratório, muitos dos problemas deste mundo se dissolverão no ar. E podemos criar pessoas melhores: bonitas, saudáveis, capazes de viver o quanto quiserem. A velhice não será necessária – a pessoa poderá permanecer jovem, saudável, sem doenças.

Todos esses hospitais e tantas pessoas doentes! Tanto dinheiro gasto... Você sabia que os Estados Unidos gastam mais dinheiro em laxantes do que com educação? Grande ideia! Quem liga para a educação? A chave são os laxantes!

Mas é preciso se lembrar do básico. Os cientistas precisam ter coragem suficiente e declarar que não pertencem a nenhuma nação, a nenhuma religião, que seja o que for que estejam fazendo será pelo bem de toda a humanidade. E eu não vejo nada de impossível nisso.

Sou absolutamente a favor dessas invenções progressistas que podem tornar o ser humano mais feliz, podem fazer com que ele viva mais, seja mais jovem, saudável, e possa ter uma vida mais feliz, divertida e sem tanto sofrimento, do berço à sepultura.

Ouvi você falar de cientistas escolhendo as pessoas do futuro a partir de uma análise genética dos espermatozoides. Eu não acredito nos cientistas, nos médicos e nem em ninguém cujo conhecimento não vá além da própria cabeça. Eu intuitivamente sinto que a genética desempenha apenas um papel pequeno na determinação do que a pessoa se torna. Um jardineiro pode muito bem se tornar um músico; um soldado pode ter potencial para se tornar um cientista. Com certeza o que o ser humano é não é medida para o que ele pode se tornar em circunstâncias diferentes.

Por favor, fale mais sobre a sanidade que há por trás da sua sugestão – que eu não consigo ver devido ao meu medo dos regimes totalitários.

Eu posso entender a sua preocupação. É a minha também. Mas há muita coisa para se entender. Em primeiro lugar, nunca aja com base no medo.

Se o ser humano agisse com base no medo, nenhum progresso teria sido possível.

Por exemplo, as pessoas que inventaram a bicicleta... você já pensou nas bicicletas como um perigo? É simplesmente inconcebível que as bicicletas possam ser perigosas. Mas os irmãos Wright fizeram a primeira máquina voadora com peças de bicicleta. O mundo todo comemorou – ninguém previa que os aeroplanos seriam usados para destruir cidades, milhões de pessoas, na segunda guerra mundial.

Mas os mesmos aeroplanos também transportam milhões de pessoas ao redor do mundo. Eles tornaram o mundo pequeno, fizeram com que fosse possível chamar o mundo de aldeia global. Construíram pontes entre as pessoas, uniram pessoas de diferentes raças, religiões, línguas, de um modo que nenhuma outra invenção foi capaz de fazer antes. Por isso a primeira coisa a lembrar é que agir com base no medo não é a coisa certa a fazer.

Aja com cautela, com consciência, lembrando-se das possibilidades e perigos, e criando a atmosfera para evitar esses perigos. Ora, o que pode ser mais perigoso do que armas nucleares nas mãos de políticos? Você pôs o que há de mais perigoso nas mãos deles.

Na verdade, não há nada a temer; até armas nucleares podem ser usadas com criatividade. E eu tenho uma confiança profunda na vida, que um dia elas serão usadas de maneira criativa. A própria vida não vai permitir ser destruída de maneira tão fácil, ela vai oferecer uma tremenda resistência. Nessa resistência está oculto o nascimento de um novo homem, de uma nova aurora, de uma nova ordem, de toda a vida e existência.

No meu modo de ver, armas nucleares tornam uma grande guerra impossível. Buda Gautama não conseguiu, Jesus Cristo não conseguiu. Todos os santos do mundo falaram sobre a não violência, sobre a paz; não tiveram sucesso. Mas as armas nucleares fizeram seu trabalho. Vendo que o perigo é imenso, todos os políticos lá no fundo estão tremendo, pois, se a terceira guerra começar, toda a vida será destruída – e eles também.

Eles não podem salvar a si mesmos. Nada pode ser salvo. Essa é uma grande chance para todos aqueles que amam a criação. Esse é o momento em que podemos mudar a direção da ciência rumo à criatividade.

Lembre-se de uma coisa – a ciência é neutra. Ela simplesmente dá poder a você. Ora, como usá-lo depende de você, depende de toda a humanidade e de sua inteligência. A ciência nos dá mais poder para criarmos uma vida melhor, para criarmos uma vida mais confortável, para criarmos seres humanos mais saudáveis – em vez de evitar tudo isso... com medo de que algum poder totalitário possa usá-lo de maneira errada.

Tudo pode ser usado de maneira errada. E a própria pessoa que fez a pergunta é um médico; ele próprio pertence à categoria dos cientistas. Ele deveria entender uma coisa, que tudo que pode prejudicar também pode representar um imenso benefício. Não condene nada, só eleve a consciência dos seres humanos.

COMUNAL E INDIVIDUAL – NOVAS MANEIRAS DE VIVERMOS JUNTOS



Em toda a existência, só o ser humano precisa de regras. Nenhum outro animal precisa.

A primeira coisa que é preciso entender é que existe algo de artificial nas regras. O ser humano precisa delas porque deixou de ser um animal, e, no entanto, não se tornou humano; ele está num limbo. Essa é a fonte da necessidade de todas as regras. Se ele fosse um animal, não haveria necessidade. Os animais vivem perfeitamente bem sem regras, constituições, leis, tribunais. Se o ser humano fosse realmente humano, não só no nome, mas na realidade...

Muito poucas pessoas perceberam isso até agora. Por exemplo, para homens como Sócrates, Zaratustra, Bodhidharma, não há necessidade de regras. Eles estão suficientemente alertas para não prejudicar ninguém. Não há necessidade de leis, de nenhuma constituição. Se toda a sociedade evoluir até ser autenticamente humana, haverá amor, mas não haverá leis.

O problema é que o ser humano precisa de regras, leis, governos, tribunais, exércitos, força policial, pois ele perdeu seu comportamento natural de ser um animal e ainda não adquiriu outro status natural. Ele está num estágio intermediário. Não está em lugar nenhum, está um caos. Para controlar esse caos, todas essas coisas, como leis e regras, são necessárias.

O problema se torna mais complexo, pois as forças que estão empenhadas em controlar o ser humano – as religiões, os governos, os tribunais –, se tornaram poderosas demais. Era preciso dar poder a elas;

do contrário, como poderiam exercer controle? Por isso nós caímos na escravidão por conta própria. Agora que elas se tornaram poderosas, não querem abrir mãos dos poderes de que foram investidas. Não querem que o ser humano evolua.

Quando se pergunta como o indivíduo e a sociedade podem evoluir, você não entende o problema. Se o indivíduo evoluir, a sociedade acaba. A sociedade só existe porque *não deixam* o indivíduo evoluir. Todos esses poderes controlam há séculos o ser humano, e apreciam o seu poder e seu prestígio. Não estão prontos para deixar que o ser humano evolua, deixar que o ser humano se desenvolva a ponto de eles se tornarem inúteis.

O problema é que as forças que nós criamos para evitar que o ser humano se tornasse um caos são agora tão poderosas que não querem que ele seja livre para crescer – porque, se você conseguir crescer, tornar-se um indivíduo, alerta, perceptivo e consciente, não haverá mais necessidade de todas essas pessoas. Elas perderão o emprego e, com o emprego, perderão o prestígio, o poder, a liderança, o sacerdócio, o papado; tudo irá para o brejo. Então agora, aqueles que no início eram necessários à proteção tornaram-se os inimigos da humanidade.

Minha abordagem é não brigar contra essas pessoas – elas são poderosas, têm exércitos, têm dinheiro, têm tudo. Você não pode brigar com elas, pois será destruído. O único jeito de acabar com essa bagunça é começar silenciosamente a expandir a sua própria consciência, algo que eles não podem impedir à força. Na realidade, eles não são capazes nem de perceber o que se passa dentro de você.

Eu lhe ofereço a alquimia da transformação interior. Mude o seu ser interior. E no momento em que você mudar, estiver completamente transformado, de repente passará a ver que se livrou da prisão, não é mais um escravo. Você era um escravo por causa do estado caótico em que se encontrava.

Aconteceu na Revolução Russa... No dia em que aconteceu a Revolução, uma mulher começou a caminhar por Moscou no meio da

rua. O policial disse, “Não pode fazer isso. Não pode andar no meio da rua!”

Ela respondeu, “Agora somos livres”. Mas, mesmo se formos livres, teremos que respeitar as regras de trânsito; do contrário o tráfego ficará impossível. Se os carros e as pessoas começarem a andar por aí como querem, virando em qualquer lugar, sem dar atenção aos faróis, as pessoas simplesmente causarão acidentes e morrerão. Isso mobilizará o exército, para reforçar a lei de que você tem que andar à direita ou à esquerda, dependendo do país – mas ninguém pode andar no meio da rua. Então, com uma arma apontada para você, você precisa seguir as regras. Eu sempre me lembro dessa mulher; ela é muito simbólica.

Liberdade não significa caos. Liberdade significa mais responsabilidade, tanta responsabilidade que ninguém mais precisa interferir na sua vida. Podem deixar você em paz, o governo não precisa interferir, a polícia não precisa interferir, a lei não precisa interferir – você está simplesmente fora do mundo deles.

Essa é a minha abordagem, se você realmente quer transformar a humanidade: cada indivíduo precisa começar a crescer por si mesmo. E, na realidade, esse crescimento não requer um grande número de pessoas. Ele é como uma criança crescendo no útero da mãe: não é preciso uma multidão; a mãe só precisa ser cuidadosa.

Um novo ser tem que crescer em você. Você precisa se tornar o útero de um novo homem. Ninguém precisa saber disso e é melhor mesmo que ninguém saiba. Você simplesmente continua fazendo o que sempre fez, vivendo no mundo normal, sempre simples e comum – não precisa virar revolucionário, reacionário, punk, *skinhead*. Isso não vai adiantar. É pura estupidez. É resultado de uma frustração. Eu compreendo, mas ainda assim é insano. A sociedade é insana e, por frustração, você se torna insano.

A sociedade não tem medo dessas pessoas; a sociedade só tem medo de pessoas que podem se tornar tão centradas, tão conscientes que as leis

se tornem inúteis para elas. Elas fazem tudo certo; estão a salvo das garras dos chamados interesses poderosos.

Se os indivíduos crescerem, a sociedade diminuirá. Da maneira como conhecemos a sociedade – com governo, exército, tribunais, polícia, prisões –, essa sociedade diminuirá.

Certamente, pelo fato de existirem tantos seres humanos, novas formas de coletividade surgirão. Eu não gosto de chamá-las de “sociedade”, só para evitar a confusão entre as palavras. Eu chamo essa nova coletividade de comuna. A palavra é carregada de significado: ela significa um lugar onde as pessoas não apenas vivem juntas como estão em profunda comunhão.

Viver junto é uma coisa; estamos vivendo juntos atualmente, em todas as cidades, em todos os municípios, milhares de pessoas estão vivendo juntas – mas que ajuntamento é esse? As pessoas nem conhecem os vizinhos! Elas vivem no mesmo prédio, centenas de pessoas, e nunca chegam a conhecer quem mora na porta ao lado. Isso não é viver junto, pois não existe comunhão. É simplesmente uma multidão, não uma comunidade. Por isso eu gostaria de substituir a palavra “sociedade” pela palavra “comuna”.

A sociedade existe com base em alguns princípios fundamentais. Você precisa eliminá-los, do contrário a sociedade não deixará de existir. A primeira e mais importante unidade da sociedade é a família: se a família continuar existindo do jeito que é, então a sociedade não poderá desaparecer. Então a igreja não pode desaparecer, a religião não pode desaparecer. Não poderemos criar um novo mundo, uma nova humanidade.

A família está ultrapassada, do ponto de vista psicológico. Nem sempre ela existiu; houve um tempo em que não havia família, as pessoas viviam em tribos. Ela passou a existir por causa da propriedade privada. Havia pessoas poderosas que conseguiam adquirir mais propriedades do que as outras, e queriam que os filhos as herdassem. Até essa altura não havia nenhum problema. Homens e mulheres ficavam juntos por amor;

não existia casamento ou família. Mas depois que a propriedade privada passou a existir, o homem se tornou muito possessivo com relação à mulher. Ele fez com que ela também se tornasse uma propriedade.

Nas línguas indianas, a mulher é chamada “propriedade”. Na China, a mulher de tal modo se tornou uma propriedade que o marido pode matar a esposa sem ser julgado por isso. Nenhum crime foi cometido – você é absolutamente livre para destruir sua própria propriedade. Você pode queimar a mobília, pode botar fogo na casa. Não é crime, a casa é sua. Você pode matar sua esposa.

Com a propriedade privada, a mulher também se tornou uma propriedade e foram usadas todas as estratégias para que o homem tivesse certeza absoluta de que o filho nascido da sua mulher era realmente seu. Ora, esse é um problema difícil: o pai nunca tinha certeza absoluta; só a mulher sabia. Mas o pai criou todo tipo de barreiras para a liberdade de movimento da mulher, de modo que ela não pudesse entrar em contato com outros homens. Todas as possibilidades e todas as portas eram fechadas.

Não é uma coincidência que só as mulheres mais velhas vão à igreja ou aos templos, porque esses são os únicos lugares em que elas tinham a permissão de ir ao longo da história, sabendo perfeitamente bem que a igreja protege a família. A igreja sabe muito bem que, depois que não houver mais família, não haverá mais igreja. E a igreja, é claro, é o último lugar em que pode acontecer um caso amoroso. Eles tomaram todas as precauções: o padre tem que praticar o celibato... São garantias – o padre é celibatário, é contra o sexo, contra a mulher. Isso é expresso de diferentes maneiras dependendo da religião.

O monge jaina não pode tocar uma mulher; na verdade, a mulher não pode chegar a menos de dois metros de um monge jaina. O monge budista não tem permissão para tocar uma mulher. Existem religiões que não permitem que as mulheres entrem em seus templos religiosos, ou que têm lugares reservados para elas – o homem fica na parte principal, e

a mulher tem que ficar num cantinho, separada dele. Os homens não podem sequer ver as mulheres; o encontro é impossível.

Muitas religiões, como o islamismo, cobrem o rosto das mulheres. O rosto das mulheres muçulmanas fica pálido, porque nunca recebe a luz do sol. Todo o corpo delas é coberto; o rosto é coberto. A mulher não recebe instrução, porque a educação faz com que as pessoas comecem a ter pensamentos estranhos. As pessoas começam a pensar, começam a questionar. A mulher não tem permissão para ter uma carreira profissional, porque isso significa independência. Por isso ela é podada de todos os ângulos, de modo que o homem possa ter certeza de que o filho é realmente dele. Aqueles que se tornaram realmente poderosos – os reis, por exemplo – tinham servos do sexo masculino castrados, porque eles circulavam pelo palácio, trabalhando e servindo. Eles tinham que ser castrados; do contrário, representavam um perigo.

E *havia* de fato esse perigo, pois todo imperador tinha centenas de esposas, muitas das quais ele nunca visitava. Naturalmente elas podiam se apaixonar por outra pessoa. Assim, só os homens castrados tinham permissão para entrar no palácio. Desse modo, mesmo que se apaixonassem, não podiam gerar filhos. Essa era a maior preocupação.

A família precisa deixar de existir e dar lugar à comuna. Uma comuna significa que concentramos todas as nossas energias, todo o nosso dinheiro, tudo o que temos num único lugar – e cuidaremos de todas as pessoas. As crianças pertencerão à comuna, por isso não haverá essa questão de herança particular.

E isso é tão econômico... Tenho visto isso em minha comuna nos Estados Unidos: cinco mil pessoas vivem lá; isso significa que 2500 cozinhas seriam necessárias se elas vivessem separadamente e que 2500 mulheres desperdiçariam a vida na cozinha.

Ali só há uma cozinha para cinco mil pessoas, e só quinze pessoas trabalham nela. E, lembre-se, nem toda mulher é boa cozinheira! Na verdade, quem cozinha melhor são os homens. Todos os melhores livros de culinária foram escritos por homens; e em todos os grandes hotéis os

melhores cozinheiros são homens. Duas mil e quinhentas pessoas não têm condições de contratar os melhores cozinheiros separadamente, mas uma comuna de cinco mil pessoas pode contratar os melhores cozinheiros, ter a melhor comida. Pode contratar médicos para supervisionar se elas estão comendo porcária ou alimentos de qualidade – a maioria das pessoas está comendo porcária. O correto é que a alimentação seja prescrita por um médico. Na minha comuna, quinze pessoas preparam a comida, os médicos verificam a higiene, a limpeza e o valor nutricional dos alimentos. É a nutrição que deve ser valorizada. O aroma da comida tem menos importância; isso é algo que se pode acrescentar a qualquer tipo de comida, o aroma apetitoso. Você não precisa comer porcária só por causa do aroma – se você comer porcária, mais cedo ou mais tarde vai se tornar uma porcária também. Existe tanta porcária andando por aí! Se você olhar dentro da cabeça delas, só encontrará sorvete e nada mais... espaguete!

Você precisa de uma alimentação proporcional e balanceada para que todas as suas necessidades sejam preenchidas. Uma comida que ajude sua consciência a crescer, que torne você mais amoroso, mais pacífico; uma comida que acabe com a sua raiva, com o seu ódio. A comida muda a sua química e todas essas coisas – raiva, ódio, amor, compaixão – estão conectadas com essa química. Deveria haver um químico para verificar que tipo de comida está sendo dado às pessoas.

Se você concentrar todas as suas energias, todo o seu dinheiro e todos os seus recursos, toda a comuna pode ser rica e toda a comuna pode apreciar a vida.

Depois que os indivíduos se desenvolverem e surgirem comunas em todos os lugares, a sociedade desaparecerá, e com ela todos os males que criou.

Vou lhe dar um exemplo. Só na China um passo extremamente revolucionário foi dado dois mil anos atrás. Os médicos só eram pagos enquanto o paciente permanecia saudável. Se ele ficasse doente, o médico deixava de ser pago. Isso parece muito estranho. Pagamos o médico

quando ficamos doentes, e ele faz com que fiquemos saudáveis novamente. Mas isso é perigoso, porque faz com que o médico fique dependente da doença. A doença se torna seu interesse; quanto mais pessoas ficarem doentes, mais ele ganha. Seu interesse não é mais a saúde, mas a doença. Se todo mundo ficar saudável, o médico será o único que ficará doente!

Eles tiveram uma ideia revolucionária, prática: toda pessoa deveria ter seu médico e, enquanto ela permanecesse saudável, teria que pagar o médico todo mês. É dever do médico mantê-lo saudável – e ele naturalmente fará isso, porque está sendo pago. Se a pessoa ficar doente, o médico perde dinheiro. Quando há uma epidemia, o médico vai à bancarrota.

Atualmente acontece o contrário.

O médico – eu ouvi esta história – procurou o Mulá Nasruddin e disse, “Você não pagou e eu já estive aqui várias vezes para lembrá-lo de que eu curei o seu filho da varíola e você não me ouviu”.

O Mulá respondeu, “É melhor que você me ouça, do contrário vou levá-lo aos tribunais!”

“Isso é muito estranho”, disse o médico. “Eu cuidei do seu filho”.

“Cuidou, isso eu sei... mas quem espalhou a epidemia pela cidade inteira? O seu filho – e todo o dinheiro que você ganhou com a epidemia tem que dividir comigo”.

Nasruddin estava certo. O filho do médico fez um belo trabalho e, depois daquele dia, o médico nunca mais voltou para cobrar pelo tratamento do filho do Mulá Nasruddin. O argumento dele estava correto. O médico já tinha ganhado muito com a epidemia.

Mas esse é um sistema muito errado. A comuna deve pagar o médico para manter a saúde dela e, se alguém ficar doente, o salário do médico é cortado. Desse modo, o lucro do médico passa a vir da saúde – não da doença. E você pode ver a diferença. No Ocidente, a atividade comercial dos médicos chama-se “medicina”, que está relacionada à doença. No

Oriente, ela se chama “ayurveda”, que significa ciência da vida, não da doença.

A atividade básica do médico deve consistir em que as pessoas vivam por mais tempo, vivam saudáveis, íntegras, e ele deve ser pago por isso. Portanto cada comuna tem recursos para manter um médico, um encanador, um engenheiro – tudo o que for necessário. A responsabilidade de cuidar de tudo isso é da comuna.

As pessoas que servem à comuna devem fazer rodízio, para que ninguém passe a ter poder novamente. O comitê da comuna deve ser rotativo; todo ano novas pessoas entram e as antigas saem, para que ninguém fique viciado no poder. O poder é a pior droga; ela deve ser oferecida, mas em pequenas doses e não por muito tempo. Deixe o indivíduo crescer e a comuna crescer – e esqueça tudo sobre a sociedade; não brigue com ela. Nem diga, “Estamos criando uma sociedade alternativa”.

Não temos nada a ver com uma sociedade; deixe a sociedade continuar como é. Se ela quiser sobreviver terá que mudar seus moldes, sua forma, sua estrutura, e terá que se tornar uma comuna. Se quiser morrer, deixe que morra. Não há nenhum mal nisso. O mundo está superpovoado; precisa apenas de um quarto da sua população. Por isso as mentes podres do passado, que não conseguem conceber nada de novo, que estão absolutamente cegas e não podem ver que o que estão fazendo é prejudicial e venenoso... se decidirem morrer, então deixem que morram em silêncio. Não as perturbe.

Eu não ensino você a ser um rebelde ou revolucionário. Eu quero que você seja muito silencioso, quase um transformador clandestino. Porque todas as revoluções falharam... agora o único jeito é fazer tudo de maneira silenciosa e pacífica.

Existem coisas que só acontecem em silêncio. Por exemplo, se você adora plantas, não deve arrancar a roseira do solo todos os dias para ver se as raízes cresceram; do contrário vai matá-la. Essas raízes precisam

continuar ocultas no solo. Silenciosamente, elas vão fazendo o seu trabalho.

Faça como as raízes: silenciosamente vá fazendo o seu trabalho, mudando a si mesmo, mudando todos os que estiverem interessados; disseminando métodos capazes de mudar as pessoas; criando pequenas concentrações, pequenos grupos, pequenas comunas e, sempre que possível, comunas maiores. Mas deixe que a coisa aconteça de modo bem silencioso, sem criar nenhum levante.

Você parece ser contra o comunismo como uma forma válida de organização social. Por quê?

Sou contra o comunismo, mas por uma estranha razão. A razão é que não existe nenhum comunismo. A palavra comunismo deriva de “comuna” – mas o comunismo não é comuna-ismo. Ele não se baseia na ideia de comunismo; pelo contrário, é simplesmente anticapitalismo. O nome pode dar a falsa noção de que é algo positivo, mas na verdade é apenas uma abordagem negativa; é anticapitalismo. E, no meu entender, nada que é basicamente negativo pode ajudar a evolução do homem.

É por causa disso que o ateísmo não ajudou a evolução do homem, da sua consciência; o seu crescimento. Ele é pura negatividade. Só dizer que Deus não existe e basear toda a sua filosofia na crença de um não deus é pura estupidez. A vida precisa de algo positivo. Na verdade, ela precisa de algo tão positivo que possa abranger também a negatividade, tão incrivelmente positivo que o negativo não precise ser excluído dele; em vez disso, possa ser absorvido.

Jesus disse, “Nem só de pão vive o homem”. Não posso concordar com ele, porque a maioria dos homens vive só de pão. A maioria dos seres humanos vive só de pão. Eu sei o que ele queria dizer. Não sou contra isso, não sou contra a sua afirmação. Ele queria dizer que o homem precisa de algo mais além do físico, algo mais além do corpo, algo mais elevado, transcendental, sem o qual ele pode vegetar, mas não viver. Eu apoio o que ele disse, mas essa afirmação é muito pobre.

Por que eu a mencionei? Quero fazer uma afirmação parecida, mas com um tremendo significado. Quero dizer que o homem não pode viver só do negativo. E o comunismo é só uma filosofia negativa, como o ateísmo.

Pense apenas: como você pode crescer cercado de não?

O crescimento precisa de vários degraus de sins. O não está morto; equivale à morte. A morte é o não supremo.

A vida é o sim supremo. A vida precisa da base de alguma filosofia positiva.

O comunismo não tem nada a oferecer.

Por que Karl Marx era contra o capitalismo? Não é que ele fosse contra o capitalismo; ele era um homem pobre e tinha muita inveja de quem era rico. Três gerações da família Marx tinham sido pobres. Ele próprio continuou desempregado e pobre durante toda a sua vida. É muito estranho: ele dependia de um amigo rico, mas escrevia contra o capitalismo. O amigo rico, Friedrich Engels, era capitalista e proprietário de fábricas. Ele sustentou Karl Marx e a família durante toda a vida dele, e Marx nunca trabalhou um único dia; ele não ganhava um centavo.

Engels deve ter sido um homem de grande compaixão. Ele era capaz de ver que o homem era um gênio e precisava de apoio.

Embora escrevesse contra o capitalismo, Marx era um grande lógico: ele convenceu Engels também de que o capitalismo era a causa de todos os problemas do mundo: “Se conseguirmos destruir o capitalismo e distribuirmos as riquezas igualmente entre as pessoas, todos os problemas desaparecerão”.

Karl Marx era basicamente um homem invejoso, racionalizando a sua inveja com termos bonitos. O remédio que ele propunha era falso. Em primeiro lugar, se você distribui as riquezas daqueles que são ricos para os pobres, qual será o resultado? Os pobres não se tornarão ricos, só os ricos ficarão pobres: você estará distribuindo pobreza. Sim, as pessoas não ficarão mais com inveja, porque todos serão igualmente pobres.

Eu sou contra a pobreza, por isso sou contra o comunismo. Quero que as pessoas sejam igualmente ricas, não igualmente pobres. Mas para isso é preciso uma abordagem totalmente diferente. Não é uma questão de distribuir a riqueza – porque não há muita riqueza para distribuir. Quantas pessoas são ricas? Talvez uns dois por cento.

Ora, a riqueza de dois por cento distribuída para noventa e oito por cento é só uma colherzinha de açúcar no oceano; não vai adoçá-lo. Você estará somente desperdiçando açúcar desnecessariamente. Pelo menos você podia antes dar uma xícara de chá para um homem, mas agora nem isso. Não que os outros estejam ganhando alguma coisa, mas eles vão gostar da ideia: “Agora ninguém mais toma chá, somos todos iguais”. Do contrário esse homem estaria tomando chá e todo mundo estaria com inveja.

As pessoas que acumularam riquezas têm um certo talento para isso. Você deve usar esse talento; deve torná-lo uma arte e ensiná-lo a todo mundo. Essas pessoas não devem ser castigadas porque acumularam riquezas.

Na sociedade aborígene, uma sociedade primitiva, da qual alguns fragmentos ainda estão vivos em alguns lugares da Terra, ninguém é pobre e ninguém é rico; claro que não existe inveja. Ninguém tem nada, todo mundo tem a mesma coisa: nada; mas ninguém está produzindo riquezas.

Na verdade, as pessoas que produzem riquezas estão criando uma urgência nos demais para criar riqueza também. Não destrua essas pessoas – utilize-as como símbolos. Elas dominam a arte de criar riqueza – faça com que essa arte esteja ao alcance de todos, eduque todo mundo. Ensinam economia nas universidades; seria muito melhor se ensinassem a arte de enriquecer – pois ensinar economia não ajuda ninguém a dominar a arte de enriquecer. Os alunos ganham medalhas de ouro na universidade e depois ninguém mais ouve falar deles.

Quando eu era professor, perguntei a um dos vice-chanceleres. “Você já pensou no que acontece com os medalhistas de ouro desta

universidade? Eles deveriam estar brilhando na sociedade. Qual é o propósito das medalhas de ouro? Um homem que fica em primeiro lugar numa universidade desaparece e nunca mais se ouve falar dele. O que acontece com ele? Isso mostra simplesmente a pobreza da medalha de ouro e a pobreza da educação universitária. Mesmo que ele chegasse ao topo do sistema acadêmico, o que ganharia com isso?

Perguntei uma vez a um professor de economia, “Você leciona economia há vinte ou trinta anos – o quanto enriqueceu?”

Ele disse, “Mas qual a relação entre enriquecer e dar aulas de economia?”

Eu disse, “A economia deveria ser o estudo do enriquecimento. Você é um professor pobre e, se trinta anos lecionando economia não fizeram com que descobrisse o segredo de criar riqueza, o que dirá dos seus alunos? Algum deles já ficou rico?” Não, a economia não se preocupa com isso; ela se preocupa com questões absolutamente teóricas, que nada tem a ver com a vida prática.

A ideia de Marx é a distribuição das riquezas. Por quê? A razão que ele propõe é psicologicamente errada, absolutamente errada. Sua razão é que todo ser humano é igual. Isso é um absurdo do ponto de vista psicológico. Como dizer que todo ser humano, que toda a humanidade é igual? Não existem nem dois indivíduos iguais! Cada indivíduo é único. Ele não pode ser igual a nenhum outro.

Ao dizer que todos os seres humanos são iguais, Karl Marx está destruindo o caráter único do indivíduo. É por isso que eu sou contra ele e contra toda a sua filosofia – porque eu defendo o caráter único de cada indivíduo. Não estou dizendo que uma pessoa é superior ou inferior a você. Lembre-se! Estou dizendo simplesmente que não se pode compará-lo a ninguém mais.

Você é você e o outro é o outro. Você não compara uma rosa a um lótus, você simplesmente diz que eles são diferentes. Dois indivíduos diferentes, embora ambos sejam seres humanos, são indivíduos únicos – incomparáveis.

Marx propõe essa ideia idiota – e ela foi aceita por todo mundo no mundo todo: comunistas, anticomunistas, todo mundo aceitou-a; até os capitalistas aceitaram a ideia de que todos os homens são iguais. Por que ninguém criticou essa ideia e combateu-a? Pela simples razão de que ela parece muito humanitária. Meu Deus! Para saber se uma coisa é verdadeira ou falsa, ela precisa ser julgada pela sua lógica ou pelo seu caráter humanitário? Então qualquer mentira que pareça humanitária tem que ser aceita. E dessa mentira de que todos os seres humanos são iguais, surgiu toda a estrutura do comunismo.

Ora, você sabe, é uma ideia muito simples de entender – a de que todo indivíduo tem graus diferentes de inteligência e dimensões diferentes de criatividade. Nem todo mundo pode ser poeta, nem todo mundo pode ser cientista, nem todo mundo pode ser pintor. E é bom que nem todo mundo possa, do contrário a vida perderia toda a sua alegria. A alegria da vida se deve ao caráter único de cada indivíduo – o fato de que ele é único, inimitável, insubstituível, de que seu lugar vai ficar vazio para sempre no dia em que ele se for. Ninguém pode ocupar esse lugar; pelo menos da maneira como ele o ocupou; só ele é capaz.

Marx tirou toda a dignidade humana do indivíduo. E sua ideia não deixou de ser astuta, pois ela afirma a igualdade de todos os seres humanos. Numa ideia tão bela de igualdade você não será capaz de detectar o que foi tirado de você. Mas ela faz de você um raio de uma roda, algo substituível. Ela coloca você numa linha de montagem de uma fábrica que produz carros e o mesmo carro continua sendo montado automaticamente.

A Ford produz um carro por minuto. A cada minuto, durante 24 horas, um carro passa pela linha de montagem. Mas o homem não é um mecanismo que possa ser montado; você não pode dividi-lo em partes e depois montá-lo novamente. Seria muito útil se você pudesse desmontar uma pessoa – limpar as peças e tudo o mais, substituir algumas lâmpadas aqui e outras ali, alguns fusíveis que se queimaram, algumas porcas e parafusos que ficaram frouxos ou apertados demais – e depois montar tudo novamente com uma nova bateria. Seria realmente bom, mas

também seria a maior calamidade que poderia acontecer. O ser humano desapareceria; seria apenas um robô movido a bateria. Seria muito simples: se ele quebrasse a mão, não haveria problema, as partes sobressalentes sempre estariam disponíveis. Bastaria que ele fosse a qualquer oficina e sua mão seria trocada; ele teria uma mão novinha em folha, sem problema nenhum!

Só de vez em quando ele teria um problema, quando estivesse dizendo a uma mulher: “Eu amo você” e depois “Grrrrr..... grrrrr..... grrrrr..... minha bateria está acabando....chame o mecânico!” Só de vez em quando ele teria dificuldade para falar, quando a bateria estivesse acabando. Ou talvez embutissem em você um pequeno marcador no pulso, que lhe avisasse o que estaria faltando, o que precisaria ser providenciado; se você está precisando de mais combustível ou água ou se seria preciso trocar o óleo. Seria mais simples – mas você não seria humano, seria um robô.

Marx, tornando todos iguais, está propondo uma filosofia que condena todos a se tornarem robôs – essa é a conclusão lógica da filosofia marxista.

Só os robôs podem ser iguais.

A dignidade do homem está em seu caráter único.

Mas, deixe-me repetir – porque existe uma grande possibilidade que me entendam mal –, não estou dizendo que existe alguém superior a você e alguém inferior. Estou simplesmente dizendo que a própria ideia de comparação não é válida; você é apenas você mesmo. Eu não posso falar que você é igual nem desigual. Entendeu? Não posso dizer que as pessoas são desiguais.

Essa é a crítica que os comunistas me fazem – acham que eu estou dizendo que as pessoas são desiguais. Isso é absolutamente injusto. Não estou dizendo que elas são desiguais. Estou dizendo que elas não são iguais; isso implica que não são desiguais também. A própria ideia de comparação não é válida. O homem é único. O homem não é só um

membro da sociedade, uma parte da sociedade. Ele é um indivíduo; um todo independente em si mesmo.

Simplesmente pense nisso desta maneira e você verá com total clareza: se alguém diz que todo mundo tem que escrever poesias, então, mesmo se algumas pessoas escreverem poesias melhores do que as suas, a poesia delas terá que ser distribuída em bases iguais às suas. Todo mundo tem que ser igualmente poeta, igualmente músico.

Você pode ver o absurdo disso. Se um grande músico, como Yehudi Menuhin, tem que se tornar igual a você, você não ganhará nada com isso, e aquele pobre sujeito perderá tudo. Você não tem capacidade para ser um grande músico. Ele tem um talento que nasceu com ele, que está na sua própria química, em sua própria fisiologia, em seu próprio ser. Você não tem essa química, essa fisiologia, esse ser. Os pais dele eram diferentes, os pais dos pais dele eram diferentes. Você não pode ter uma parcela dessa qualidade, isso é impossível. E isso destruirá todas as flores belas da vida humana. Mas você não pensa dessa maneira. Você acha que o grande músico é só ele mesmo; está fora de questão que outra pessoa tome as qualidades dele, divida-as e distribua-as.

O que você não entende é que, exatamente da mesma maneira, existem pessoas que têm talento para serem ricas. Nem todo mundo é Henry Ford e nem pode ser; e não há necessidade disso. Um Henry Ford já criou engarrafamentos suficientes, não precisamos de mais! Se houver muitos Henry Ford, sabe qual será o resultado? O resultado será que andar será mais rápido do que ir de carro. Já é mais rápido. Em cidades como Nova York, Bombaim, Tóquio e Calcutá, uma distância que você percorre em dez ou quinze minutos andando demora uma hora de carro.

Eu costumava ficar em Calcutá com um dos homens mais ricos, importantes e talentosos que conheci – Sahu Shantiprasad. Agora ele já morreu. O auditório onde eu costumava dar palestras e a casa dele ficavam a apenas dez minutos de distância um do outro, mas em sua limusine era imprevisível. Se a minha palestra começava às sete e meia, ele começava a ficar em pânico às cinco, dizendo para me aprontar.

Eu dizia, “Você está ficando louco! A palestra começa às sete e meia e é uma caminhada de dez minutos apenas. Se formos andando levaremos dez minutos”.

Mas ele dizia, “Não vamos andando. E o trânsito em Calcutá é tão caótico que você nunca sabe... Temos que sair com pelo menos uma hora e meia de antecedência”. E às vezes acontecia de chegarmos atrasados, mas outras vezes era cedo demais e ficávamos simplesmente sentados dentro do carro. Eu dizia, “Isso é uma idiotice, Sahu Shantiprasad”.

Mas ele dizia, “Eu não posso deixar você vir andando – você é meu hóspede”.

Eu dizia, “Isso é verdade, sou seu hóspede, mas eu tenho que ficar sentado no carro durante quatro horas se considerarmos a ida e a volta. É muito estranho, porque em quatro horas eu podia ir a Bombaim ou a Delhi, mas só vou a esse pobre auditório!

Se houvesse muitos Henry Fords, este mundo seria muito mais difícil do que é hoje em dia. Não, a natureza produz gente suficiente para cada propósito. A natureza tem um profundo senso de equilíbrio.

Por exemplo, quando as crianças nascem, para cada cem meninas hoje nascem cento e dez meninos. Fiquei surpreso ao ter essa informação. Por que a cada cem meninas nascem cento e dez meninos? A natureza é mais a favor dos homens? Não, não é isso. A natureza tem simplesmente senso de equilíbrio. Dez meninos morrem antes da idade de se casar. As meninas são mais resistentes a doenças; os meninos são mais fracos no que diz respeito a doenças. Eles podem ter força muscular – esse é um tipo diferente de força –, mas, no que diz respeito à resistência a doenças, quando se trata de doenças e morte, eles são menos fortes do que as mulheres.

Por isso cem meninas serão suficientes para cento e dez meninos, pois dez meninos terão morrido quando chegarem à idade de se casar – isso é algo que a natureza equilibra desde o início. Do contrário haveria noventa meninos para cem meninas. Dez garotas ficariam em dificuldade e criariam tanto problema para os noventa meninos que você nem pode

imaginar... Seria o caos. Essas dez garotas sem marido, sem namorado – você acha que elas se contentariam em se sentar e meditar? Elas começariam a roubar os maridos das outras e viraria o caos. Para evitar esse caos, a natureza tem que ficar alerta desde o início, providenciando dez meninos a mais, pois depois de um tempo eles morrerão.

Com tamanho senso de equilíbrio, a natureza também equilibrava outras coisas até o homem passar a interferir. Durante séculos, a população mundial permaneceu a mesma. Foi o ser humano que começou a interferir na natureza – por meio dos remédios, das novas invenções para aumentar a longevidade das pessoas. Agora criamos um problema mundial. A natureza estava mantendo o equilíbrio: as pessoas nasciam, mas um número suficiente delas morria. Era quase sempre igual. O que fizemos foi impedir que as pessoas morram, mas não impedimos que elas nasçam. O papa continua fazendo sermões, dizendo que o aborto é ilegal, que o controle de natalidade deve ser evitado.

Nos Estados Unidos, quando Ronald Reagan era presidente, houve na capital federal uma passeata de setenta mil pessoas exigindo que o aborto fosse declarado ilegal. Quando o presidente – olhe só esses políticos – era governador da Califórnia, ele tinha assinado um projeto de lei para a legalização do aborto, pois na Califórnia havia um grande movimento em favor de legalizá-lo. Ele assinou o projeto de lei, mas depois liderou uma marcha a favor da emenda constitucional, e o aborto foi declarado ilegal novamente, porque “era contra a religião e contra a vida”. Reagan iniciou esse protesto porque todos os ortodoxos do país estavam apoiando o movimento. Quando fez seu discurso, Reagan disse, “Em toda a minha vida só cometi um erro, e ele aconteceu quando fui governador da Califórnia e assinei esse projeto de lei. Foi o único erro que cometi”.

Os políticos podem virar a casaca com muita facilidade. Seja para que lado for que a massa se dirija, eles dão um jeito de pular na frente. Não podem perder, eles têm que ficar sempre muito alertas.

Eu disse muitas vezes que os líderes políticos são seguidores dos seus seguidores. O grande político é aquele que sabe para onde os seguidores

estão indo e se mantêm à frente deles. Não importa para onde se dirigem, ele precisa se manter à frente deles, para que eles sempre saibam que ele é o líder. Ele precisa manter todos os seus sentidos alertas, do contrário, um dia, ele olhará para trás e todos os seguidores terão se desviado para outra direção e ele ficará lá sozinho. Agora ele precisa correr, encontrar os seguidores e pular na frente deles outra vez. O que ele pode fazer? Ele não pode deixar de ser líder! Seu negócio é ser líder, não importa qual seja a causa. O que você quer? Não importa; tudo o que importa é que ele fique à sua frente.

Todas essas pessoas – os católicos, hindus, muçulmanos, judeus – que são contra o aborto e o controle de natalidade deveriam usar um pouco de lógica ao pensar nisso. Deveriam ser contra salvar pessoas também; assim haveria um pouco mais de equilíbrio. Mas ninguém pensa nisso.

Existem pessoas nos hospitais ocupando médicos e enfermeiras desnecessariamente. Eles precisam correr de um lado para o outro. Uma pessoa precisa do atendimento contínuo de um médico e de uma enfermeira, e também de muitos remédios. Outra está no oxigênio; se você desligar o oxigênio ela morre. Para que mantê-la viva? Qual o propósito de mantê-la viva? Por que torturá-la? Mas os médicos aprenderam que o objetivo deles é salvar vidas. Quem lhes ensinou foi Hipócrates, dois mil anos atrás, quando as mortes eram excessivas.

Agora esses tolos continuam fazendo o juramento de Hipócrates. Todo aluno de medicina faz este juramento: “Durante toda a minha vida tentarei salvar vidas”. Mas as coisas mudaram. Quando Hipócrates disse isso, de dez crianças, nove morriam antes de chegar aos 2 anos de idade; só uma sobrevivia. Claro que o homem estava dizendo algo importante, quando lhes disse para tentar salvar vidas, mas agora a situação é outra. Até em países como a Índia, de dez crianças, só uma morre. E todo esforço é feito para salvar essa vida também.

Dá para entender por que salvar uma criança; mas por que salvar pessoas idosas que já viveram o suficiente, sofreram, desfrutaram a vida, fizeram todo tipo de coisas, boas e más? Agora é hora de elas partirem;

deixe-as ir. Mas os médicos não podem fazer isso porque é ilegal. Eles não podem tirar o oxigênio, por isso continuam salvando os moribundos ou quase mortos. Nem o papa diz que essas pessoas deveriam ser libertadas de seus corpos. E que parte dos seus corpos ainda resta? Se o coração não funciona, colocam no lugar um marcapasso; se os pulmões não funcionam, se os rins não funcionam, um rim mecânico é colocado para fazer todo o trabalho. Mas qual é o propósito dessas pessoas? O que elas farão se continuarmos mantendo-as vivas dessa maneira?

Sim, elas podem no máximo manter algumas pessoas empregadas, mas isso é tudo. Mas que tipo de vida criativa elas vão levar? Que alegria elas podem sentir ao ver tudo o que é feito para elas? Tomam injeções o tempo todo. Não conseguem dormir, então tomam remédios contra insônia. Não conseguem acordar, então tomam medicamentos para que possam acordar. Mas por que razão? Por causa do juramento de Hipócrates? Que Hipócrates vá para o inferno! Ele não fazia ideia do que seu juramento poderia provocar!

Deveria haver algum movimento para que, quando as pessoas que viveram o suficiente tivessem o desejo de se libertar do seu corpo, os hospitais pudessem propiciar a elas uma morte agradável e conveniente. É muito sensato que todo hospital tenha uma ala especial, com todas as instalações necessárias para tornar a morte uma experiência agradável.

Em vez de remédios, um meditador deveria ensinar o moribundo a meditar, pois para ele a medicina não é mais necessária – é melhor ensiná-lo a relaxar e a sair pacificamente do seu corpo. Todo hospital precisa de meditadores – eles são essenciais –, assim como precisa de médicos. Até o dia de hoje os meditadores não foram necessários, pois só havia um objetivo: salvar vidas. Agora o objetivo é duplo: ajudar pessoas a morrer. Toda universidade deveria ter um departamento em que a meditação fosse ensinada para que as próprias pessoas pudessem se preparar. Quando a hora delas chegasse, elas estariam totalmente prontas para morrer com alegria, com celebração.

Mas o suicídio assistido é um crime. Isso seria considerado dessa maneira e eu seria acusado de ensinar coisas ilegais às pessoas. Mas o que mais posso fazer? Só posso dizer o que está absolutamente certo; se for legal ou ilegal, não dou a mínima. Minha preocupação é com a verdade, não com a lei. A verdade é que o ser humano tirou a vida, a natureza, do equilíbrio. Por favor, traga de volta esse equilíbrio. Seja parando de salvar crianças ou legalizando o aborto em todos os países, os métodos de controle de natalidade devem ser usados com sabedoria... na verdade, deveria ser crime não usá-los. Se alguém fosse pego deixando de usá-los, deveria ir para a cadeia.

Mas este é um mundo estranho: gere mais filhos e você terá um abatimento no imposto de renda. Que maravilha! O governo está incentivando você a ter mais filhos. Que tipo de lógica é essa? Se eu fizer uma lei, direi que você pagará mais impostos quanto mais filhos tiver. Os impostos dobrarão a cada filho que nasce. Tenha quantos filhos quiser, mas o imposto de renda vai dobrar – desse modo nem os ricos poderão ter muitos filhos, que dirá os pobres e a classe média. Só desse modo o controle de natalidade funcionará.

A mente de Karl Marx era de fato talentosa. Ele criou um movimento mundial – certamente superou Jesus. Isso é só uma competição entre judeus. Não é o negócio de ninguém, só judeus competindo. Freud criou um movimento mundial em prol da psicanálise, mas Marx está no topo. Quase metade da população foi comunista um dia – mas não ricos, muito pobres.

Você pode ver o que aconteceu na Alemanha. Logo depois do muro estava o mundo comunista. Na mesma Berlim que foi destruída na segunda guerra mundial, metade permaneceu livre e democrática e a outra metade foi tomada pelo comunismo. A metade que permaneceu independente, livre e capitalista, enriqueceu: tinha arranha-céus, belas estradas, tinha tudo. Era como se a segunda guerra nunca tivesse acontecido. Na Berlim ocidental, a segunda guerra não deixou rastro; na verdade, a guerra tornou tudo muito bom, pois tudo o que estava velho,

estragado, dilapidado foi destruído e construíram tudo novo. A Berlim ocidental tornou-se a cidade mais moderna, jovem e nova do mundo.

E o outro lado era triste e sombrio, como se a segunda guerra tivesse acabado de terminar; as pessoas moravam em barracões dilapidados. Toda a situação criou um belo contraste, uma oportunidade para vermos o que o comunismo era capaz de fazer e o que o capitalismo era capaz. Nem um único arranha-céu foi construído na parte comunista, nem um único prédio novo, nenhuma estrada nova, nenhuma fábrica – criatividade zero. Sim, eles tinham distribuído as riquezas – tornaram os ricos pobres. E os pobres não estavam em posição de criar riquezas novamente.

O comunismo se baseia numa ideia equivocada: a igualdade dos seres humanos. Os seres humanos não são iguais.

A segunda ideia é significativa; mas a interpretação que eu faço dela está correta, não a que Marx fazia. A segunda ideia diz, “Oportunidades iguais para todos”. É assim que deve ser – oportunidades iguais para todos, mas lembrando-se de que ninguém é igual a ninguém, por isso o modo como todo mundo vai aproveitar as oportunidades iguais será muito diferente. O resultado final são indivíduos tão diferentes uns dos outros que você mal pode imaginar agora.

De acordo com Marx, oportunidades iguais significam que os indivíduos serão todos iguais – igualmente ricos, igualmente inteligentes, igualmente saudáveis. Isso é puro absurdo, porque os seus pais não são os meus pais; você tem genes diferentes e programas diferentes no seu corpo. Ora, não há como mudar os genes, os programas – e coisas pequenas já fazem diferença.

Por isso oportunidades iguais são uma boa ideia e devemos tentar colocá-la em prática na medida do possível. Mas não devemos ser fanáticos por ela, pois, se você quer total igualdade de oportunidades, então você é um idiota; isso não é possível.

Deixe-me dar alguns exemplos bem simples: se você é o filho mais velho da família, então o mais jovem não pode ter as mesmas

oportunidades que o mais velho; não há como. Porque você foi o primeiro a chegar, claro que recebeu mais amor do seu pai e da sua mãe, pois você era uma novidade; então vieram outros filhos e a coisa deixou de ser novidade. O segundo filho nasceu, mas ele seria sempre o segundo. O primogênito, em todas as culturas, herda o dinheiro do pai. Por quê? Não é por acaso; ele recebeu mais amor do que os outros, pois foi o primeiro a chegar.

E o último filho terá uma posição diferente, pois ele é o menor, favorecido por todos, protegido por todos, todos os irmãos e toda a família. Mas os filhos do meio não estão em lugar nenhum, nem num extremo nem no outro. Eles não recebem a mesma atenção que o primogênito ou o caçula. O caçula será o favorito da família, pois não haverá outros filhos depois dele; ele é o último hóspede a chegar.

Como você pode dar oportunidades iguais a todos? Só se conseguir nascimentos simultâneos, de modo que a mãe dê à luz doze filhos ao mesmo tempo – oportunidades iguais.

Mas, desde o começo, não existem oportunidades iguais. Quando uma mulher engravida, nem ela nem o marido se dão conta de que começou uma corrida automobilística. Ninguém se dá conta disso. Quando os espermatozoides nadam em direção ao óvulo, é como qualquer corrida de carros: eles ficam numa fila esperando pela bandeirada e então disparam.

A célula da mãe, o óvulo no útero da mãe, está esperando e as células do corpo do pai, quando explodem no corpo da mãe, começam uma grande corrida – milhões de espermatozoides tentando alcançar o óvulo primeiro. Quem chegar primeiro é o vencedor; todos os outros morrerão. É uma questão de vida ou morte. Não é uma corrida comum, em que você é derrotado desta vez, mas na próxima tem outra chance. Não existe próxima vez – só uma única oportunidade para milhões de células vivas. Só uma vence, pois é assim que a coisa funciona. O óvulo da mãe tem uma capacidade natural para deixar só um espermatozoide entrar; depois ele fecha. Os outros ficam tentando entrar, mas em duas horas todos morrem.

E há perdas durante todo o percurso. E ele não é tão pequeno quanto você pensa, porque, para essas células diminutas, ele tem mais de três quilômetros, proporcionalmente. Se eles tivessem o nosso tamanho, o percurso seria de mais de três quilômetros. É uma tarefa e tanto, uma maratona! Claro, os mais fortes conseguem chegar.

Todos eles começam quase ao mesmo tempo, mas, desde a própria fecundação, as oportunidades são diferentes. Ninguém sabe quem eram aqueles que morreram, que tipo de pessoa eles seriam. Um deles poderia ter sido um Albert Einstein, um Ravi Shankar, um Michelangelo. Ninguém sabe nada sobre essas pobres pessoas que simplesmente morreram na primeira corrida de que participaram e não tiveram outra chance.

E, então, coisinhas pequenas na vida da criança... Você não pode considerá-las iguais. Por exemplo, quando Napoleão tinha 6 meses de vida, a enfermeira que cuidava dele o deixou sozinho por um instante e um gato selvagem pulou sobre ele; colocou as duas patas sobre o peito dele e o olhou nos olhos. Imediatamente a enfermeira voltou e afugentou o gato, mas Napoleão, durante a vida toda, teve medo de gatos. Ele não tinha medo de leões, podia enfrentar um deles de mãos vazias – sem problema nenhum –, mas diante de um gato ele simplesmente entrava em pânico.

Napoleão foi derrotado só uma vez – sua vida toda foi uma sucessão de vitórias. Só uma vez ele foi derrotado, por um general britânico que conhecia o seu ponto fraco. O general colocou setenta gatos na frente dele; ao ver os gatos, Napoleão ficou nervoso e esqueceu o que fazer ou não fazer. Não foi o general que venceu, foram os gatos.

Como você pode dar oportunidades iguais para todos? Ora, se um incidente tão pequeno pode ser tão fatal... Napoleão era um guerreiro valente diante de qualquer um, mas um covarde diante de um gato. O general inglês não fez nada demais, mas saiu vitorioso usando um pouco de psicologia, conhecendo o ponto fraco de Napoleão – quando ele via um gato, não conseguia pensar, simplesmente ficava paralisado. E,

quando Napoleão ficava nesse estado de nervos, claro que todo o seu exército ficava sem saber o que fazer; eles ficavam sem o comando do homem que representava a vida deles, que era sua luz e seu guia.

Ora, como você pode dar oportunidades iguais para todas as crianças do mundo? Isso é absolutamente impossível. Por isso não tente ver a lógica da ideia comunista – ela se torna absurda.

Sim, essa é a minha interpretação – e a minha interpretação é a de que todo mundo deve ter oportunidade para se educar, para ter comida, para ter roupas; oportunidade para fazer qualquer coisa que uma pessoa queira fazer. Não deve haver discriminação quanto a isso; oportunidades devem ser dadas a todos de acordo com seu talento e potencialidade. Mas isso não acontece no comunismo. Em nome de oportunidades iguais, todo mundo é forçado a permanecer no mínimo denominador comum, pois só assim todos podem ser iguais. Se você quiser ser igual no nível mais elevado, então precisa ser mais rico, mais abastado – e isso está faltando. Oportunidades iguais podem ser dadas, mas o que você faz com oportunidades iguais? Você precisa de pessoas que possam aproveitar essas oportunidades – e elas não precisam ser oportunidades parecidas, precisam ser oportunidades diferentes, igualmente diferentes.

Sou contra o comunismo porque ele é só uma filosofia negativa. Sou totalmente a favor do comuna-ismo. Esta deveria ser a palavra certa: comuna-ismo.

A comuna respeita o caráter único de cada indivíduo, respeita o talento de cada indivíduo, e tenta ajudar esse talento a crescer, a atingir todo o seu potencial.

Eu quero comunas no mundo todo, de modo que as nações aos poucos possam deixar de existir e só existam comunas. Pequenas unidades vivas de seres humanos, que total e alegremente ajudem todos a ser quem são.

Marx propôs a ditadura do proletariado, a ditadura dos pobres. Isso é estupidez. Eles são pobres, e se estiverem no poder deixarão todo mundo pobre. O que mais podem fazer?

Eu proponho uma ditadura dos iluminados. Ninguém a propôs até hoje. De vez em quando surge algo assim na minha mente maluca... Essa ideia eu cultivei a vida toda – a ditadura dos iluminados, porque, se ela é dos iluminados, não pode ser ditadura. É um termo contraditório. A pessoa iluminada não pode ser um ditador como Joseph Stalin ou Adolf Hitler.

Sim, a pessoa iluminada pode dar ordens a você, mas com base no amor, não com base no poder – ela não tem nenhum poder –, com base na intuição, porque ela tem olhos para ver e sente o potencial das pessoas.

Seus ditames só podem ser considerados sugestões, conselhos, orientações. Só na ditadura dos iluminados existe uma possibilidade de uma democracia real, autêntica, e também do florescimento verdadeiro do comuna-ismo: igualdade pela distribuição das riquezas, não da pobreza; destruição da pobreza em suas próprias raízes e elevação de todos à riqueza.

Meu comuna-ismo é um estado superior de capitalismo. O comunismo de Marx é contra o capitalismo. Meu comuna-ismo é capaz de incorporar o capitalismo, aproveitando-o como um instrumento, um degrau.

* De acordo com o código penal brasileiro, a tentativa de suicídio não é punida porque o legislador entende que a própria vontade, a doença ou outro motivo já é considerado uma punição.

Epílogo: um manifesto de uma só humanidade



O novo ser humano contém toda a minha filosofia sobre a vida e sobre como ela deveria ser – vivida em sua totalidade, intensamente, integralmente, de modo que não nos arrastemos simplesmente do berço à sepultura, mas possamos fazer de cada momento uma grande alegria – uma canção, uma dança, uma celebração.

O ser humano obsoleto que existiu até agora está no seu leito de morte. Ele já sofreu muito; precisa de toda a nossa compaixão. Ele foi condicionado a viver infeliz, sofrendo, torturando a si mesmo. Fizeram-lhe uma promessa: notas promissórias para obter grandes recompensas depois da morte – quanto mais ele sofrer, mais se torturar, mais masoquista for, mais destruir a própria dignidade, mais será recompensado.

Esse era um conceito muito conveniente para todos os interesses escusos, pois o homem que está pronto para sofrer pode ser facilmente escravizado. O homem que está pronto para sacrificar o dia de hoje em favor de um amanhã desconhecido já declarou sua inclinação para ser escravizado. O futuro se torna seu cativo. E durante milhares de anos, o ser humano viveu só de esperança, imaginando, tecendo sonhos, criando utopias, mas não a realidade. E não existe outra vida que não seja a vida desta realidade, a vida que existe neste momento.

O novo homem é uma rebelião, uma revolta, uma revolução contra todos os condicionamentos que podem escravizá-lo, oprimi-lo, explorá-

lo, dar a ele apenas esperança num céu fictício, amedrontá-lo, chantageá-lo com outro fenômeno fictício: o inferno. Todos os antigos modos de vida estavam estranhamente de acordo num ponto: que o homem é um animal sacrificado no altar de um Deus fictício.

Houve ocasiões em que o homem foi de fato sacrificado, estripado diante de estátuas de pedra. Embora ninguém ouse fazer tal coisa nos dias de hoje, psicologicamente a situação não mudou. O homem ainda é sacrificado em nome do comunismo ou em nome do capitalismo ou em nome de uma raça ariana, em nome do islamismo, em nome do cristianismo, em nome do hinduísmo. Em vez de deuses de pedra, agora existem apenas palavras falsas, sem sentido. Mas o homem aceitou viver assim pela simples razão de que toda criança nasce em meio a uma multidão que já está condicionada. Os professores estão condicionados, os pais estão condicionados, os vizinhos estão condicionados; e as crianças pequenas estão desamparadas – elas não conseguem imaginar uma alternativa que não seja fazer parte da multidão.

O ser humano antigo era uma multidão, um raio da roda; ele não tinha individualidade. Os representantes de interesses particulares tomaram todo cuidado para destruir o autorrespeito, a dignidade, a alegria e a gratidão que sentimos por sermos seres humanos – a mais elevada criação num longo caminho de evolução... a glória suprema.

Essas ideias eram perigosas. Se um homem tem algum respeito por si, alguma dignidade como ser humano, ele não pode ser reduzido a ser um escravo; você não pode destruir a alma dele e torná-lo um robô. Até hoje, o ser humano só fingiu viver – a vida dele foi só hipotética.

O novo ser humano é uma revolta contra o passado.

Ele é a declaração de que vamos criar um novo modo de vida, novos valores de vida; de que estamos destinados a cumprir novas metas – estrelas distantes são o nosso alvo. E não vamos deixar que ninguém nos sacrifique em prol de um nome bonito. Vamos viver a nossa vida, não de acordo com ideais, mas de acordo com os nossos próprios anseios, com as nossas próprias intuições apaixonadas. E vamos viver um instante de

cada vez; não vamos mais nos deixar iludir pelo amanhã e pelas promessas para o amanhã.

O novo ser humano contém todo o futuro da humanidade. O ser humano antigo está condenado à morte. Ele preparou sua própria sepultura – está cavando a cada dia, cada vez mais fundo. Armas nucleares e todas as medidas destrutivas são uma preparação para o suicídio global. O homem antigo decidiu morrer. Cabe às pessoas inteligentes deste mundo desligarem-se do homem antigo antes que ele as destrua também... desligarem-se das antigas tradições, das antigas religiões, das antigas nações, das antigas ideologias.

Pela primeira vez, o antigo não é mais valioso nem melhor. O antigo é o cadáver putrefato de um passado vil. É uma grande responsabilidade para a nova geração, para os jovens, renunciar ao passado. No passado, as religiões costumavam ensinar as pessoas a renunciar ao mundo. Eu ensino você a amar o mundo, de modo que ele possa ser salvo, e renunciar ao passado total e irrevogavelmente, interrompê-lo.

O novo ser humano não é um melhoramento do antigo; ele não é um fenômeno contínuo, nem um aperfeiçoamento. O novo ser humano é a declaração de morte do antigo e o nascimento de um ser humano totalmente novo – não condicionado, sem nenhuma nação, sem nenhuma religião, sem nenhum preconceito de homem ou mulher, de branco ou de negro, de Oriente ou Ocidente, de Norte ou de Sul.

O novo homem é um manifesto de uma única humanidade. É a maior revolução que o mundo já viu.

Você já ouviu falar do milagre de Moisés: dividir o oceano em duas partes. Esse milagre não é nada. Eu quero dividir a humanidade, todo o oceano da humanidade em duas partes: o antigo e o novo.

O novo amará esta vida, este mundo. O novo aprenderá a arte de viver, de amar e de morrer. O novo não se preocupará com céu e inferno, pecado e virtude. O novo homem se preocupará em aumentar as alegrias da vida, os prazeres da vida – mais flores, mais beleza, mais humanidade,

mais compaixão. E temos a capacidade e o potencial para tornar esse planeta um paraíso, e fazer desse momento o maior êxtase da nossa vida.

Deixe o antigo morrer, deixe o antigo ser liderado por pessoas como Ronald Reagan. Deixe os cegos guiarem os cegos.

Mas aqueles que têm um espírito mais jovem – e quando eu digo “um espírito mais jovem”, isso inclui até os velhos que não são velhos em espírito; e não inclui os jovens que não são jovens em espírito. Os espiritualmente jovens serão o novo homem.

O novo homem não é uma esperança. Ele já foi concebido e está no útero da humanidade.

Minha tarefa é apenas tornar você consciente de que o novo homem já chegou. Minha tarefa é ajudar você a reconhecê-lo e a respeitá-lo. Você só tem que espanar a poeira que se acumulou durante eras no espelho da sua consciência.

O novo ser humano não é alguém vindo de outro planeta. O novo ser humano é você renovado, no silêncio do seu coração, nas profundezas da meditação, nos belos espaços do amor, nas canções de alegria, nas danças de êxtase, no amor a este planeta. Nenhuma religião o ensina a amar a Terra – e esta Terra é a sua mãe, e estas árvores são suas irmãs e estas estrelas são suas amigas.

Na minha visão, você já está no caminho para o novo ser humano. Já começou a jornada, embora não esteja ainda totalmente desperto; mas quando você vir o antigo ser humano se aproximando cada vez mais da própria sepultura, ficará fácil, para você, renunciar aos seus modos de vida, suas igrejas, suas sinagogas, seus templos, seus deuses, suas santas escrituras.

Suas santas escrituras são, na verdade, a sua vida inteira, e ninguém mais pode escrevê-las – só você. Você nasce como um livro vazio e depende de você o que fazer com ele. Nascer não é o mesmo que viver; é só uma oportunidade que lhe dão para criar a vida... para criar uma vida tão bela, gloriosa e amorosa quanto você pode imaginar, quanto você pode sonhar.

Os sonhos do novo ser humano e a sua realidade serão uma coisa só, porque os sonhos dele estarão enraizados aqui na Terra. Eles trarão flores e frutos. Não serão apenas sonhos – farão do mundo uma terra de sonho.

Perceba a responsabilidade. O ser humano nunca se viu diante de uma responsabilidade tão grande; a responsabilidade de renunciar a todo o passado, a apagá-lo do seu ser.

Seja Adão e Eva outra vez e deixe esta Terra ser o Jardim do Éden; e então nós veremos quem é Deus e quem tem coragem de tirar o ser humano desse Jardim! Será o nosso jardim e, se Deus quiser ficar no nosso jardim, Ele terá que bater na nossa porta.

Esta Terra pode ser um esplendor, uma magia, um milagre. Nossas mãos têm esse toque – o que acontece é que nunca tentamos. O homem nunca deu ao seu potencial uma chance para crescer, para florir, para atingir a plenitude, o total contentamento, para encher a Terra de flores, encher a Terra com sua fragrância. Para mim essa fragrância é a divindade.

O novo ser humano não reverenciará um Deus como um criador do mundo; o novo ser humano criará Deus como uma fragrância, como beleza, como amor, como verdade. Até agora Deus tem sido o criador; para o novo ser humano, o ser humano será o criador; e Deus vai ser criado. Podemos criar a divindade – está em nossas mãos.

É por isso que eu digo que o novo ser humano é a maior revolução que já aconteceu neste mundo. E não há meio de evitá-la, pois o ser humano antigo está fadado à morte, determinado a cometer suicídio. Deixe que ele morra em paz. Aqueles que têm um espírito rebelde deveriam apenas se ligar uns aos outros e eles seriam os salvadores, criariam uma nova Arca de Noé, começariam um novo mundo. E porque conhecemos o velho mundo e suas misérias, podemos evitar todas essas misérias; podemos evitar toda inveja, toda raiva, todas as guerras, todas as tendências destrutivas...

Podemos passar por uma transformação total: podemos criar pessoas inocentes, pessoas amorosas, pessoas que respiram liberdade, pessoas que

ajudam umas às outras a serem livres. Podemos criar condições para que todos tenham dignidade, todos sejam respeitados – não de acordo com alguns ideais e valores, mas pelo que a pessoa é.

O novo ser humano será o sal da terra.

Você pode falar mais um pouco sobre as qualidades de um rebelde? É a mesma coisa que o “novo ser humano”?

As qualidades do rebelde são multidimensionais. Primeiro, o rebelde não acredita em nada a não ser na própria experiência. A verdade dele é sua única verdade; nenhum profeta, nenhum messias, nenhum salvador, nenhuma santa escritura, nenhuma tradição antiga pode lhe dar a verdade. Eles podem falar sobre a verdade, podem fazer muito estardalhaço sobre a verdade, mas saber sobre a verdade não é conhecer a verdade. Saber sobre a verdade é o mesmo que tecer comentários em torno dela. Mas quem fica em torno nunca chega ao centro.

O rebelde não tem sistema de crença – crente ou ateu, hindu ou cristão. Ele é um investigador, um buscador. Mas é preciso entender algo bastante sutil: o rebelde não é um egoísta. O egoísta também não quer pertencer a nenhuma igreja, a nenhuma ideologia, a nenhum sistema de crença, mas a razão para ele não querer pertencer é completamente diferente da razão do rebelde. O egoísta não quer pertencer porque pensa demais em si mesmo. Ele é egocêntrico; só consegue ficar sozinho.

O rebelde não é egoísta, é totalmente inocente. A sua descrença não é uma atitude arrogante, mas uma abordagem humilde. Ele está simplesmente dizendo, “A menos que eu encontre a minha própria verdade, todas as verdades que emprestei dos outros são como um fardo para mim, elas não vão me libertar. Posso me tornar uma pessoa instruída, mas não conhecerei nada com o meu próprio ser. Não serei testemunha de nenhuma experiência”. O rebelde não pertence a nenhuma igreja, a nenhuma organização, porque não quer ser apenas um imitador. Ele quer permanecer puro e imaculado para que possa buscar sem nenhum preconceito, de modo que possa permanecer aberto e sem

nenhuma ideia preconcebida. Mas toda a abordagem é de uma pessoa humilde.

Um rebelde respeita sua própria independência e também respeita a independência de todas as outras pessoas. Ele respeita a sua própria divindade e respeita a divindade de todo o universo. Todo o universo é seu templo – é por isso que ele abandonou os pequenos templos feitos pelo homem. Todo o universo são suas sagradas escrituras – é por isso que ele abandonou todas as sagradas estruturas escritas pelo homem. Mas não é por arrogância, é para empreender uma humilde busca. O rebelde é tão inocente quanto uma criança.

A segunda dimensão será não viver no passado, que não existe mais, e não viver no futuro, que não existe ainda, mas viver no presente com a máxima consciência e espírito alerta que se possa conseguir. Em outras palavras, viver consciente no momento. Normalmente vivemos como sonâmbulos. O rebelde tenta viver uma vida de consciência. A consciência é sua religião, a consciência é sua filosofia, a consciência é seu modo de vida.

A terceira dimensão é que o rebelde não está interessado em dominar os outros. Ele não tem avidez pelo poder, porque essa é a coisa mais feia do mundo. A avidez por poder destruiu a humanidade e não permite que ela seja mais criativa, que seja mais bela, que seja mais saudável, que seja mais inteira. E é essa avidez pelo poder que acaba levando aos conflitos, às competições, à inveja e finalmente às guerras.

A avidez por poder é a base de todas as guerras. Se você observar a história humana... toda a história humana não passa de uma história de guerras, do ser humano matando o ser humano. As razões mudaram, mas a mortandade continua. Parece que as razões são apenas desculpas. O fato real é que o ser humano gosta de matar.

Numa fábula de Esopo – e essas são as melhores fábulas do mundo, muito simples e cheias de significado –, uma ovelhinha está bebendo água de um riacho das montanhas, com água limpa e cristalina. Um leão enorme se aproxima e, naturalmente, se interessa pela ovelha – é hora do

café da manhã. Mas ele tem que encontrar uma desculpa para o seu comportamento, então diz à ovelha, “Você está sujando o riacho. Não entende que eu sou o rei da selva?”

A pobre ovelhinha diz, “Mas Sua Alteza, estou bebendo água num trecho mais abaixo do rio, por isso, mesmo que eu suje a água, ela está correndo rio abaixo – não na sua direção. O senhor está tornandoa suja e eu estou bebendo essa água. Por isso sua lógica está errada”.

O leão viu que a ovelha tinha razão e ficou com muita raiva. Disse, “Você não tem respeito pelos mais velhos. Está discutindo comigo”.

A pobre ovelha rebateu, “Não estou discutindo, estou simplesmente constatando um fato. O senhor pode ver para onde a água está correndo”.

O leão se calou por um momento e então disse, “Agora eu me lembro. Você pertence a uma família muito pouco instruída e mal educada. O seu pai me insultou ontem”.

A pobre ovelha disse, “O senhor deve estar falando de outra pessoa, porque o meu pai morreu há três meses e o senhor deve saber que ele está na sua barriga. Ele não está mais vivo porque o senhor o almoçou. Como ele pode tê-lo desrespeitado? Ele está morto!”

Aquilo foi demais. O leão pulou sobre a ovelha e agarrou-a, dizendo, “Você não tem modos, não conhece as regras de etiqueta, não sabe se comportar”.

A ovelha disse, “O fato é que é hora do almoço. Simplesmente me devore, não precisa inventar mais desculpas”.

Uma fábula tão simples! Esopo fez milagres. Ele disse muita coisa sobre o ser humano.

Um rebelde vive simplesmente no momento, com percepção, sem nenhum desejo de dominar. Ele não tem nenhuma ânsia de poder. É um cientista da alma – essa é a quarta dimensão. Assim como a ciência usa a dúvida, o ceticismo, a investigação, ele usa os mesmos métodos para a busca interior. A ciência os usa para a realidade objetiva, ele os usa para sua própria subjetividade. Mas ele não condena a dúvida, não condena o ceticismo, não condena a desobediência, não condena uma abordagem

descrente da realidade. Ele mergulha dentro do seu próprio ser com uma mente científica.

A religião do rebelde não é supersticiosa, é científica. Sua religião não é a busca de Deus, porque começar com Deus significa que você já aceitou a crença e, se aceitou a crença, a sua busca está contaminada desde o princípio.

O rebelde penetra no seu mundo interior de olhos abertos, sem nenhuma ideia do que está procurando. Ele continua polindo sua inteligência. Continua tornando seu silêncio mais profundo, sua meditação mais profunda, para que o que quer que esteja oculto dentro dele venha à superfície; mas ele não tem ideias preconcebidas sobre o que está procurando.

Ele é basicamente um agnóstico. Essa palavra tem que ser lembrada, pois ela descreve uma das qualidades mais básicas. Existem crentes que acreditam em Deus, existem ateus que não acreditam em Deus e existem agnósticos que simplesmente dizem, “Não sabemos ainda. Vamos buscar, então vamos ver. Não podemos dizer nada antes de termos procurado em todos os recônditos do nosso ser”. O rebelde começa com “eu não sei”. É por isso que eu digo que ele é como uma criança pequena, inocente.

Dois garotinhos discutiam sobre a possibilidade de fugir de casa. “Mas se os nossos pais nos pegarem, vão bater em nós”, disse um deles.

“Então batemos neles também”, disse o outro.

“Mas não podemos fazer isso! A Bíblia diz que temos que honrar pai e mãe.”

“Tudo bem, então eu bato no seu pai e você bate no meu.”

Uma solução simples e inocente, sem nenhuma dificuldade!

O rebelde vive uma inocência infantil, e a inocência é o mais misterioso dos fenômenos. Ela abre as portas de todos os segredos da vida.

Só uma pessoa rebelde é realmente revolucionária e é verdadeiramente religiosa. Ela não cria uma organização, não cria um séquito, ela não cria igrejas.

Mas é possível que rebeldes possam ser companheiros de viagem; possam apreciar a companhia uns dos outros, possam gostar de dançar juntos, de cantar juntos, de chorar juntos, para sentir a imensidão da existência e a eternidade da vida juntos. Eles podem se fundir num tipo de comunhão sem ter que renunciar à própria individualidade; pelo contrário, a comunhão de rebeldes fortalece a individualidade de todos, nutre a individualidade de todos, dá dignidade e respeito à individualidade de todos.

Sobre o Autor



Os ensinamentos transmitidos por Osho desafiam categorizações, abrangendo desde buscas individuais por significado até assuntos sociais e políticos mais urgentes da sociedade atual. Seus livros não são escritos, mas transcrições de gravações em áudio e vídeo de suas conversas e palestras feitas de improviso a plateias formadas por pessoas de várias partes do mundo, cobrindo um período de 35 anos. Osho foi descrito pelo *Sunday Times*, de Londres, como um dos “mil criadores do século XX”, e pelo autor americano Tom Robbins como “o homem mais perigoso desde Jesus Cristo”.

Sobre o seu próprio trabalho, Osho disse que está ajudando a criar as condições para o nascimento de um novo tipo de ser humano. Frequentemente ele caracterizou esse novo ser humano como “Zorba, o Buda” – capaz tanto de desfrutar os prazeres da terra, como Zorba, o Grego, como de desfrutar a silenciosa serenidade, como Gautama Buda. Como um fio de ligação percorrendo todos os aspectos do trabalho de Osho, há uma visão que engloba tanto a sabedoria perene do Oriente como o potencial mais elevado da ciência e da tecnologia ocidentais.

Osho também é conhecido pela sua revolucionária contribuição à ciência da transformação interior, com uma abordagem de meditação que leva em conta o ritmo acelerado da vida contemporânea. Suas singulares meditações ativas são estruturadas de modo a primeiro aliviar as tensões acumuladas no corpo e na mente, para que então fique mais fácil experimentar um estado meditativo relaxado e livre de pensamentos.

Uma obra autobiográfica de Osho foi publicada pela Editora Cultrix,
Autobiografia de um Místico Espiritualmente Incorreto.

Sobre o Resort **OSHO®** de Meditação



O Resort **OSHO®** de Meditação é um excelente lugar para desfrutar as férias e também um lugar onde as pessoas podem ter uma experiência direta de uma nova maneira de viver, com mais atenção, relaxamento e diversão. Localizado em Puna, Índia, a aproximadamente 160 quilômetros a sudeste de Mumbai, o resort oferece uma variedade de programas aos milhares de pessoas que o visitam a cada ano, procedentes de mais de cem países. Originalmente desenvolvida como um retiro de verão para marajás e colonialistas britânicos de alto poder aquisitivo, Puna é agora uma cidade próspera, moderna, que abriga inúmeras universidades e indústrias de alta tecnologia. O Resort de Meditação se estende por mais de quarenta acres, em um arborizado bairro residencial conhecido como Koregaon Park. Embora dentro do *campus* as acomodações para visitantes sejam limitadas, há um grande número de hotéis e apartamentos próximos, disponíveis para permanência de alguns dias a vários meses.

Todos os programas do Resort de Meditação se baseiam na visão de Osho de um tipo qualitativamente novo de ser humano, capaz tanto de participar de modo criativo na vida diária como de relaxar no silêncio e na meditação. A maioria dos programas acontece em acomodações modernas com ar condicionado, e inclui uma variedade de sessões individuais, cursos e *workshops* que abrangem artes criativas, tratamentos holísticos de saúde, processos de transformação pessoal e

terapia, ciências esotéricas, a abordagem “zen” nos esportes e na recreação, temas de relacionamento e de transições importantes na vida de homens e mulheres. As sessões individuais e os *workshops* são oferecidos durante todo o ano, juntamente com uma extensa programação diária de meditação. Restaurantes e cafés ao ar livre dentro do resort servem tanto comidas indianas tradicionais como uma variedade de pratos internacionais, todos feitos com vegetais produzidos organicamente na própria fazenda do resort. O *campus* tem seu próprio suprimento de água filtrada de boa qualidade. www.osho.com/resort.

Para maiores informações: www.OSHO.com

Nesse site abrangente, escrito em várias línguas, que inclui uma revista, palestras do Osho em áudio e vídeo, arquivos da biblioteca em inglês e híndi, além de muitas informações sobre as meditações do Osho. Você também encontrará um calendário com os cursos oferecidos e informações sobre o Resort OSHO® de Meditação.

OSHO International Foundation
www.osho.com/oshointernational

**transformando crises
em oportunidades**

*O grande desafio para criar
um futuro dourado para a humanidade*

OSHO

Cultrix